

Vale-Protótipo©

Este livro vale 55 jupits (Nova Conversão de Moeda na Bolsa Jupiter atualizada em 7/9/2022)

Para ativar o vale djupits do seu livro, scanize com o seu telefone o código em baixo ou siga as instruções manuais a seguir.



O código em baixo é um protótipo e ainda não funciona. Não precisa de ativar. Quando o nosso domínio/ aplicação estiver pronto e a Conta Jupiter estiver em pleno funcionamento o seu vale será automaticamente acionado, gerando 55 jupits na sua Conta Jupiter e o seu Cartão Jupiter será enviado para o seu email. Guarde as suas jupits. Não vai ficar sem elas. Elas são suas. Poderá consultar a atualização dos eventos da Jupiter Agenda na página da Jupiter Editions em Member Readers em www.jupitereditions.com

Política de Privacidade

Quando comprou o livro, o leitor teve de consentir que a Jupiter Editions armazenasse os dados pessoais como o email e telefone para efeitos de comunicação e gestão da Conta Jupiter e emissão do Cartão Jupiter com os dados do leitor. A Jupiter Editions não trata, não cede nem vende os seus dados pessoais a terceiros. A Jupiter Editions protege os seus dados. A qualquer momento poderá enviar um email para manager@.jupitereditions.com com o código-assunto “DATA” exercendo o seu Direito ao Esquecimento, solicitando o apagamento dos seus dados no nosso sistema informático ou solicitando a portabilidade dos seus dados conforme a Política de Privacidade que pode ser consultada online em www.jupitereditions.com

**Poderá aceder à sua Conta Jupiter e falar com outros
Member Readers**

**Poderá inscrever-se nos eventos da Jupiter Agenda
com as suas jupits em www.jupitereditions.com**

Member Readers in JUPITEREDITIONS.COM

**Você é um Member Reader
da Jupiter Editions**

O seu livro é um passaporte.

***O seu passaporte vale em toda a sociedade
Jupiter e perante os parceiros da sociedade Jupiter***

Há Direitos e Deveres dos Member Readers.

Leia sobre os seus direitos

Leia sobre os seus deveres e sobre *o Código dos
Direitos de Autor e Direitos Conexos*

© Ralf Kleba-Kodak
TARGET – A PEGADA DIGITAL

Printed by Konica Minolta

Editado por Jupiter Editions

1ª Edição

1ª Ordem da 1ª Impressão ◆ 1 exemplar
18/11/2020 Edição de Luxo de Autor de 20 livros ◆ 1 exemplar
Revisto por Antoine Canary-Wharf

A 1ª Ordem e 1ª Impressão foi revista e editada pelo próprio autor. Ralf Kleba-Kodak e Antoine Canary-Wharf são dois pseudónimos de Raul Catulo Morais. A presente obra apresenta naturais erros por não ter sido editada nem revista por um Revisor Oficial e ter sido imprimida durante o Processo de 1ª Experiência de Artes Editoriais e de Impressão do Autor e da Jupiter Editions, marca criada e fundada pelo próprio autor na ocasião do Registo dos seus primeiros 9 livros que escreveu ao mesmo tempo com 9 pseudónimos e que por isso decidiu fundar a marca Jupiter Editions. A marca Jupiter Editions é uma marca registada editorial de cinema e realização para a comercialização de livros, teatros, filmes e jogos bem como a organização, realização e filmagem de eventos culturais e desportivos, incluindo os de feira e de museu.

A presente obra foi publicada pelas mãos do próprio autor nos Illuminnatti Games da Jupiter Editions conforme o Processo Maçónico de Vazamento das 9 obras do autor.

Custas pelos erros.

«Os erros são humanos e existem para serem editados. Os meus erros provam que sou um humano e que não sou um robot. Os meus erros tornaram-se valiosos, porque eu entreguei os meus erros ao mercado. Fiz valor com os meus próprios erros. Valorizei-os. Errar é um Processo Básico Natural Humano.» Raul Catulo Morais 7/09/2022

Jupiter Editions é a primeira chancela editorial da sociedade Jupiter.

Pela Ocasão da Fundação da Jupiter Editions e para a comercialização dos livros foi aberta a Sociedade Jupiter Saturn Por Quotas que o autor fundou no seu relacionamento amoroso, ficando como sócio e gerente o seu amor-marido. Com a separação amorosa e com o fecho da Sociedade Jupiter Saturn, ficou o autor como proprietário legítimo da marca e do site Jupiter Editions continuando sozinho o projeto com a força espiritual dos Angels. Nas novas obras durante os Illuminnatti Games o autor transformou o seu ex-marido numa personagem, o DK. Na teoria dos jogos conspiratórios contra os jogos maçónicos relatados nas obras da Jupiter Editions criou-se a estranha teoria de que o DK seria um angel-demónio secreto na Rede Secreta dos Angels e que se afastou do projeto para dar uma certa força ao próprio projeto. Há quem acredite que o “divórcio” foi um divórcio simulado que fez parte do Teatro Maçónico do fecho da Sociedade. Verdade ou mentira é que o autor separou-se de facto e continuou sozinho o projeto. 7/09/2022

Jupiter Saturn Neptune NEW-ORBITIONS-EDITIONS, Lda.
Avenida D. João II 50 Edifício Mar Vermelho,
Parque das Nações, Lisboa, 1990-095 Lisboa

Capital social: 120.000,00€
Matrícula: 515966207

Obra iniciada em novembro de 2019 e concluída em janeiro de 2020 com data de diferimento de Registo Oficial de Obra de 14/02/2020. Obra escrita ao mesmo tempo em Internet das Coisas com as primeiras 9 obras do autor. Obra vazada pelas mãos do próprio autor in Illuminnatti Games em 9/9/2022 e republicada com Edição das Páginas de Apresentação em 10/9/2022. Raul Catulo Morais

Porque não temos ISBN nem Código de Barras?

O Sistema ISBN não é obrigatório. Simplesmente é um elemento essencial para o livro circular no mercado livreiro, no mercado das bibliotecas, para facilitar a sua localização e recuperação e a transmissão de dados em sistemas automatizados. Os livros da Jupiter Editions são exclusivos, sendo encomendados e como tal estão fora do mercado livreiro, pelo que não necessitam de um ISBN. Porquanto a Jupiter Editions venda os seus livros diretamente ao leitor a partir da sua loja online também não está obrigada a ter um código de barras.

Porque não temos que comunicar sobre promoções e baixas de preço?

De acordo com o artigo 6º da Lei do Preço Fixo do Livro quem publicar um livro com vista a ser difundido por correspondência ou assinatura, ou qualquer outro circuito que não o da venda a retalho não está sujeito à LPFL.

Porque não aceitamos devoluções?

Decorre do artigo 18º da Lei 144/2015 de 8 setembro que em caso de conflito de consumo, o leitor pode recorrer a uma entidade de resolução alternativa de litígios de consumo. Para evitar conflitos de consumo, é importante o leitor saber que a Jupiter Editions não aceita trocas nem devoluções dos seus livros uma vez comprados e abertos pelo leitor, pelo que o Direito ao Arrependimento do leitor, não pode valer quando compra e recebe um livro, pelas razões que são óbvias e que decorrem da própria natureza de um livro. Tal como, o Direito ao Arrependimento não pode valer para um filme, também não pode valer para um livro. No entanto, a Jupiter Editions admite que o leitor possa arrepender-se da compra feita e recusar-se a receber o livro em casa. Se o leitor se recusar a receber o livro em casa, não o abrindo, a Jupiter Editions admite, neste caso, a devolução do preço do livro subtraído aos custos de envio, de retorno e de impressão do livro. Para mais informações consulte www.consumidor.pt. No caso de conflitos de consumo fora de Portugal e dentro da EU deve recorrer ao CEC – Centro europeu do Consumidor <https://cec.consumidor.pt/>

CÓDIGO DOS DIREITOS DE AUTOR E DIREITOS CONEXOS

DEVERES E RESPONSABILIDADES JURÍDICO-PENAIIS DOS MEMBER READERS E DOS PROMOTORES E AGENTES DA SOCIEDADE JUPITER E DA JUPITER EDITIONS

1ª

Os Member Readers sabem que têm em mãos uma obra protegida por direitos de autor, podendo naturalmente promover e partilhar o livro, mas devendo sempre fazer menção ao autor.

2ª

O que se espera dos Member Readers, é que possam tirar o maior partido do livro, desfrutar inteiramente da leitura e do espírito do leitor, promoverem o livro, se assim o entenderem, mas sem violar os direitos de autor e sem pôr em crise ou frustrar todo o esforço e trabalho intelectual do autor.

Fale com o autor no Instagram ou no Facebook. Certamente que responderá tão breve assim que veja a sua mensagem. No entanto, se a sua mensagem não for entregue por causa de um algoritmo do Facebook ou do Instagram, fale connosco, fale com a Jupiter Editions e nós entraremos o mais rápido possível em contacto com o autor a solicitar o seu pedido e iremos pô-lo diretamente em contacto com o autor.

DIREITOS E VANTAGENS MONETÁRIO-SOCIAIS DOS MEMBER READERS

A nossa moeda virtual é a Jupit.

Falamos em histórico de jupits quando contabilizamos todas as moedas virtuais que o Member Reader já converteu até ao presente. Falamos simplesmente em jupits quando estamos a considerar as atuais jupits que o Member Reader tem disponível na sua Conta Jupiter. Para determinados concursos, pedidos ou eventos pode ser chamado o histórico de jupits do Member Reader, sendo esta uma vantagem.

Por exemplo, um Member Reader comprou *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala que vale 55 jupits + *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que vale 22 moedas Jupiter. Ficou com 77 jupits na Conta Jupiter. Entretanto inscreveu-se na festa “Jupiter Wants To See U Dance” e usou as jupits para alugar várias pranchas de paddle/stand up numa praia onde a Jupiter Editions tem uma infraestrutura com pranchas de paddle. Atualmente o Member Reader tem 0 jupits na sua Conta Jupiter. No entanto, o seu histórico de jupits é de 77 jupits.

A Jupiter Editions está a convidar para uma Limpeza de Praia + Caminhada

na Montanha Adjacente à Praia + Limpeza da Montanha + Piquenique com Garrafa de Vinho + Reportagem Fotográfica + Oficina de Escrita a todos os Member Readers que tenham um histórico de 77 jupits. Quer dizer que o Member Reader, apesar de já ter gasto todas as suas jupits e não ter jupits para se inscrever nos eventos da Agenda Jupiter, poderá participar no convite da Jupiter Editions.

1ª

Todos os Member Readers têm direito em criar uma Conta Jupiter de forma gratuita e a beneficiar de todas as funcionalidades inerentes da plataforma;

2ª

Todos os Member Readers têm direito em participar livremente em todos os eventos da Agenda Jupiter sem discriminação e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento. Nem todos os eventos da Agenda Jupiter se bastam com o desconto das jupits, podendo alguns eventos estar sujeitos ao pagamento acrescido de uma quantia em euros. Nesse sentido, todos os Member Readers têm direito em participar sem discriminação monetária e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento;

3ª

Todos os Member Readers têm o direito de participar livremente e gratuitamente na Plantação de Árvores da Jupiter Editions. No entanto, a sua inscrição pode ser necessária para ter direito à parte exclusiva do evento onde decorram custos como por exemplo um piquenique com passeio de balão de ar quente depois de plantadas as árvores.

4ª

Todos os Member Readers com 99 jupits têm direito a receber gratuitamente em casa o livro *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e outro livro à escolha da *Medium Line* sem gastarem as jupits, podendo solicitar a partir da Conta Jupiter ou enviando um email para manager@jupitereditions.com com o código de assunto “MYJUP”;

5ª

Todos os Member Readers têm direito a entrada prioritária sem terem de aguardar na fila para o público geral em todas as festas e eventos organizadas pela Jupiter Editions que não sejam exclusivas para os Member Readers; bem como entrada exclusiva em toda a sociedade Jupiter nos espaços reservados só para Member Readers; e ainda entrada exclusiva/ prioritária nos estabelecimentos/ infra-estruturas dos parceiros da sociedade Jupiter ou nas festas e eventos organizados por estes;

6ª

Todos os Member Readers têm direito em fazer parte do júri virtual dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions e a uma cadeira virtual no Tribunal dos Concursos e Leilões.

7ª

Todos os eventos só podem ser total ou parcialmente filmados se todos os Member Readers declararem que aceitam ser filmados ou entrevistados para o Kanal Jupiter. Se um ou vários Member Readers se opuserem à filmagem, a Jupiter Editions fará filmagens à parte e celebrará contratos de promoção de imagem com os Member Readers que aceitem participar nas filmagens;

8ª

Todos os Member Readers têm prioridade na análise dos manuscritos que submetam ao departamento editorial num dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions, ficando inicialmente indiciados os Member Readers, consoante o seu histórico de jupits, com os seguintes pontos de vantagem sobre os restantes concorrentes (Tabela Antiga sem a Nova Conversão):

| Histórico de moedas | Pontos de Vantagem |
|---------------------|--------------------|
| 4 | 10 |
| 6 | 15 |
| 18 | 20 |
| 24 | 30 |
| 27 | 40 |

PROMOTORES

Compre um livro. Se gostar e quiser promovê-lo, nós devolvemos o seu dinheiro.

Seja um agente da Jupiter Editions. Celebre connosco um contrato de promoção ou agência. Entre em [contacto](#)

Se impulsionar 5 vendas, a Jupiter Editions devolve imediatamente o seu dinheiro mesmo que não tenha celebrado um contrato de promoção ou de agência. Para tal, deverá pedir aos seus amigos/ familiares/ colegas/ conhecidos/ clientes que escrevam o seu nome no momento da compra e entrar em contacto através do email jupitereditions@jupitereditions.com com o código-assunto “PROMO5” para devolvermos o seu dinheiro.

Para celebrar connosco um contrato promocional ou de agência entre em contacto através do email manager@jupitereditions.com

Os promotores e embaixadores podem ficar com até 33% dos Royalties.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

TRADUTORES

Se gostaria de traduzir um dos nossos livros em uma das nossas 12 línguas, entre em contacto

Um tradutor da Jupiter Editions fica com direitos de autor recebendo mensalmente a percentagem dos seus direitos com as vendas do mês. Um tradutor da Jupiter Editions pode ficar com uma percentagem de até 50% do lucro líquido da venda de cada livro.

Para além dos tradutores certificados, juristas e professores a Jupiter Editions dá sempre a chance e preferência aos estudantes universitários ou artistas ou desportistas profissionais que tenham nascido num país com a língua mãe de umas das 12 línguas ou sejam nativos estrangeiros da língua-alvo em que se propõem traduzir, ainda que não sejam tradutores certificados ou ainda que não sejam da área de línguas, desde que comprovem que dominem a língua e que são capazes de fazer plenamente a tradução e a revisão.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



CASTING

Mostre o seu talento no casting de seleção de atores para a transformação do livro *2080* de Antoine Canary-Wharf em filme. Brevemente.

CINEMA E REALIZAÇÃO

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *2080* de Antoine Canary-Wharf.

A entrada no casting sem a posse do livro *2080* de Antoine Canary-Wharf poderá ser admitida com o pagamento de uma contrapartida até 50€.

A Jupiter Editions e a Kaasting darão sempre a chance a novos atores. Quem vem numa cadeira de rodas, passa sempre à frente! **Porque as personagens principais podem ir parar acidentalmente a uma cadeira de rodas.** Para este casting procuram-se algumas personagens que tenham skills de surf e bodyboard e falem alemão/ holandês/ espanhol/ inglês.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

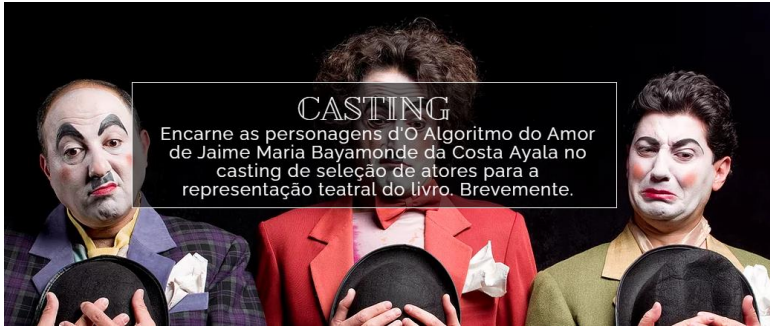


CASTING

Vamos adaptar o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom para teatro. Traga o seu livro para o casting de seleção de atores e suba ao palco. Brevemente.

TEATRO E REPRESENTAÇÃO

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. A entrada sem a posse do livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom poderá estar condicionada ao pagamento de 30€.



CASTING

Encarne as personagens d'*O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala no casting de seleção de atores para a representação teatral do livro. Brevemente.

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. A entrada sem a posse do livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala poderá ser admitida com um custo de até 50€.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão, que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

JUPITER EDITIONS©

A Jupiter Editions é a primeira editora-realizadora portuguesa internacional filantrópica.

A Jupiter Editions é uma editora empática, humana e sustentável que nasce sem qualquer vício dos vícios ruins do mercado.

A Jupiter Editions perfilha a ideologia de um saudável *capitalismo inteligente dos recursos*, imprimindo em papel 100% reciclado e dando primazia ao verdadeiro brilhante talento humano que se consiga ver, sentir e apalpar através da escrita alicerçada num sempre pensamento filantrópico em prol da perseguição pela saúde, felicidade, paz, tolerância, liberdade e respeito.

A Jupiter Editions não vai, pois, atrás de caras, mas sim atrás de corações, atrás de bons valores, atrás de talentos, atrás da empatia, e por isso, vai atrás de histórias empáticas que possam teletransportar o leitor para o espírito do autor.

Hoje, quem tem lugar privilegiado no mercado são os bons corações, os talentosos, os brilhantes, os iluminados, os altruístas, os tolerantes, os apaixonados, os esperançosos e os empáticos. Porque é a voz deles que o mercado quer agora ouvir!

Não há uma coragem das editoras apostarem, arriscarem ou investirem num talento desconhecido, numa nova voz ou numa nova cara. Mas a Jupiter Editions tem essa coragem!

Temos as portas abertas a todos os autores sem intermediação ou necessidade de agentes literários. A nacionalidade, tal como a cor de pele, não é importante. Não significam nada! A Jupiter Editions sabe que há uma matemática no espírito e olha é para a matemática do espírito. Gostamos de letras, mas também gostamos de matemática. A nossa matemática é a tabuada do 9. O nosso primeiro plano editorial são 9 livros. O nosso segundo plano editorial serão 18 livros. O nosso terceiro plano editorial serão 27 livros. O nosso quarto plano editorial serão 36 livros. O nosso quinto plano editorial serão 45 livros. Abrimos assim, a todos, honestamente o concurso.

Em cada novo livro que chegue à Jupiter Editions como proposta editorial, temos de achar o design, a história, a sinfonia, a empatia, a diversão e o sentido. Pois, é para estas 6 inteligências que a Jupiter Editions olha. (A Whole New Mind: Why Right-Brainers Will Rule the Future, Daniel H. Pink)

A Jupiter Editions olha para os livros como uma tecnologia patenteada, como uma *start-up*. Olha para a evolução, para a potencialidade tecnológica e para a aplicação que se poderá ver nos seus livros. Cada livro da Jupiter Editions tem de ser uma *start-up*. Tem de ser um livro que vai evoluir para outro livro. Tem de ser tecnológico neste sentido. Tem de ter uma projeção para o futuro. Tem de ser uma “obra-viva”, que tenha uma continuação, uma saga, que seja uma trilogia, que possa ser facilmente adaptado para o teatro ou transformado em telenovela, série televisiva ou obra cinematográfica.

Porque comprámos uma tecnologia. Comprámos um livro que mais parece um teatro. Comprámos um livro que mais parece um filme. Comprámos um livro que mais parece uma telenovela. Comprámos um livro tecnológico. Só os livros da Jupiter Editions têm implementados esta tecnologia.

A Jupiter Editions preza pela eternidade do espírito, preferindo celebrar contratos perpétuos que não se esgotem com o tempo. Os contratos de edição da Jupiter Editions serão sempre com autores que produzam constantemente filme, numa ótica de se querer idealmente transformar um autor da Jupiter Editions numa espécie de “sócio de indústria”, em que a sua propriedade intelectual e os seus direitos de autor são o suficiente capital para “a sua entrada” na Jupiter Editions. Por isso, chamamos aos nossos autores *Member Writers*.

Na Jupiter Editions os autores, os tradutores e os promotores-fundadores, como qualquer outro colaborador, são sempre chamados a participar nos lucros. Chamamos a isto: um chamamento divino!

MISSÕES JUPITER©

Ao comprar um dos livros da Jupiter Editions está a plantar uma árvore, a limpar 1 metro quadrado de praia e outro metro quadrado de mata, mas também está a enviar um pacote de arroz ou massa e uma lata de grão ou feijão para quem mais precise em Moçambique. Vamos apanhar um avião até Moçambique com os nossos Member Writers e Member Readers, para comprarmos os pacotes de arroz e massa e as latas de grão e feijão com o dinheiro dos livros que vendermos e vermos com os nossos próprios olhos onde e a quem mais devemos entregar. Chamamos também a isto um chamamento divino.

Proteger todas as
espécies que
possuam uma
inteligência sócio-
afetiva com os da
sua espécie ou com
os humanos



Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala foi o primeiro autor a defender este tipo de inteligência, no seu romance *O Algoritmo do Amor*

"Não há só uma missão!
Há missões!
Há muitos arranjos e concertos
para se fazer na Terra antes de
se apanhar uma nave espacial
para Jupiter de Gabriel
Garibaldi".



Jupiter de Gabriel Garibaldi é vencedor do Prémio Literário Europa 2020.

TARGET

– A PEGADA DIGITAL

Ralf Kleba-Kodak

Este livro teve o apoio de

KONICA MINOLTA

SURF PLANET

RETROSAILOR

Siga Ralf Kleba-Kodak

@ralfklebakodak



**

Ralf Kleba-Kodak segue todos os Member Writers da Jupiter Editions, siga-os também

Gil de Sales Giotto

Barac Bielke

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

Simão Roncon-Oom

Federico Ferrari

Gabriel Brazil Garibaldi

Antoine Canary-Wharf

Sebastião Lupi-Levy

** As fotografias dos Member Writers do 1º plano editorial da Jupiter Editions foram geradas por um algoritmo de Inteligência Artificial, que cria retratos robots de pessoas que não existem. Todos os Member Writers do 1º Plano Editorial da Jupiter Editions escreveram sob pseudônimo. Os Member Writers tomaram legitimamente propriedade dos retratos robots que o algoritmo do software criou para eles. Assim, podem os Member Writers escrever em pseudônimo, promovendo os seus livros dando um corpo e uma cara ao espírito do seu pseudônimo, através dos retratos robots.

CITO

«Gostamos de repetir que no amor não há competições, porque vimos muitos casais a competirem entre eles! O que não faz qualquer sentido! Competir, compete-se no trabalho, se se tiver de competir, não é nem no Amor nem na Amizade.» in **O Algoritmo do Amor**, de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

«Se somos namorados, vamos querer namorar. E os empresários, os analistas, os artistas e os hackers vão apanhar muito do nosso namoro, muito das nossas fantasias e das nossas ideias... Mas que, ao menos, fique bem claro que ouvir conversas dos namorados é um crime tão grave como apontar uma arma, porque estão a apontar-nos uma arma! Ouvir ilegitimamente conversas alheias ou conversas amorosas através de canais tecnológicos privados é uma ilícita e ilegal apropriação. É um tirar partido dos namorados. Quem tem que tirar esse partido e esse proveito são os próprios namorados!» in **Paranóide Tecnológica**, de Federico Ferrari.

«Mas para ver o nosso amor é preciso *deseconomizar*. Tirar o amor da economia. Tirar o amor do mercado. Tirar todo o dinheiro à volta do amor. Não

ver dinheiro nenhum. Não ver economia nenhuma. Ver só o amor. A ternura. O carinho.» in **O Algoritmo do Amor**, de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

«(...) Quando caminhamos com amigos ou com o nosso namorado é importante estarmos a caminhar com os nossos amigos ou com o nosso namorado. Este foco tem que ser imediato. Estar no café com amigos e estar a pensar em mil outras coisas, é sinal de que devemos imediatamente sair do café. Devemos ir fazer essas “outras coisas” que a nossa mente não para de pensar e o nosso cérebro quer antes ver-nos nessas “outras coisas”. E se o nosso cérebro não quer estar ali, devemos dar-lhe razão. Se tivermos um cérebro saudável, podemos dar-lhe razão. (...) O amor repete-se, claro, todos os dias, mas o namoro, dentro do namoro é sempre diferente. O namoro dentro do namoro parece infinito. Posso ir namorar para os mesmo sítios com o meu namorado, mas dizemos sempre coisas diferentes, damos sempre beijos diferentes, temos sempre emoções diferentes. Temos sempre novas emoções, novos carinhos, novos desejos um com o outro que são sempre os mesmos desejos. Porque aqueles beijos que o meu namorado me deu, não me vai dar mais. Vai dar-me outros. Mas os que me deu, já não vai me dar mais. Por isto também, é que é

importante estarmos verdadeiramente com quem gostamos, com quem amamos, dedicarmos, sem esforço nenhum, o nosso foco a quem amamos. Esse foco tem que ser natural. E é essa a tecnologia do foco cerebral e do foco mental. E tecnologicamente, se eu tiver a tecnologia desse foco, por ter estado focado, eu consigo voltar ao foco. Consigo voltar aos beijos que o meu namorado me deu. Através da mente. Através da memória. E posso recolher a memória deles ao final do dia. E recolho a memória deles no final do dia. Quando venho para casa e já não estou com o meu namorado, venho a pensar nos beijos dele. E agora sim, posso vir a pensar nos beijos dele, e em outras mil e umas coisas, porque estou agora a caminhar sozinho.» in **Paranóide Tecnológica**, de Federico Ferrari.

«O tato é tão importante como o olfato, a visão, o paladar, a audição e a intuição. Sentir na pele as coisas! Deixar a pele sentir! Ver o nosso maior órgão que nos reveste a interagir sensorialmente com quem amamos. Ver a nossa pele, o nosso órgão, todo o nosso organismo a reagir com quem amamos. Ver o nosso corpo simplesmente a mexer-se! Ver o nosso coração simplesmente a bater por quem amamos!» in **O Algoritmo do Amor**, de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

DEDICO

Ao Afonsinho

A tudo o que está à nossa volta.

E a tudo aquilo que nós acreditamos.

TARGET

– A Pegada Digital

Ralf Kleba-Kodak

Registo nº 348/2020 **SIIGAC/2020/842** DATA: 2020.02.14

Revisor: Antoine Canary-Wharf

Editor: Antoine Canary-Wharf

1ª Edição

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

**A Jupiter Editions deseja-lhe uma boa
sessão de leitura!**

A Jupiter Editions recomenda:

Não use o telefone durante a leitura.

Desligue os dados móveis.

Desligue o Wi-Fi.

**Se tiver namorado/a, marido ou
mulher vá ler para o colo dele/a.**

Leia aos pés dele/a.

Dê-lhe as mãos.

**Está com um livro tecnológico nas
mãos.**

**Não deixe mais nenhuma outra
tecnologia interferir com a tecnologia
do livro ou com a tecnologia do seu
amor.**

.

Leve o seu livro consigo para todo o lado.

**Tem em sua posse um livro muito bonito
para andar com ele na mão para trás e para a
frente. Leia-o de trás para a frente.**

**Leia na praia.
Leia no jardim.
Lei na montanha.**

**Ralf Kleba-Kodak
@ralfklebakodak**

TARGET

– A Pegada Digital

Ralf Kleba-Kodak

JUPITER EDITIONS

I

“SOMOS UM POVO DE MARINHEIROS”

“Vamos por aqui, Afonso...”

“Não, vamos por aqui, Jaime...”

“Não quero, Afonso! Vamos em frente... Para a frente é que é o nosso caminho!...”

“Não, vamos por aqui... Quero ir por aqui...”

“Mas por aí vai ficar mais longe, vamos atrasar-nos...”

“Não vai, amor. Por aqui é mais perto... Vai ficar mais perto...”

“Não vai nada amor, por aí vai ficar mais longe...”

“Jaime, tu não conheces o caminho por aqui, vamos lá por aqui... Eu conheço um atalho, por aqui...”

E naquela medição de forças corporais, o Afonsinho com o seu corpo corpulento ganhou o atalho dele. Tirou logo a camisola para eu ficar rendido aos músculos dele. E claro, que me rendi e meti-lhe logo o meu braço em gancho pelo braço dele, caminhando todo debruçado em cima dele, do seu lado direito.

E estava a adorar andar assim todo em cima dele a sentir-lhe os músculos. De vez em quando, o Afonsinho lá fazia músculo e eu agarrava-me ao músculo dele com as minhas duas mãos e com os meus dois braços, apertando-lhe e sentindo-lhe o músculo.

Passámos por uma obra em construção e vi uns trabalhadores daquela obra sentados na relva na sombra de uma árvore a fumarem charros e cigarros, enquanto estavam todos com os telefones nas mãos. Um deles, assim que me viu agarrado ao Afonsinho, tirou os olhos do telefone e persegui-nos o passo. Eu parece que adivinhava que ele iria dirigir palavras direitinhas para nós em alto e bom som, que o seu tacanho e pequenino cérebro fabricava. Parecia que ouvia o cérebro dele a fabricar as palavras, antes de ele deixar o pensamento dele escapar pela boca que tinha ligada ao cérebro. E parecia também que eu sentia as cordas vocais dele a

mexerem antes de terem dado voz ao pensamento que ele deixou escapar do cérebro e que lhe saiu da boca.

“É isso mesmo! Liberdade de expressão! Viva a paneiragem! Deem um linguado! Faz-lhe um bico! Põe-te de 4 para ele, ó tu que vais aí agarradinho ao bracinho dele, epá deem um linguado!”

Eu virei-me automaticamente para trás, porque já o tínhamos passado.

“Ó *caralho!* Mas estás-me a fazer um pirete???? Eu estava-te a elogiar! Tu és mesmo burro, *caralho!* Porque é que me fizeste um pirete? Eu parto-te a tromba toda ó seu *paneleiro de merda!* Eu parto-te todo *caralho!* Eu rebento-te! Voltas a fazer-me um pirete e eu mando-te para o hospital! Estás a ouvir-me, ó seu *burro da merda!*? Seu *paneleiro da merda!* Estás a telefonar a quem? Se quiseres eu também chamo uns para te encherem o *cú*, se esse aí não te chegar! Que vocês todos só gostam é de levar no *cú!* Não fazem mais nada senão levar no *cú!* Levam no *cú* o dia todo! Só gostam é de levar no *cú!* Mas eu a ti dou-te na cara! Estás a ouvir?! Rebento-te a cara toda se voltas a fazer-me um pirete!”

“Eu estou a telefonar à polícia! Eu vou dizer isso tudo que me está a dizer à polícia!”

“Ah, vais dizer? E não te esqueças de dizer também que me fizeste um pirete! Ou isso não vais dizer? Eu estava a elogiar-te e tu fazes-me um pirete? Que merda de confiança vem a ser esta? Mas eu andei contigo na escola ou quê? Mas eu conheço-te de algum lado para me andares a espetar piretes na rua? Vê lá se não queres que eu te espete, mas é um pau no *cú!*”

“Está ali um polícia, Jaime!”

“Já vi! Vou lá chamá-lo, amor!”

“Boa tarde! Eu estou a ser brutalmente agredido e ameaçado por palavras ali por aquele indivíduo, que está ao pé daquele rapaz loiro, que é o meu namorado, gostaria que identificasse quem é aquele indivíduo, por favor.”

“O que é que se passou?”

“Eu estava com um dos meus braços enlaçado num dos braços do meu namorado e quando passámos

por aquele fulano, ele disse: «É isso mesmo! Liberdade de expressão! Viva a *paneleirage*! Deem um linguado! Faz-lhe um bico! Põe-te de 4 para ele, ó tu que vais aí agarradinho ao bracinho dele, epá deem um linguado!». Eu disse que ia chamar a polícia e ele começou a ofender-me a torto e direito e a ameaçar-me.”

“Pois, mas eu estou agora aqui no trânsito... E o que é que você quer?”

“Como?”

“O que é que você pretende fazer?”

“Pretendo que ele seja identificado para depois fazer queixa-crime...”

“Ah!... É queixa-crime que você quer fazer... Pois... Sabe... Também tenho que ir lá ouvir a versão dele, primeiro... Espera lá um bocadinho... Eu já lá vou...”

Olhei para a chapinha que o polícia trazia ao peito, decorei-lhe o nome e voltei para ao pé do Afonsinho.

“Agora foste chamar a polícia, por causa disto? Foste importunar um agente da autoridade por causa disto? Eu estava-te só a elogiar...”

“Viva a *paneleirage*? Isto é um elogio? Em que país irónico? Onde é que “viva a *paneleirage*”, com “deem um linguado”, “faz-lhe um bico” e “põe-te de 4”, para encurtar a injúria é um elogio? Não é um elogio! É uma injúria! Dita da forma como foi dita em plena praça tecnológica, porque isto aqui onde estamos é uma praça tecnológica que está cheia de pessoas e olhos tecnológicos, cheia de câmaras, microfones e algoritmos, toda a gente ouviu e viu que a injúria foi dirigida a mim e ao meu namorado, isto foi uma injúria com publicidade! Enquanto me estava a injuriar, houve quem pegasse logo no telefone e começasse a filmar. E eu não tenho que ficar agarrado a essa tecnologia, só porque você não sabe que a minha liberdade terminou, quando começou a sua, por puro prazer e por pura entropia.” disse-lhe.

“Nem reparei que filmaram, vê lá...” respondeu-me.

“Mas eu reparei, porque eu reparo em tudo. Reparo na sociedade tecnológica que estão lá no mundinho deles dos telefones, mas que interferem com

a minha realidade, ao mesmo tempo que reparo nos meus agressores que interferem também com a minha realidade. Como reparo nesse rapaz que está aí em pé e que assistiu a tudo isto do princípio e que não deixo que a minha honra ou consideração desça ou vulnerabilize-se aos olhos dele. Esse rapaz que me está a ouvir a falar, já sabe que se um dia se quiser meter e interferir na minha esfera jurídica eu irei logo chamar a polícia. Todos temos esferas jurídicas à nossa volta, porque todos somos titulares de direitos, e há direitos há nossa volta. É isso que eu quero que ele e que toda a sociedade de informação tecnológica fixe, memorize, decore. Que saiba de cor qual é o meu algoritmo. Que grave qual é a minha reação. Como é que eu reajo. Eu reajo sempre de acordo e em harmonia com o Direito. Porque há um direito das coisas. Há um direito natural nas coisas. E o que é natural, é eu no século XXI e num Estado de Direito como é Portugal, estar a passear com o meu namorado, abraçado ao meu namorado, ou de mãos dadas ao meu namorado e não ter que ser injuriado na rua, entende? Há uma paz das coisas! Sem paz e sem naturalidade, sem esta naturalidade de ver as coisas não há liberdade nem há direitos! E eu tenho o direito em estar sossegado com o meu namorado, estar a passar por si e não ser incomodado por si. Entende? Eu não tenho que ser incomodado por si! Não tenho

que ser gratuitamente injuriado! Você até pode gozar connosco, mas goze entre os seus colegas, de maneira a que eu não oiça, de maneira a que isso não chegue à minha esfera de direitos, garantias e liberdades.”

“Isso é tudo muito bonito o que estás a dizer, mas estás-te a esquecer do pirete que me fizeste?”

“Ora meus cavalheiros, então digam lá o que é que se passou?” perguntou Azinheira, acompanhado por um colega que parecia mudo e fantasma nunca tendo aberto a boca.

“Vá! Diz lá ao senhor agente da autoridade que me fizeste um pirete, só porque eu disse “viva a *paneleiragê*”! Agora não tenho liberdade de expressão querem ver? Agora não estou num país livre, querem ver? Ainda por cima, eu estava a elogiar. E ele vai, ó senhor agente, e puxa-me um manguito? Então, mas isso faz-se? Se os pais não lhe deram educação em casa, não devia ter saído de casa! Eu só lhe disse isto, ó senhor agente... Disse “viva a *paneleiragê*”! E depois disse “deem um linguado!”.”

“Afiml foi isto que aconteceu?” perguntou-me diretamente Azinheira.

“Eu já narrei os factos que aconteceram ao senhor polícia...”

“Pois... Mas narre, outra vez! Narre aqui à frente deste senhor que diz que o ofendeu por palavras e o ameaçou... Pelos vistos, você não narrou tudo... Porque este senhor está-me a dizer que lhe fez um pirete e você não falou em pirete nenhum... Por isso, narre lá se faz favor corretamente os factos!”

“Pois... Narra lá aqui à minha frente, se faz favor! Que eu quero saber o que tu foste dizer ao polícia! Vá! Narra! Que eu digo-te já se tu és um aldrabão ou não!” gritou-me o fulano aos ouvidos.

“Oiça, senhor polícia! Eu não tenho que estar aqui a ouvir os berros dele. Não fiz pirete nenhum...”

“Ó cabrão! Mas não fizeste o quê? Mas estás a mentir para quê? Pergunte ao namorado dele, que o namorado dele o viu a fazer-me um pirete. Diz lá aqui ao polícia, que o teu namorado me fez um pirete, que o teu namorado é aldrabão e está a mentir à minha frente, à cara podre!”

“O meu namorado não fez pirete nenhum! Nós é que somos aqui as vítimas e os ofendidos!”

“Ah!... São as virgens ofendidas...! Claro que o namoradinho tinha que vir defender o namorado, mesmo quando sabe que o namorado fez-me um pirete. Vocês, os gays, são todos iguais... Encobrem-se todos uns aos outros e nos momentos a sério, como este, fogem todos com o rabo à seringa... Mas vocês precisavam era de levar com a seringa, para ver se se curavam... Faltou-vos foi um cinto e um homem em casa, foi o que vos faltou!”

Enquanto o agressor me gritava aos ouvidos e nos chamava nomes à frente do polícia eu simplesmente “fiz o trabalho de polícia” e quis “afastar-me”. E assim que eu me afasto uns metros para o lado com o Afonsinho, o polícia num tom agressivo ordenou-me para que não saísse dali. Fiquei-lhe com uma raiva tão grande, da que já tinha, que só me apetecia perguntar-lhe se ele não estava a ouvir o mesmo que eu!?

“Eu estou a afastar-me, porque eu não quero ouvir o que esse fulano me está a dizer, nem quero que ele me dirija diretamente a palavra!”

“Mas aqui o senhor não tem que querer nada! O senhor chamou-nos, por isso eu estou aqui a fazer o

meu trabalho e sou eu que estou aqui no meio de vós. Eu dignifico a minha farda e aqui onde estou a dignificá-la há regras! Nós queremos ser a solução do problema! Eu estou aqui no meio de vós, a pôr caldo à sopa, estou aqui a fazer a sopa...”

Eu só olhava para o agente e perguntava-me, como é que ele tinha a farda de polícia vestida. Os meus neurónios puseram-se todos numa conspiração cerebral a indagar se aquele polícia era um erro do sistema ou um erro de seleção, a indagar quem o tinha deixado passar e a indagar se a responsabilidade era do processo de recrutamento, do júri ou da lei e dos legisladores...

“Afinal quer narrar ou não quer narrar?” insistiu Azinheira.

“Mas eu já lhe narrei! Nós passámos e este indivíduo gritou: “Liberdade de expressão! Viva a *paneleirage!* Deem um linguado! Faz-lhe um bico! Põe-te de 4 para ele, ó tu que vais aí agarradinho ao bracinho dele, epá dê um linguado!” Eu fiz um gesto de telefone, que ele deve ter visto mal e confundido com um pirete, fiz um gesto a dizer que ia telefonar e foi quando eu

telefonei para chamar a polícia e ele veio direito a mim, a chamar-me uma data de nomes e a ameaçar-me. E eu quero que este indivíduo seja identificado.”

“Olhe, primeiro, o senhor não fica com a identificação de ninguém, porque as coisas não funcionam assim...” falou-me Azinheira num tom altivíssimo, humilhando-me completamente aos olhos do agressor.

“Toma lá, que já almoçaste! Para não te armares nem em esperto, nem em *puta fina!*” disse-me o agressor, nas barbas do polícia, sentindo, pois, o apoio do polícia.

“Se não sabia, que as coisas não funcionam assim, fica a saber, que nós estamos aqui nesta vida é para aprender!” disse-me Azinheira, como se me tivesse a dar uma lição qualquer.

“Oiça! Eu tão-só dirigi-me a si, disse-lhe que estava no preciso momento a ser brutalmente agredido por palavras e a ser ameaçado de agressão física e pedi-lhe que identificasse o meu agressor.”

“Eu não sei onde vai com isto...”

“Eu sei onde vou com isto, senhor polícia, muito obrigado!”

“Isso é muito subjetivo... É uma questão de interpretação... O senhor, se calhar, até interpretou mal as palavras dele... Como ele lhe disse, ele estava a elogiá-lo, pronto, a si e à sua relação, mas o senhor, pelos vistos levou para outro caminho...”

“Foi mesmo isso, senhor agente! Exatamente isso! Já vi que o senhor agente da autoridade percebe a minha linguagem... Eu só queria elogiar! Foi uma força que eu quis dar! Um sinal de apoio!”

“Pois... Eu percebo! Mas o que é que se há de fazer? Eu percebo a sua linguagem, porque eu falo também a sua linguagem... Mas pronto... Isto há interpretações para tudo...”

“Eu tinha amigos gays... Eu até já tive amigos gays e tudo... E estava com eles na boa... Sem stresses... Nunca tive stresses com eles...”

“Eles? Mas ele diz “eles” para falar de nós como se fôssemos o quê, Afonso? Ouviste?” falei baixinho para Afonsinho.

“E também já tive nas festas deles... E até tirei a camisola como eles tiram nas festas deles... Mesmo na boa, não tive problemas nenhuns nas festas deles que eu fui...”

“Nas festas deles? Mas que festas deles? Ele está a falar de que festas?” voltei a indignar-me num curto cochicho para Afonsinho.

“Eu não consigo perceber como é que o ofendi... Não percebo mesmo...”

“Leia lá o artigo 6º! Já que você traz aí o Código Civil, leia lá o artigo 6º! Vá! Leia lá, vá! Leia para todos ouvirmos! Leia em voz alta!” ordenou-me Azinheira.

“Oiça, eu não vou ler nada, como deve imaginar!... Podia era emprestar-lhe o meu código se quisesse e o senhor lia. Mas não trago o Código Civil. Isto que eu trago na mão, é o Código Penal.”

“Ah...! Traz o Código Penal... Julgava que era o Código Civil...”

“Não. Trago é este livrinho pequenino sobre um tema do Direito Civil... Deve ter lido “Direito Civil” e julgou que eu trouxesse o Código Civil.”

“Pois... Julgámos todos... Por isso é que eu trazia o artigo 6º preparado...”

“Não percebi...”

“Deixe estar... Mas olhe, segundo o que me diz a minha experiência, e ando nisto há 30 anos, e vale o que vale, isto não vai dar em nada. O senhor tem razão, ele também tem razão, percebo as duas partes, mas isto é só uma perda de tempo: do seu, do dele, e do nosso. O senhor que está a estudar Direito...”

“Já acabei.” interrompi a fatigante “eloquência” de Azinheira.

“Ah!... Já acabou?... Então, nem devia ter começado! O senhor sabe que isto não vai levar a lado nenhum... Sabe ou devia saber, portanto eu acho que isto mais valia ser resolvido com um pedido de desculpas.”

Cronometradamente à Internet do polícia, o agressor estende-me a mão. Eu ignoro, claro.

“Agradeço a sua sugestão, agente Azinheira, mas eu sofri uma ofensa e, tendo em conta a sociedade tecnológica em que nos encontramos, vim falar consigo para que este indivíduo que me acabou de estender a mão fosse rapidamente identificado. Mas agradeço a sua sugestão, agente Azinheira. Oiça, senhor Azinheira, eu sei que, como ofendido, tenho direito a um Estatuto de Vítima e eu quero esse Estatuto de Vítima na minha mão.”

“Mas para que é que quer esse Estatuto de Vítima? O que é que vai fazer com isso? Eu já lhe disse, eu conheço o sistema e isso não vai dar em nada... Está só a perder tempo nisto... Está a fazer perder-me tempo a mim, aos meus colegas, a estes trabalhadores que estão aqui a trabalhar no duro, desde que horas?...”

“Desde as 9h da manhã, senhor agente da autoridade...” respondeu-lhe o nosso agressor.

“Está a ver? Os rapazes estão aqui, coitados, desde as 9h da manhã a trabalhar no duro... Você sabe o que é ter que acordar cedo para vir trabalhar?”

“Oiça, senhor Azinheira, com o devido respeito pela sua profissão, como deve calcular eu não lhe vou

responder a essa pergunta e insisto que quero o Estatuto de Vítima.”

“Pois, é que você está aí numa teimosia desgraçada. Os meus colegas já aí vêm e já trazem o Estatuto de Vítima. Mas está a atrasar a economia do nosso país, fique já a saber! Está a atrasar a economia e os meus colegas que têm agora que vir trazer o Estatuto de Vítima, só porque você está numa teimosia... O rapaz até já lhe pediu desculpa... E até está a fazer perder o tempo do seu amigo...”

“Do meu namorado!” interrompi-lhe, “Não diga que estamos a perder tempo, porque nós estamos a ganhar tempo, já lhe disse.”

“Mas ganhar tempo para quê? E afinal, para que é que quer o Estatuto de Vítima se já disse que nem sabe se vai ou não fazer queixa? O rapaz já lhe pediu desculpa, aceite as desculpas e fica tudo resolvido.”

“Com o Estatuto de Vítima eu tenho até 6 meses para fazer queixa-crime se eu quiser, além de que...”

“Crime? Isto não é crime nenhum... Oh! Que disparate...! Isto é um pequeno litígio que nenhum juiz dá importância a isto... Escreva o que eu estou a dizer-lhe...”

“Ah, pois, escrevo, escrevo... Escrevo tudo o que me está a dizer...”

“Pode escrever à vontade... Eu conheço o sistema...”

“Claro que conhece o sistema... Por isso, é que é polícia... Isto não é um pequeno litígio. É um crime contra a minha honra e consideração. Chama-se crime de injúria e está previsto no artigo 180º do Código Penal. Portanto, eu nem sei para que é que me estava a pedir para que eu abrisse o Código Civil no artigo 6º, porque isto resolve-se é com o Código Penal por via do artigo 181º, e se calhar até, neste caso por via também do artigo 183º, se tiver havido publicidade através do telefone ou de alguma aplicação que facilite a divulgação do crime, para agravarmos as penas... Eu vou passar aqui ene vezes com o meu namorado. Se ele está aqui a trabalhar nesta pedreira, eu quando voltar aqui a passar, seja às 9h seja às 13h sejam as horas que sejam, não quero voltar a ser perturbado por ele. Não quero que ele volte a interferir gratuitamente na minha mente ou na mente do meu namorado ou na mente de qualquer outra pessoa. Não quero que ele volte a fazer sugestões e a fazer penetrações diretas à esfera da minha liberdade. Com o Estatuto de Vítima sei que tenho 6

meses para pensar se quero ou não avançar com queixa-crime em tribunal e espero nesses 6 meses ganhar o respeito desse senhor, por exemplo que não me volte a dirigir a palavra e que pense duas vezes antes de o fazer. É por isso, que eu quero o Estatuto de Vítima na minha mão!”

“Você ainda vai ouvir muitas bocas destas e tem que saber responder. Eu já cá ando há 30 anos e você só agora é que anda aí a ler, a perder tempo. E está a perder tempo com tudo isto, isso eu garanto-lhe! Isto não lhe vai levar a lado nenhum! Você não tem experiência de vida nenhuma! Porque se tivesse, já tinha desistido e aceite as desculpas! Está a ser rancoroso! E o rancor não nos leva a lado nenhum! Nem o rancor nem o ódio... É que, às vezes, a origem pode estar numa questão de ódio e tem que resolver primeiro o ódio que há em si, porque eu vejo que há um ódio em si, aí dentro de si...”

Eu tinha que me beliscar constantemente para ter a certeza que isto estava a ser real. Porque esta realidade mais parecia uma surrealidade. Isto era demasiado surreal aos meus ouvidos e aos meus olhos. Parecia que havia qualquer coisa estranha por detrás disto. Isto não

podia ser a realidade! Isto não é realidade! Eu não quero que isto seja a realidade! Mas é esta a nossa realidade? É que me envergonha profundamente, se for esta a nossa realidade! Ter que admitir que esta realidade existe em pleno século XXI? Que estes discursos e estas filosofias e estes cérebros insistem em sobreviver e em asfixiar a minha realidade? E por isso, mais vale acreditar que havia guiões nisto tudo e que isto não passou de um filme ou de um sketch. Só me apetecia despir-lhe aquela farda.

E como se tudo isto, já não bastasse, ainda tinha que gramar ver o polícia a rir-se à fartazana com o meu agressor. Desejei a monitorização da polícia ou a demissão daquele polícia? A demissão, é claro!...

Num namorico-cochicho com o Afonsinho, enquanto esperávamos pelo carro-patrolha que vinha da esquadra para me trazer o Estatuto de Vítima, ouvia de raspão, sem perceber muito bem o sentido daquilo, o agressor a dizer: “*Fodasse!* Eu estava aqui na minha pausa, recebi um convite da *Aplicação* para ganhar uns trocos para tabaco, cerveja e pólen... Se eu soubesse não tinha aceitado o convite... É que com esta brincadeira toda já passaram 40 minutos e eu quero voltar para a obra, não quero perder o emprego... Mas

se eu perder, aí é que eu vou para o tribunal e ele vai indemnizar-me!"; e ouvia o Azinheira a responder-lhe que já devia ter ido embora, mas que também estava ali para que as coisas “não corressem mal para o seu lado”.

Lá chegou o carro-patrolha com mais 2 polícias. Eram 2 rapazes novos. Um moreno e um loiro. Só consegui decorar a chapinha de um. O Moreira dava-me razão na sua expressão escondida pelos óculos escuros e o loiro dava razão expressa e tacitamente ao Afonsinho. Eu tinha ficado com o Moreira e o Afonsinho com o loiro, foi assim que nos separaram para ouvirem a nossa versão, mas ouvia a narração do Afonsinho e via como o loiro acompanhava cordialmente o Afonsinho – isto sim, agora, eram polícias a sério que estavam connosco! Mas eu pensava, de que valeria aqueles “bonitos” polícias verem aquela luz naquela praça relvada, tecnológica e solarenga com o sol a raiar e a rasgar as nuvens, se depois aqueles bons polícias vão permanentemente ser seduzidos e hipnotizados num ciclo vicioso pela penumbra daqueles 30 anos do sermão do padre Azinheira?

“Para citar Gil Vicente, Fernão Lopes e Fernão de Magalhães, nós somos um povo de marinheiros. Só

estamos aqui de passagem e por estarmos aqui de passagem, não devemos dar tanta importância às coisas e devemos é aproveitar a viagem e não fazer os outros perder tempo, com os nossos caprichos, rancores, ódios e teimosias, porque a nossa viagem aqui na Terra é muito curta e a nossa intervenção e impacte nas coisas é muito pouco significativo. E não vale a pena, acionar os meios por isto, porque vocês por terem os vossos gostos e adotarem o estilo de vida que vocês escolheram na vossa liberdade, vão ainda passar por muitas situações iguais ou piores a esta. Porque na sociedade em que vivemos, este tipo de bocas é normal e que quem tem o tipo de atitude de querer alterar as coisas e fazer as coisas bem, só está a perder o seu tempo, porque não vai alterar nada. Não se esqueçam, eu já ca ando há 30 anos, nisto!”

Depois de ter o Estatuto de Vítima na minha mão e do meu agressor ter sido devidamente identificado, resolvi dar uma palavrinha aquela tropa de elite.

“Senhores polícias, não quero fazer-vos perder mais tempo, como disse ene vezes o vosso colega Azinheira. Tenho muito respeito pela vossa profissão,

todos os dias defendo-a. Mas como sou de Direito, sou um apaixonado pela magistratura, tenho uma paixão enorme pela ciência jurídica e como há uma urgência de uma Internet das Coisas entre a Polícia e o Direito, eu sinto-me obrigado em dar-vos uma palavrinha pelo episódio que aconteceu hoje aqui comigo e com o meu namorado, para que possam estar mais a altura noutros episódios policiais. Aproveitando a boleia da vossa filosofia policial, eu digo-vos muito honestamente, se vocês aparecessem no meu tribunal, senhores polícias... Eu instauraria um processo disciplinar a alguns elementos do corpo desta polícia. Para vossa sorte, ainda não sou juiz e vocês não estão ainda no meu tribunal. Que isto tenha sido uma chance para se reformularem, para refinarem os vossos algoritmos, para acompanharem a verdadeira evolução. Têm que acompanhar e querer acompanhar é o Bom Sistema aos olhos do Bom Direito. Não é a ficarem a rir-se às gargalhadas com o agressor e dizerem-me que eu nem Direito devia ter começado e que ando a perder tempo a ler livros de Direito e a dizerem que vou ouvir muitas mais bocas destas e, por isso, não devo ligar para não fazer perder tempo os senhores polícias. Continuem “connosco”, com os nossos “bons olhos” em cima de vocês que vos protegem e vos dignificam, sobretudo essa farda que nasce num Estado de Direito. É que não

são só vocês que nos protegem, nós também vos protegemos, quando vos dignificamos, quando vos fazemos vênias, quando vos aplaudimos. E hoje, não me apetece nada aplaudir-vos. Eu que defendo a vossa “não monitorização” e a vossa “não pontuação”, porque há quem queira no sistema monitorizar-vos e pontuar-vos, não vou, por causa disto, defender agora o contrário... Não sei se estou a fazer-me entender? Porque se vocês estivessem presos a um sistema de pontuação podiam ser polícias de 5 estrelas que com este episódio eu baixava a vossa pontuação para duas ou uma estrela. Que isto tenha servido de uma simulação. Estejam mais à altura com a próxima vítima. Que este Estatuto de Vítima que eu tenho agora aqui na minha mão, não seja só fictício. Sejam alquimistas do Direito! Há muita gente-robot que estuda Direito, nós somos imensos, somos mais de 1000 todos os anos, estão a ver o que é todos os anos mais de 1000 saberem, conhecerem e andarem de mãos dadas com o Direito? E mesmo os que não estudam, sabem e conhecem o Direito. Por isso têm que ser melhores que essa gente-robot, que essa gente robotizada do Direito, que os robots do Direito! E vocês mais pareciam eram robots, mas dos livros de história! É nessa tecnologia que estão presos? É que se é, têm que urgentemente se desprender dela... Porque está a interferir e a prejudicar nas vossas

competências. Vocês não podem se pôr a citar quem citaram numa situação destas. Que somos um povo de marinheiros? Olhem isto levado ao tribunal? Perante uma agressão verbal, uma agressão psicológica, perante uma injúria, vocês polícias vão-se virar para o ofendido, para o agredido, para a vítima e vão dizer para não ligar, porque estamos aqui “só de passagem e para aproveitarmos a viagem”? Isso posso eu dizer que não sou polícia, ou posso eu escrever, que não sou polícia, se me apetecer ser filosófico ou podem vocês polícias dizerem nos vossos momentos filosóficos num ambiente descontraído de trabalho na esquadra, mas não aqui na rua, perante o crime, à minha frente e do meu namorado e dos nossos agressores! Senão, façam o favor de despir a farda, porque há quem queira vesti-la! Há quem queira dignificar a classe policial, que é uma das mais nobres e bonitas classes de todas as classes do sistema, que permitem a perpetuação da estabilidade, da paz, da segurança, da ordem e da felicidade! E para permitirmos e perpetuarmos a estabilidade, a paz, a segurança, a ordem e a felicidade temos que estar libertos de estigmas, grémios e preconceitos do passado. Como é que vai ser ou como é que costuma ser quando um marido telefona a dizer que a mulher lhe está a bater? Se a mulher for toda boazuda e tiver umas grandes mamas vão dissuadir o marido a desistir da

queixa-crime, porque aquilo foram só umas festinhas, quando há mulheres que batem e batem de que maneira nos maridos e exercem um poder psicológico fortíssimo nos maridos, massacrando-lhes a mente? E como vai ser quando for ao contrário? Ou como é que costuma ser? Quando são os maridos a baterem nas mulheres? Ou quando são as mulheres a telefonarem-vos? Vão lá a casa e armam um vitorioso espetáculo à frente da mulher colocando painéis por cima da cabeça dos maridos a vão à cozinha que é deles buscar as colheres de pau, batendo nas painéis numa espécie de tortura para o marido admitir que bateu na mulher? Não é essa a vossa profissão! Não foi para isso que o sistema vos vestiu as fardas! O sistema não vos vestiu as fardas para andarem a dar-me sermões a mim e ao meu namorado sobre a História e Geografia de Portugal. Eu fui o melhor aluno de História e Geografia de Portugal na minha turma e nunca dei nenhum sermão de história a ninguém! Portanto, guardem os vossos livros e histórias para os vossos convívios. Ao menos, que citassem bonitos parágrafos ou frases *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi ou d'*O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala, que são autores que estão vivos, que são fantasmas vivos entre nós todos. A ideia é ganharmos algum tato daquilo que é e pode ser o Bom Direito. A

ideia é farejarmos o mal e acabar com o mal. Não é acabar com os bons. Não é tirar a voz aos bons. Não é sufocar nem asfixiar, nem atrasar os bons! Senão, nunca mais evoluímos! Sejam farejadores dos violadores, senhores polícias! Sejam farejadores dos agressores, senhores polícias! Sejam farejadores dos perturbadores, dos intolerantes, dos criminosos, que entre muitos outros crimes, praticam o crime de injúria. Quando o senhor Azinheira diz que “a ofensa não é nada por aí além”, quando diz, porque disse, várias vezes para eu desistir, se acha que é normal em Portugal, para usar a sua expressão, um polícia achar que “isto é uma perda de tempo”, porque o senhor Azinheira “está no sistema há 30 anos e sabe como as coisas funcionam”, para também usar a sua expressão, “porque as coisas são assim e sempre hão de ser”, então eu convido-lhe francamente a olhar um pouco para os sistemas ingleses, dinamarqueses, suecos e alemães que eu garanto-lhe que nenhum polícia iria achar normal o que o senhor Azinheira está a dizer; se o conseguissem ouvir e se tivesse ligado a eles, que não está definitivamente, porque mais parece que está ligado à tecnologia dos inimigos, mas que eu faço questão de o desligar da tecnologia inimiga e ligá-lo nesta minha Internet, nesta minha tecnologia, em que eu lhe prendo! E mais lhe digo, às vezes é preciso sair de Lisboa. É preciso ir ver

outras cidades. Outras esquadras. Não é preciso sair de Portugal. Basta sair aqui de Picoas, aqui de Lisboa. A polícia inglesa, sueca, alemã e dinamarquesa é muito mais evoluída neste tipo de situações e o nosso Direito está construído e desenhado exatamente para a nossa polícia ser tão evoluída como a polícia inglesa, sueca, alemã e dinamarquesa, por isso, isto é mais um problema de mentalidade do que outra coisa, porque o sistema está muito bem feito! E se o sistema está bem feito, está a construir-se, está a evoluir, nós devemos acompanhar essa evolução! Por isso acompanhem, senhores polícias! Acompanhem-me! Acompanhem-nos!”

*II**********“EU TENHO TODOS OS TEUS
ALGORITMOS”*********

“Mas eu não percebo porque é que vocês querem ir para lá... Aquilo está cheio de câmaras... Eu não vou para lá! Além disso, já vos disse que entrei lá e perguntei se eles fazem o registo do som... E eles disseram que sim...”

“Ó Jaime... Nós já sabemos isso... Mas a esplanada ainda é grande, não é?” perguntou o Dário.

“Sim é...” respondi.

“Então e tem câmaras em toda a esplanada?”

“Não.”

“Há lá algum lado onde não tenha?”

“Há.”

“Então, vamos para esse lado.”

“Em primeiro lugar, não me apetece muito dar euros a uma casa que grava as pessoas. Que grava sobretudo a conversa das pessoas, porque isso não é normal! Em segundo lugar, não me apetece ir para lá e não haver mesa nesse sítio livre de processamento de dados e depois vocês quererem na mesma ir para outra mesa, porque se esqueceram do mercado de dados que já vos falei ou nem sequer se importarem com isso, porque nem sequer estão a ver esse novo petróleo de dados, que só é novo para alguns, como é para vocês...”

“Tudo bem! Ninguém se vai esquecer disso! Vamos lá e se não houver mesas no lado que não tem câmaras, vamos para o do lado.”

“No do lado também já instalaram câmaras.”

“Vamos para o outro, a seguir desse.”

“Nesse também já instalaram câmaras.”

“Vamos para o a seguir desse, então. Nessa rua há, que eu saiba, 4.”

“Também já instalaram lá nesse. Até na esplanada que nunca teve. Aos anos que aquilo existe, que aquela esplanada existe, e nunca teve uma câmara...”

“Mas desculpa lá...! Nunca tiveram lá câmaras...”

“Exato, Dário!”

“Mas porque é que agora todo o lado tem câmaras?”

“Exato! Percebes agora? Foi o que te tinha falado...”

“Então, mas isso é legal? Eles podem pôr assim câmaras e gravarem as conversas?”

“Está tudo em aberto...”

“Está tudo em aberto, como assim?”

“Eu já disse... Têm que ler o *2080, Os Autores do Sistema...* E vão perceber tudo... *O Deus Tecnológico, À Velocidade da Luz...* E vão perceber o que se está a passar...”

“Que livros são esses? São de quem?” perguntou Lúcio.

“O *2080* é do Antoine Canary-Wharf. *Os Autores do Sistema* é do Sebastião Lupi-Levy. *O Deus Tecnológico* é do Simão Roncon-Oom. *À Velocidade da Luz* é do Gil de Sales Giotto... No *2080*, basicamente...”

“Não contes, Jaime! Não contes que eu quero lê-los e não quero os teus *spoilers*.”

“Só ia dizer que no *2080*...”

“Não, Jaime! Tu contas tudo em 1 minuto... Eu já sei como são os teus “só ias dizer”...”

“Também calha bem que não me deixes contar, porque eu já estou um bocado saturado tecnologicamente para estar a falar disto... De facto, não me apetece mesmo estar a falar mais sobre tecnologia... Eu já vos disse que para esses sítios eu não ponho lá os pés! E gostava que também não pusessem lá os vossos!... Porque eu não pôr, mas depois vocês porem, seria quase a mesma coisa se eu pusesse lá os pés...”

“Como assim?” perguntou Dário indignadíssimo.

“Por estarmos numa sociedade de informação tecnológica, eu falar-te sobre o mercado de dados a ti e tu depois ires contar o que te contei ao Lúcio lá no café para onde querem tanto ir, debaixo de um microfone é a mesma coisa que ser eu a debitar essa informação direitinho para o microfone que leva a informação para ser processada, analisada e tratada.”

Quando chegámos ao café não havia as tais mesas. O Lúcio e o Dário entraram logo e deixaram-se impressionar com o café, que estava extremamente bem mobilado.

“Isto é lindo!” exclamava Dário.

“Adoro!” clamava Lúcio atrás.

“Olhem para isto! Esqueçam! Vai ser o nosso novo spot!” apregoava Dário.

“Uau...!” bradava Lúcio, como se estivesse a caminhar pelas nuvens.

“Olhem, ficamos ali!” ditou Dário.

“Vocês vão então ficar aqui?” perguntei.

““Vão”, não! Vamos!” ditou outra vez Dário.

“Eu vou-me embora, estou um bocado cansado...”

“Ó Jaime! Fogo! O que é que tem? Isto não tem câmaras!”

“Dário, estás por debaixo de uma que faz reconhecimento facial e sabe o teu perfil do Facebook. Aliás, neste momento sabe quem somos todos e já gravou todo o vosso entusiasmo, todo o vosso fascínio, o quão impressionados vocês ficaram com o sítio. O dono disto tem acesso às câmaras. É ele o tratador de dados. Está ali afixado naquela placa amarela o nome dele a dizer que vai tratar cuidadosamente a nossa imagem. Ele tem a nossa idade e é solteiro. Não sei se ele é bi ou gay. Mas ele sabe que todos nós temos namorados. *Capisci?*”

“*Capisco*, Jaime, *capisco*... Já percebemos que o Curso de Inteligência Artificial te deu alguma inteligência...” disse Lúcio.

“Mas... Uma inteligência... Artificial...” zombou Dário.

“Parece que aquilo que eu disse, afinal foi dito e feito. Esqueceram-se de tudo aquilo que vos tinha dito e daquilo que tínhamos combinado e obrigaram-me a ter

que dizer aquilo à frente daquela câmara, aquilo que eu não queria dizer. Aquilo que eu não queria ter dito à frente de uma câmara. Sobeja-me perguntar-vos: fizeram algum contrato com o dono? Andam a dormir com o dono na cama? Ele é da nossa idade... Ele convidou-vos para serem as personagens no novo filme dele? Estamos os três na *dark net*? Puseram-me na *dark net* convosco?”

“Estás a ser paranoico, Jaime! Olha aquela mesa ficou livre, não há ali câmaras, baza sentar ali!” sugeriu Dário.

Assim que nos sentámos chegaram Mário e Álvaro.

Passado meia hora comecei logo a ficar saturado por ali estar.

Não ia continuar mais naquele frete tecnológico. Não me apetecia mais estar ali. Só me apetecia escrever o que estava a ver. E não podia sacar ali do caderno e começar a escrever. Não tinha ali o caderno sequer. Mas

ainda que tivesse, teria sempre chamado o táxi para ir escrever para casa. A utilidade é a base da economia e já não via utilidade nenhuma em estar ali; era a própria Economia que me dizia para sair dali, era o meu tempo económico que me mandava sair dali, porque o melhor uso possível do tempo que eu poderia fazer era em casa. E fui mesmo para casa.

“Mas vais gastar 20 € para ires para casa, quando podes esperar, o quê...? Mais uma hora... Uma hora e meia, no máximo, vá... E não pagar nada e vamos todos para casa? Eu depois dou-te boleia e deixo-te em casa.” disse Lúcio irritadíssimo.

“Mas eu não quero esperar por vocês e quero ir agora para casa.” respondi.

“Mas não te estás a divertir?”

“Já me diverti.”

“Então, se já te divertiste é porque já não te estás a divertir e queremos saber o porquê!”

“O porquê é simples. Para vocês “agora” é normal começarem a falar de uma história umas cinco palavras e logo a seguir, alguém “agora” perguntar se há um vídeo e “agora” “cortarem o diálogo” e “agora”

passarem o vídeo da história por todos e é assim que “agora” se divertem até acabarem os vídeos que há para ver até pilha do telefone estoirar. Para mim isso não é normal, como não foi normal o Álvaro estar a contar a história, vocês interromperem-lhe a história para lhe perguntarem se ele filmou, ele ter dito que sim, eu ter-lhe pedido para que continuasse a contar a história e vocês terem todos “saltado em cima de mim” perguntando-me altivamente o porquê de eu estar a pedir ao Dário que acabasse de contar a história, quando ele tinha ali o vídeo e já estava “a ir buscá-lo”. O meu táxi chegou. Vou-me embora. Falamos amanhã.”

“Precisas de boleia para irmos para a tua casa na praia? Posso ir buscar-te.”

“Obrigado Mário. Mas o Afonsinho vai buscar-me.”

“Ui! Que amanhã o Jaime vai aparecer na praia no descapotável do namorado todo bonzão...” brincou Dário numa dança genuinamente jovial empinando o nariz e mexendo os ombros...

“Achas o Afonsinho mais bonzão que eu Dário?” perguntou-lhe Mário.

“É mais loiro que tu e tem olhos verdes que são sempre uma vantagem aos nossos olhos castanhos... E não tem um corpo tão bombado como o teu... Mas sem fazer musculação, tenho que admitir que o Afonsinho é todo bonzão...”

“Surreal!” exclamei, “Eu não acredito que eu e o Mário temos que te ouvir a falar assim do meu namorado...”

“Já estou habituado Jaime... Está-me sempre a dizer que me trocava por aquele cantor que as miúdas todas gostam e que é igual ao teu namorado...”

“O Dário diz isso à tua frente?????”

“Diz-me, Jaime.”

“Qual é a cena? Vais dizer que também não trocavas o teu namorado por ele? Ele é um cantor! É considerado o rapaz mais giro do mundo! Ele mexe com todo o mundo! Ele nasceu para mexer com o mundo! Ele é o rei da música! Já fez milhões com as músicas dele, ele tem tudo e quem ele quiser... É só ele escolher! Se ele te aparecesse agora aqui à frente, queria ver senão ias logo com ele... Ias, claro... E nunca mais voltavas! Quem é que não queria ficar com o rei da música?”

“Ouve, tu estás bom da cabeça? O que é que tu estás para aí a dizer? Dá-me vontade de te bater, juro! O que tu dizes é completamente infeliz! E é uma falta de respeito ao Afonsinho! Já que não tens respeito nem por mim, nem pelo teu namorado, ao menos, podias ter pelo Afonsinho... E eu lamento imenso Mário, que o Dário te faça passar por isso. O Dário já me tinha dito isso umas três vezes ao ritmo de uma das músicas dele, enquanto dançava “para ele” à frente da TV, que te trocava fácil por ele. Eu na primeira vez, julguei mesmo que ele estivesse a brincar. Mas depois ouvi-o como ele repetia e como ele metia isso na sua cabeça. Mas eu apostava que ele não tivesse o descaramento de to dizer, à tua frente... Eu se fosse a ti, Mário, já lhe tinha mandado dar uma volta! Tu és mesmo estúpido, Dário!”

“Sabes que estás a mentir a ti próprio! Se não queres admitir, não admitas!”

“Tu és mais estúpido do que eu pensava, Dário! Eu só queria ficar com o rei da música, se o meu namorado fosse o rei da música! Ele é considerado o rapaz mais giro do mundo pelos teus olhos, só se for, porque aos meus olhos, o meu namorado é que é o mais giro do mundo!”

“Não, puto! Não sou eu que digo, é todo o sistema que diz!”

“Mas qual sistema, desculpa lá?”

“Os *media* dizem, qualquer agência de modelo diz, a publicidade, toda a economia... Ele até apareceu numa revista com a cara dele cheia de cálculos e figuras geométricas em que foi considerado matematicamente o mais perfeito do mundo. Por isso, se até a matemática o diz, se até a matemática diz que ele é o mais perfeito do mundo, não vale a pena dizeres que ele não é para ti.”

“Vale a pena dizer-te que ele não é para mim o mais perfeito do mundo, porque o mais perfeito do mundo é o meu namorado! Vale a pena dizer-te que não é por uma qualquer matemática ter calculado a cara dele do nariz à orelha de um lado e ver que batia certo com o outro lado, que faz dele o mais perfeito. Esse sistema que falas é todo comercial. E o meu namorado não é comercial. Se a economia e a geometria descobrissem o meu namorado, ele seria considerado também, nesse teu “sistema”, como o mais perfeito do mundo. Dava um baile, um avanço, ao cantorzinho dos teus sonhos...”

“Então, porque não deixas o sistema e a geometria calcularem as formas do teu namorado? Por

acaso, curtia ver o teu namorado a aparecer em tronco nu numa grande pose, numa capa de revista, cheio de circunferências desenhadas com compasso à volta dos peitos dele e tal e aquilo sempre a dar o “pi” e tal...”

“Porque o meu namorado não está à venda e eu e o meu namorado queremos estar fora do mercado. Nem eu o quero mandar para o mercado, nem ele me quer mandar para o mercado.”

“Isso é a conversa de toda a gente que não consegue entrar no mercado.”

“Toda a gente consegue entrar no mercado. O mercado está aberto a todos. Simplesmente há pessoas que não são tão fúteis como tu e que ligam mais aos namorados, quando estão aos colos deles e quando podem passear com eles de mãos dadas e quando podem passar horas a olhar para eles de verdade, do que quando os veem na TV, com toda a gente e com o mercado a olhar para eles e a desejarem-nos fervorosa e carnalmente. Não mereces a carne que Deus te deu!

“E tu és uma cobrinha!... Mete lá a língua de fora, para eu ver!... Mete lá!... Vá!... Antes de namorares com o Afonsinho, tu dizias que o cantor era o rapaz mais giro do mundo. Agora dizes que é o teu

namorado... Estás-te sempre a contradizer... Tu és a coerência em pessoa, puto!”

“Se o disse não me lembro, mas claro que tu terias que registar isso algoritmicamente.”

“Eu tenho todos os teus algoritmos, Jaime! Sei muito bem o que mexe com esse coraçãozinho e o que não mexe... Sei muito bem, o que vê essa tua mente e o que não vê... Sei muito bem, o que quer o teu cérebro e o que não quer... Eu conheço a inteligência dele.”

“Eu não tenho paciência nenhuma para os teus mentalismos forjados, Dário! Se o disse, disse-o justamente quando não namorava com o Afonsinho, disse-o quando era solteiro, antes de o Afonsinho ter aparecido e ter entrado na minha vida. Se esse cantor tivesse aparecido quando eu era solteiro, eu teria ido com ele. Mas não foi ele que me apareceu, foi o Afonsinho e, por isso, fui com o Afonsinho. Agora não me digas que esse cantor tem quem ele quiser ou que ele chega aqui e em dois estalos de dedos me leva não sei para onde, porque não me leva para lado nenhum! Lá porque tu és fútil e o achas perfeito, porque ele vendeu milhares de músicas, não penses que todos temos a tua mente. Isso são os filmes da tua mente! São as tuas fantasias! Não as minhas! E eu, se fosse o Mário, tinha

pavor dessas tuas fantasias, porque numa sociedade de informação tecnológica, como a atual, em que até os cantores estão no *Instagram*, a probabilidade de enviases uma mensagem e o cantor, ou o ator, ou o empresário, ou o futebolista apanharem um avião, ou caírem de para-quedas para virem tomar um café contigo, ou para irem contigo para a cama, porque te acharam piada, numa viagem de avião que para eles vale 1 €, a probabilidade é proporcional à atração física e sexual que lhes causas...”

“Pois, se calhar, não tens fantasias com ele, porque o Afonsinho é igual a ele... Parece que o sistema pegou nele e imprimiu um clone para ti... Só se esqueceu foi de também clonar a conta bancária dele...” zombou Dário sem qualquer assistência de risos, “Vou seguir a tua dica e vou enviar-lhe uma *nude* minha... Lúcio, e tu trocavas o Álvaro por ele?”

“Eu nem sei de que cantor estão a falar, mas faço minhas as palavras do Jaime!”

“Oh! Dizes isso, porque está aqui o Álvaro...” retorquiu Dário, “Deste, olha!” mostrando uma fotografia do cantor no telefone a Lúcio.

“O Álvaro, mil vezes!!!!” respondeu Lúcio “à fotografia” que Dário lhe tinha mostrado.

“O Afonsinho comprou um descapotável, Jaime?” perguntou-me Álvaro.

“Álvaro, não queres ver?” perguntou Dário.

“Não, Dário.”

“Não queres ver o cantor que o teu namorado disse que tu eras mil vezes melhor?” insistiu Dário.

“Não, Dário.”

“Não comprou. O pai dele deu-lhe o Fiat Punto branco. Nós levámos a um mecânico amigo dele que abriu o teto e mandámos pintar de amarelo.” respondi a Álvaro.

“Ficaram com um estrilho de descapotável!” exclamou prazenteiramente Álvaro, “Quem é que vai amanhã a guiar para a praia?”

“Vou eu, claro!” respondi.

“Vê lá se o carro não se parte ao meio!” gozou Lúcio.

“Porque é que o carro se haveria de partir ao meio?” perguntou Álvaro.

“Por causa da resistência. Toda a estrutura do carro dá resistência para ser dinâmico. Se tirares a parte de cima para abrir o telhado do carro, é como se estivesses a tirar a harmonia física do carro de toda a estrutura metálica. Se tirares uma parede mestra da casa, a casa vai cair também por teres tirado um ponto físico estratégico que mantinha a estrutura ilesa. Quando os carros já vêm descapotáveis, os carros já foram projetados para essa harmonia física e levam um reforço em baixo.”

“O amigo mecânico do Afonsinho deu-lhe esse reforço em baixo. Por isso, não se vai nada partir ao meio.”

“O mecânico deu-lhe um reforço em baixo? A quem? Ao carro ou ao Afonsinho? Se calhar, “partiu-o” ao meio lá na oficina e não sabes...” provocou-me Dário.

“Isso é um dos teus fetiches? Seres “partido ao meio” por um mecânico na oficina? Mário, já sabes, no dia do Carnaval vestes o fato macaco e besuntas-te com óleo, que eu peço as chaves da oficina ao amigo do

Afonsinho e “curas” as parafilias todas do teu namorado na oficina... Que ele está mesmo a precisar “de ir ao mecânico”...”

[— Gravaram tudo?

— Sim...

— E filmaram-me naquela parte em que eu estava a dançar a dizer que o namorado dele era todo bonzão? É que essa dança saiu-me mesmo bem, nem estava à espera...

— Filmámos. Saiu-te bem, porque foste pela primeira vez genuíno na conversa toda.

— Já puseram na *Aplicação*?

— Já...

— Mas esquecemo-nos de fotografar a matrícula do táxi.

— Eu fotografei... Enquanto estavam aí a discutir quem é que era o mais bonzão, vi o táxi a chegar e levantei-me logo num instante e fotografei a matrícula. Disse na *Aplicação* que o Jaime ia sair e enviei a localização e adivinhem quem estava nas imediações... O Jordão e o Mauro Bruno... Eles vão agora atrás do táxi e vão tentar *hackear* a Internet do táxi. O táxi tem um microfone... Vamos ver se conseguimos entrar no táxi e ouvir o que o Jaime e o taxista estão a conversar...

— Imaginem só o que era de repente o taxista meter a mãozinha na perninha do Jaime e virar-se para ele e perguntar-lhe se ele não queria pagar a viagem com um bico...

— Ó puto! Isso era lindo! Ficávamos logo ricos, se vendêssemos essa *merda*...

— Imaginem os gemidos que ele faz com o Afonso a fazer ainda mais alto, mas com o taxista...

— Isso era lindo!...

— O Jordão e o Mauro Bruno deviam ou estar a fumar um charro ou a fazer um bico um ao outro...

— Ou estavam a fumar um charro e a fazer ao mesmo tempo uma *bicaça* um ao outro... Uma coisa não impede a outra...

— Como é que a Silvinha ainda não descobriu deles?

— Oh, ninguém diria... Nem dá para desconfiar... Aquele Jordão está sempre a engatar *grelo* nas discotecas. O que toda a gente vê e sabe é que ele gosta é de *grelo* e não de fazer *panelinha com paneleiros*...

— Mas o Jaime não conhece o carro do Jordão?

— Não conhece. Eles nem se dão sequer.

— Mas querem saber a melhor? O Jordão também pôs o Mauro Bruno na *Aplicação*... E parece que o Mauro Bruno geme igualzinho ao Jaime...

— Não sei se tenho coragem de ver o *Target* do Mauro Bruno... O Mauro Bruno é o namorado da nossa Silvinha...

— Não sei se tens coragem nem sei se tens dinheiro, porque para veres o *Target* dele, tens que pagar uma mensalidade de 200 € e para abrires alguns vídeos

dele ,tens que pagar e muito bem... Tudo o que seja sexual dele não pagas menos que 500€. Por isso, podes imaginar quem está na *Aplicação* e quem é que paga para ver os vídeos dele. Depois, tens algumas conversas dele todo charrado com o Jordão, que consegues abrir pôr 20 €... Mas tens que pagar! O *Target* dele está noutra campeonato... Não é como o do Jaime, que só precisas de umas palavras-passes para desbloquear e começares a seguir-lhe o *Target*.

— Olhem... Eles não estou a conseguir *hackear* a Internet...

— Eles que tentem emparelhar-se ao sistema multimédia do táxi através de *Bluetooth*...

— Isso é muito mais difícil, para além de teres que saber a palavra-passe, o taxista tem que carregar num botão para autorizar.

— Não tem nada! O Jordão tem um programa que não é preciso nenhuma ação manual do taxista para se emparelhar ao táxi através do *Bluetooth*. Só tem que saber a palavra-passe e guiar perto do táxi para não perder a ligação. A palavra-passe já vem por defeito de fábrica, sabendo o modelo, o mês e o ano do carro

consegues saber a palavra-passe... Acho que já
consegui! Já está! Estamos ligados!]

III

“JÁ MARCHAVA UM PEIXE-ARANHA”

“Aquele homem está a apontar-nos diretamente a câmara! Ele não pode! Mas ele pensa que está em algum safari ou quê? Ele está na praia! Não está nem num safari nem num jardim zoológico e nós não somos animais que ele pode fotografar e disparar à balda! Vou lá falar com ele.”

“Eu vou contigo, Jaime!”

“Não venhas, Afonso! Deixa-me resolver isto, se tu estiveres perto de mim vou sentir-me mais poderoso e vou entrar “a matar”... E eu quero resolver isto, de outra maneira...”

“Eu amo-te! Se precisares, faz-me sinal!”

“Eu amo-te!”

“Qual é o nosso sinal?”

“É olharmos um para o outro.”

“Se te virares e olhares para mim, vou a correr. Vou perseguir-te com os olhos, tenho os olhos, como sempre, em ti.”

“Eu amo-te, Afonso!”

“Eu amo-te, Jaime!”

Antes de abordar o senhor, olhei tudo à minha volta e vi “toda” a praia a olhar para mim com os headphones e fones metidos nos ouvidos. E de repente, até o meu grupo estava com os fones metidos. O Lúcio e o Álvaro partilhavam os fones, cada um tinha um

auricular metido no ouvido. O Dário e o Mário estavam separados pela tecnologia, cada um tinha encaixado os headphones nas orelhas. Aquilo intrigou-me. Terem-se instalado com a tecnologia, assim que saí de ao pé deles. Quase que pareceu automático. E se eles sabiam que eu me tinha levantado para ir falar com o senhor, que nos tinha apontado com a câmara, porque não ficaram alertas como ficaram Afonsinho, Luís Carlos, Bruninha, Mauro Bruno e Silvinha? Apareceu-me na mente a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Sabia que aquele senhor, aparecesse de onde aparecesse, viesse de contrato que viesse, enviado por missão-GPS que fosse, para nos fotografar como alvo, estaria bastante apetrechado com tecnologia para fazer projetar e ecoar o que eu dissesse por toda aquela praia tecnológica apetrechada de telefones, microfones, fios e auriculares. Mas logo, no segundo imediato, “afastei” a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, sem “a mandar embora”. Precisava daquela tecnologia da *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, mas à distância, de forma a raciocinar, num automático raciocínio, cada palavra que eu dissesse, de forma a proteger todo o meu discurso, numa, eventual, conferência tecnológica.

“Olá! Sabe dizer-me o modelo da sua objetiva?”

“75-300...”

“Disse quanto? 75-300 DC?”

“Sim, porquê?”

“Conheço perfeitamente... O zoom é muito potente... Como estava a apontar ali para nós, consegue capturar uma imagem nossa perfeitamente nítida. Tão perfeitamente nítida que até me escuso de apresentar, porque vejo que tem a sua câmara ligada à Internet, que ligada, por sua vez, ao *Facebook* ou ao *Instagram*, diz logo quem é que nós somos... Sabe o que estou a tentar dizer, não sabe?”

“Ah! Só tirei duas...”

[— Só tirou duas... Fora as outras 5 que já meteu na *Aplicação*, ó burro!... Foste capturado como um *Pokémon!*

— Sai daí!... O gajo está armadilhado...

— Volta para aqui para ao pé de nós, *Pokémon!*

— Nós estamos a avisar-te, *Pokémon!*

— Olha que quem te avisa, teu amigo é...

— E nós estamos a avisar-te, *Pokémon*...

— É melhor bazares para aqui, para ao pé de
nós...

— Volta para tua *Pokeball* ó *Pokémon*!

— Já repararam... Os nossos telefones são a
pokebola dele...

— Lindo! Nunca tinha pensado nisso...

— Ó *Pokémon*! Estou farto de te chamar...

— Volta aqui para a tua *pokebola*!

— Ou seja... O gajo é mesmo um *Pokémon*...

— Shiuuu!

— Shiu o quê, *pá*? O gajo aqui não nos ouve, ó
burro!

— Parem de enviar mensagens, por causa do som
das mensagens... Deixem ouvir...

- Desativa o som das notificações das mensagens, ó burro!...
- Tens que tocar no símbolo do altifalante no canto superior esquerdo...
- Isto é lindo! Estarmos a falar aqui pela *Aplicação*...
- O que é lindo, é estar aqui mesmo por trás do Afonso a gozar com o Jaime...
- Se o gajo demorar muito, ainda dou uma trancada ao Afonso...
- Isso querias tu...
- Pois queria... Vais dizer que não querias também?
- Mais ninguém vê os nossos comentários aqui na *Aplicação*, pois não?
- Não, a nossa janela é privada...
- Mas também há uma janela pública...
- Isto das janelas é novo!

— Foi grande ideia isto das janelas...

— Assim o pessoal pode gozar à balda com o
Pokémon...

— Já foram à janela pública?

— Não, porquê?

— É só comentários a gozarem com o gajo...

— Que deboche! O gajo está a levar com um
deboche...

— Isto sim é realidade virtual aumentada sem
precisarmos de óculos...

— Só precisamos dos telefones e dos fones...]

“Pode mostrar-me?... Ah! Muito obrigado!...
Agora, se não se importa de as apagar à minha
frente...”

Tirou-me a câmara fotográfica dos olhos.

“Ah! Mas eu não vou publicar em lado nenhum, não se preocupe.”

“Eu não lhe perguntei se tencionava ou não publicar. Eu nem sequer me atrevera de perguntar isso... Eu pedi-lhe gentilmente que as apagasse, neste momento, à minha frente.”

[— Oh... Tão gentil que o gajo é....

— Ele é um *gentleman*...]

“Ah! Então, não se preocupe que eu depois apago.”

“Eu estou a pedir-lhe gentilmente para que as apague, neste momento, à minha frente.”

[— Já estou a ver demasiada gentileza aí...

— Cá para mim, o gajo quer é dar-lhe uma trancada...

— Tu e as trancadas...

— Mas era uma senhora trancada gentil... Não era uma trancada qualquer... Que o nosso menino é um *gentleman!*...]

“Mas, porquê?”

“Oiça! Ou as apaga imediatamente ou chamo a polícia.”

[— Logo a ameaçar e tal...

— Aí vem ele, com as ameaças da polícia...
Sempre a chamar a polícia...

— O gajo só sabe chamar a polícia... Não se sabe defender sozinho...

— Aprende a defender-te como um homem!
Deixa de ser um menino!

— Ele é que ainda não percebeu que a polícia também está na *Aplicação*...

— Aqueles polícias estavam na *Aplicação*?

— Quais? Os de Picoas?

— Sim...

— Se estavam também a seguir-lhe o *Target*, seguiram muito bem, porque não deixaram rastro nenhum...

— Faz-te um homem e faz-me um filho!

— Deixa-te de mariquices!

— Se não me fizeres um filho faço eu, mas não é a ti...

— Já sabemos... É ao Afonso...]

“Essa é boa! Chamar a polícia porque lhe tirei uma “foto”. Agora não posso, quer ver? Agora não posso tirar “fotos”...”

“Não, não pode! Apague imediatamente, senão eu chamo a polícia!”

“Mas está a ameaçar-me? Se quer que eu apague, eu já lhe disse que depois apago. Não é preciso estar a pôr-se com ameaças e estar para aí todo nervoso a

querer arranjar sarilhos. Tenha calma consigo e não arranje sarilhos!”

[— Já estás a arranjar sarilhos...

— Fogo!... O gajo não pode sair da *pokebola* que começa logo a arranjar sarilhos em todo o lado...

— É só sarilhos por todo o lado...

— O gajo está sempre a arranjar-nos sarilhos tecnológicos em todo o lado...

— É sarilhos aqui... Sarilhos ali...

— Estão a ouvir malta? Nós não podemos deixar o gajo sair da *pokebola*...

— Na *pokebola* é que ele não arranja sarilhos...

— Eu por mim, o gajo andava era fechado o dia todo na *pokebola*... Abríamos a *pokebola* só para o gajo comer, fazer um teatrinho e tal, mas logo para a *pokebola* outra vez!]

“Não me peça para eu ter calma, porque eu estou calmíssimo! Apague imediatamente à minha frente as minhas fotografias.”

“Mas o quê? Isto agora é uma ordem? Você não me dá ordens! Eu tenho idade para ser seu pai! Eu é que lhe dou ordens, que você tem a idade do meu filho!”

“Você pode dar as ordens que quiser ao seu filho, mas a mim não me dá ordens nenhuma! Ou apaga ou chamo definitivamente a polícia!”

“Eu apago! Vou poupar-lhe a vergonha de estar a chamar a polícia, por causa de uma situação como esta... Isto mais parece uma anedota!”

“Pois parece! Isto mais parece uma anedota! Agora, que já não tem nenhum dado meu em sua posse, por eu ser de Direito vejo-me obrigado a informar-lhe que o Direito à Imagem é um Direito de Personalidade, que é um direito protegido pelo nosso Direito e a sua defesa está constitucionalmente consagrada bem como está tutelada no Código Civil. Se for ao artigo 199º do Código Penal verá que em Portugal, é crime fotografar uma pessoa contra a sua vontade.”

[— Qual é que é a alínea do artigo? Ah pois!

Esqueceste-te de invocar a alínea e o número do artigo... Não é só mandar ir ao artigo 199º... Assim também eu!... Estás a falar do número 1 do artigo 199º ou do número 2 do artigo 199º do Código Penal? Ah, pois!... Assim também eu invoco os artigos à balda, como quero... Assim é fácil invocar os artigos, sem dizer as alíneas e os números e tal...]

Assim que virei costas e olhei para a toalha, vi-os aos 4 a desarmadilharem-se daqueles fios tecnológicos. Mas era o próprio ar deles que os denunciava. A *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari voltou-me a pedir autorização para se emparelhar ao meu espírito como no *2080* de Antoine Canary-Wharf. E eu autorizei. Imaginei que tivessem ouvido tecnologicamente à distância o que eu tinha dito ao senhor. Se assim fosse, sabia que estava na *Aplicação* e que eles seguiriam fielmente o meu *Target*. Como na vida real seguem-me as pisadas na terra, na vida virtual seguem-me a pegada digital.

Mas é claro, tudo isto era uma intuição tecnológica. E a intuição tecnológica faz parte da nossa vida virtual. É fruto da nossa mente. Do mundo que se

passa dentro de nós. Porque há mundo dentro de nós!
E depressa, devolvi-me à realidade. À minha realidade.
E a minha realidade era o Afonsinho e eles.

E agora, a minha realidade, já não era a câmara
fotográfica do senhor, mas era a super coluna portátil
do Mário que estava aos altos berros na praia.

“Desculpem lá, não sei quem é que ligou a
coluna, mas vão ter que baixar o som até não se ouvir
senão aqui... Ouve-se na praia inteira!!!! Eu vinha ao
longe a ouvir a vossa música... Por acaso, a música é
boa... Mas nem toda a gente tem que gostar ou nem
toda a gente tem que ouvir a nossa música na praia...”

“Desculpa lá ó Jaime, mas quem é que vem para a
praia e não ouve música?”

“Eu, quando venho à praia, Lúcio, não oiço
música! Quero ouvir o barulho do mar, quero ouvir os
helicópteros que de vez em quando vão passando,
quero ouvir as gaivotas, quero ouvir a praia, não quero
ouvir música.”

“Ah! Muito me contas... Da última vez que
viemos à praia, ficaste todo contente pelo Mário ter

trazido a coluna e fartaste-te de dançar... Mas agora, dizes que não gostas de ouvir música na praia... Primeiro gostas, mas depois já não gostas? Também, muito francamente, não te percebo... Dizes uma coisa, mas depois fazes outra... Tu parece que, de repente, mudas de opinião... Estás sempre a contradizer-te... Começo a concordar com o Dário, és a contradição em pessoa.”

“Isto não é uma questão de opinião! Tu estás a baralhar tudo!”

“Ah, eu é que estou a baralhar? Pois eu acho, que tu é que estás um pouco baralhado...”

“Isto nem sequer era discutível. Estás a fazer uma pura descontextualização. Nós quando falamos das coisas, devemos saber contextualizar. Ver o contexto. Se não achamos o contexto, ficamos com ideias erradas, informações erradas, impressões erradas e depois passamos ideias erradas, informações erradas e impressões erradas. Primeiro, eu nunca disse que não gostava de ouvir música na praia. Tu perguntaste quem é que vinha para a praia e não ouvia música, como se fosse “normal” todo o mundo vir para a praia e “ter que” ouvir música ou que só se está na praia, se for para estar a ouvir música e se os telefones tiverem bateria

para se ligarem às colunas para darem música. E face à indignação da tua pergunta, eu respondi-te que quando venho para a praia não oiço música! O dia de que estás a falar de termos posto música na praia, foi um dia em que estivemos o dia todo na praia e só ao final do dia, quando o sol se estava a pôr, que eu até me lembro desse pôr do sol, porque não os fotografo como vocês, é que se pôs música, com a praia completamente deserta. Não estava ninguém na praia. E o facto de eu me ter fartado de dançar e me ter divertido à brava com música nesse final do dia, não quer dizer que “agora”, quando eu venho para a praia tenha que vir sempre com música. A praia está à pinha, é uma falta de respeito gigante pôr música a tocar. Isso diz-te que tu não sabes viver em sociedade, porque não sabes respeitar o espaço que é de todos. Eu não tenho que estar na praia a ouvir a música dos outros. Para além de que há um Direito ao Bom Ambiente que proíbe que uses telefones, colunas, aparelhagens, rádios e outros aparelhos tecnológicos que emita ruído e que esse ruído incomode os outros.”

“Isso é tudo muito bonito e tens razão, mas eu que sou de Direito, gostava que me disseses onde é que isso está escrito... Porque eu não me lembro de ter visto isso eu nenhum código... Mas, se calhar, pode me ter escapado... Não sei... Diz-me lá, onde é que esse

teu Direito ao Bom Ambiente diz que eu não posso fazer ruído com telefones, colunas, aparelhagens e rádios na praia...?” perguntou-me Dário num tom desafiador.

Levantei-me, pus-me de pé em frente ao Dário, fazendo-lhe sombra e estendi-lhe as duas mãos.

“Vem comigo! Vou mostrar-te onde é que está escrito “o meu” Direito ao Bom Ambiente. E espero que depois de o veres escarrapachado, o adotes para sempre!”

Dário, levantou-se com as minhas mãos e fomos de mãos dadas até ao Edital de Praia.

“Vês este placard?”

“Confesso que nunca tinha reparado nele.”

“Vês este documento oficial, dentro do placard?”

“Sim... Que diz “Edital de Praia”.”

“Muito bem! Este documento é o regulamento da praia, onde constam todas as regras para se cumprirem

na praia. Lembras-te, há bocado, quando a bola de rugby pela segunda vez veio se meter entre o meu namoro, entre mim e o Afonsinho?”

“Sim, lembro-me...”

“E lembras-te o que é que eu fiz?”

“Levantaste-te e foste lá falar com eles não sei o quê, os gajos pediram-te desculpa e até quiseram pagar-te um copo.”

“E lembras-te que a seguir foi a vez dos meninos da futebolada, terem mandado uma bojarada que quase acertou no Afonsinho?”

“Sim, lembro-me...”

“E lembras-te o que é que eu fiz?”

“Levantaste-te e foste lá falar...”

“Não. Levantei-me, peguei na bola deles...”

“Sim... Exato... Levantaste-te, pegaste na bola deles e foste lá falar...”

“Porque quando eu peguei na bola deles, eles começaram todos a assobiar a pedirem para eu lhes passar... Para eu rematar...”

“Sim... Eu sei... E tu não remataste e eles começaram todos a pedir para lhes passares, mas tu a sorrires, puseste-te a chamá-los...”

“A chamá-los sem voz... Fiz-lhes indicações com as mãos... Chamei-lhes com as mãos...”

“Sim... E um deles começou até a enervar-se e veio a correr aos gritos a perguntar se tu eras surdo e se não estavas a ouvi-los a dizerem para passares a bola...”

“Exatamente... Mas porque é que eu não lhes passei a bola?”

“Porque querias falar com eles, querias avisar-lhes para terem mais cuidado ou pedir-lhes que fossem jogar para ao pé das dunas, mais lá para trás onde não havia toalhas nem pessoas deitadas na areia...”

“Mais lá para trás onde tinha um extenso areal para jogarem à vontade à bola, não concordas?”

“Sim.”

“Querias falar com eles e dizer-lhes que bujardas daquelas partem canas do nariz, partem óculos de ver e de sol e partem coisas e nós não vimos para a praia para andar a partir narizes nem as coisas dos outros. Simplesmente, eu não tenho que levar com uma bolada

na cara. E mesmo que a bola não me acerte vez nenhuma, por sorte ou por talento, eu não tenho que ficar “sempre em alerta”, com o coração sobressaltado, porque tenho uma bola a ser jogada em grandes passes e a fazer-me raziias. Eu venho para a praia para estar sossegado. Não tenho que vir e ficar preocupado, porque há bolas a voarem por cima de mim de um lado e do outro. Mas podemos ser sensíveis. E eu sou sensível. Eu percebo que a malta venha para a praia e goste de jogar à bola. Mas uma coisa é saberem controlar a bola e fazerem uma roda e estarem ali só a fazerem passes e a bola não importunar ninguém, não sair daquela “rodinha” e não daquela “rodazorra” que abre mais o jogo e abre mais as tacadas para fora. Outra coisa, é estarem a fazer passes daquele. Se querem fazer um jogo, têm que ir jogar para outro lado. Há imenso espaço! Não têm que jogar em cima das pessoas! Há bujardas que partem narizes! Portanto, o direito ao lazer, que nem sequer existe, mas nós inventamos, aqui e agora, porque somos sensíveis para a malta da bola, ainda que existisse, ou um dia venha a existir nas praias e nos jardins, nunca se pode sobrepor nem ao Direito à Integridade Física, porque levar boladas na cara ou ficar com a cana do nariz metida para dentro ou partida viola o meu direito à integridade física; nem sequer se pode sobrepor ao Direito ao Bom Ambiente, nem ao Direito

à Paz e ao Sossego. E foi por isso, que o anormal quando veio aos berros para cima de mim, de peito feito, com o corpo todo transpirado e a tresandar a suor...”

“Fogo! Mas o gajo, tinha um corpalhão... Viste bem?”

“Nem sequer reparei nisso, Dário! E interrompeste-me, Dário!”

“Não reparaste? E não reparaste que o amigo dele se fez a ti à cara podre?”

“Não sei como é tu reparaste em coisas que eu nem sequer reparei...”

“É normal... Tu estavas metido na cena, percebes? Eu de fora, vejo melhor as coisas...”

“Percebo.”

“Para mim aquela cena foi montada! Aquilo pareceu um teatro... Não achaste?”

“Não.”

“O amigo dele depois falava contigo mesmo em cima de ti, punha-te a mão por cima, encostava-se

todo... Eu olhei para o Afonsinho, o Afonsinho já estava em brasa.”

“E com toda aquela insistência o que é que eu lhes disse?”

“Que se quisessem continuar a jogar teriam que ir lá para trás, porque senão irias chamar a Polícia Marítima...”

“Mas porque é que eu iria chamar a Polícia Marítima? Com que fundamento?”

“Edital de Praia?”

“Exatamente. Quero que leias, por favor a alínea i) do número 4.”

“«São atividades interditas, as atividades desportivas ou recreativas com recurso a objetos arremessáveis ou que podem causar incómodo aos outros banhistas fora das áreas terrestre ou aquáticas expressamente demarcadas».”

“É esse o fundamento legal para se poder chamar a Polícia Marítima quando alguém quer vir para a praia incomodar os outros. E agora, quero que leias também a alínea j) também do número 4.”

“«É proibido a utilização de equipamentos sonoros e desenvolvimento de atividades geradoras de ruído...»”

“*Capisci?*”

“*Capisco!*”

Voltámos para as toalhas.

Havia uma conversa instalada e assim que eu e o Dário chegámos, Lúcio convidou-nos a participar nela.

“Estávamos aqui a falar que há traições que são justificadas, porque nós somos seres humanos que temos toda uma engenharia de neurónios por trás onde ocorrem constantemente, por cada segundo, impulsos elétricos. E por isso, há impulsos que nós não podemos controlar. O que é que vocês acham?”

“Ah! Eu acho que sim... Nunca tinha ouvido essa... Mas acho uma desculpa perfeita para dares ao teu namorado, se o quiseres trair... Culpa agora os neurónios... E diz que foi o impulso elétrico de um neurónio teu... Mas a seguir, diz-lhe que te embebedaste e destruístes-o e que já não vai haver mais impulsos desse neurónio... Poderá é haver impulso dos

outros bilhões de neurónios... Mas também, trair uma vez ou trair um bilião de vezes, é quase a mesma coisa...”

“Oh! Ó, Jaime?! Mas tu estás a gozar?”

“Não... Lúcio... Estou a falar a sério... Não vês?... Acho completamente que há traições que sejam justificadas... Sobretudo, por causa dos neurónios... Por causa dos impulsos elétricos nos neurónios...” ironizei.

“A sério... Não levas nenhum tema a sério! Não dá para falar contigo sobre nada! Nós somos seres sexuais! Cada vez que tu saís de casa e te arranjás, é porque queres atrair e se queres atrair, é porque ficas predisposto sexualmente a isso. Senão fosse assim, não fazias musculação, não te penteavas, não punhas perfume, não vinhas para a praia com esses calções que dão nas vistas... As pessoas dão nas vistas, porque querem atrair. E querem atrair, porque são seres sexuais. Tudo o que fazemos é sexual. Até tudo o que dizemos.”

“Portanto, segundo a tua teoria, nós só estamos aqui na Terra para andarmos sexualmente uns com os outros? Portanto, toda a tua *emocionalidade*, inteligência, sociabilidade, cognição, todas as competências e

capacidades que herdaste da evolução humana não servem para nada, a teu ver, é isso? Ou seja, as emoções que tu tens não te dizem nada? Não te dizem, por exemplo, que antes de sermos seres sexuais, somos primeiro seres emocionais? Porque temos sentimentos e emoções...? Porque sentimos as coisas...? Como sinto, neste momento, a triste redução que fazes de todos os seres humanos. Acabaste de nos reduzir à nossa insignificância. Acabaste de dizer que somos seres insignificantes. Mas a tua imagem redutora das coisas, não te esqueças que só te reduz a ti, que tens essa imagem. Não reduz a mais ninguém. Não reduz aos outros seres sexuais. A tua imagem, reduz-te a ti mesmo. É óbvio, que eu não me sinto um ser sexual. Sinto-me um ser emocional, um ser social, um ser inteligente, um ser cognitivo, um ser filosófico, um ser amoroso...”

“Isso é tudo muito bonito o que estás a dizer, Jaime. Mas isso também eu consigo dizer, se eu quiser...”

“Mas não foi o que disseste, Lúcio! E o que conta, é aquilo que tu dizes. Porque aquilo que tu dizes, fica registado nos nossos cérebros. Os nossos neurónios-espetadores estão a captar toda a informação

que tu nos estás a dar e estão a registar para sempre nos nossos cérebros, numa gaveta, como uma memória. E eu não tenho memória senão de teres dito, com toda a certeza, que éramos seres sexuais e não seres amorosos ou seres emocionais ou seres sociais...”

“Tu não consegues controlar os teus neurónios. Há impulsos que não controlas! Ou vais dizer que tu controlas todos os teus impulsos?! Há impulsos sexuais que tu não consegues contornar! Que fazem parte da tua natureza. É como um leão comer um veado. É um impulso da natureza. É como tu olhares para um gajo todo bonzão e queres comê-lo, queres ir com ele para a cama. Não consegues controlar a tua ereção pelo gajo. Por muito que queiras, vais ficar de pau feito na praia e toda a gente vai ver que aquele gajo mexeu contigo, que mexeu com a tua natureza. Com a natureza, que tu não consegues controlar. E não é por mal, és humano. Somos todos humanos. Nós não conseguimos controlar a natureza. A natureza é que nos controla. Nós não conseguimos controlar os impulsos. Os impulsos é que nos controlam. E se tu não podes ter domínio por um impulso da tua natureza, não podes ser responsabilizado por isso.”

“Ah isso, é que podes! Podes e vais ser responsabilizado pelos “impulsos” que não consegues controlar. Até podes ter impulsos, até podes ter atrações, mas é tudo uma questão mental. É tudo uma questão de estabilidade emocional. É tudo uma questão de amor pelas coisas. Tu até podes não conseguir controlar os teus neurónios, podes não ter mãos neles “por eles serem milhares”... E tu só teres duas mãos e um cérebro... Mas tu controlas essas tuas duas mãos e esse teu cérebro. Genericamente, tu até tens controlo, tens um domínio neuronal, porque tens um domínio cerebral. Ao controlares o teu cérebro, ao comunicares com o teu cérebro, ao contratares com o teu cérebro, ele contrata com os neurónios, ele comunica com os neurónios e toma mão deles. Dá-lhes um certo sentido, uma tendência, um significado. A orgânica do nosso cérebro é plástica. Ele está plasticamente disposto a tomar o caminho e o meio que tu queres tomar, que tu queres inteirar, que tu queres absorver. Nessa absorção do meio, os teus neurónios comportam-se com o meio. Reagem com o meio. Se tu estiveres amorosamente preenchido, os teus neurónios só te vão dar impulsos amorosos. Não te vão dar impulsos sexuais. Os teus neurónios-espetadores só vão ver bonito o teu namorado. Vão ser os telespetadores do teu namorado. Vão se ligar a todas as células do teu namorado. E vão

se comunicar com os neurónios do teu namorado, numa telepatia muito bonita. Vão-se sintonizar com o amor. Por isso, nem eu nem a leoa que contornou o seu instinto natural de predar gazelas e protegeu durante anos uma gazela dos leões, mimando-lhe, dando-lhe afetos, percebemos aquilo que dizes.”

“Então, se eu por acaso tiver um impulso sexual por alguém sem controlo nisso e quiser matar esse impulso para me libertar desse pensamento libidinoso da minha mente e poder depois estar outra vez a 100% com o meu namorado e se o só fizer uma vez, só para libertar essa minha natureza libidinoso interior que eu não consigo controlar, vais dizer-me, que neste caso, a minha traição, que foi para salvar o meu namoro, não se justifica? É que podes dizer aquilo que tu quiseres, mas nós temos uma natureza sexual em nós, e por isso, nós somos seres sexuais.”

“Não! E não! E não! Nada justifica essa tua traição! Nada justifica traíres! Mas quais impulsos? Foram os impulsos? Se tens esses impulsos, então é porque não amas! Também os tinha, mas antes de amar alguém! Antes de namorar com o Afonsinho... Somos seres sexuais? Então sê sexual com o teu namorado! Com quem dizes que amas! Com quem te diz que ama

todos os dias! Se somos seres assim tão sexuais, como tu dizes, então, porque é que não fazes sexo todos os dias com o teu namorado? Faz sexo a toda a hora com ele! É com ele que tens que fazer sexo! Não é com mais ninguém! Não é comigo, nem com o meu namorado! Por isso, bem que podes tirar o cavalinho da chuva!”

“Uma leoa que protegeu uma gazela de outros leões e deu-lhe afetos? Que história é essa?” perguntou-me Dário.

“É uma história real, como há mil e uma outras. Há predadores que conseguem controlar os seus instintos naturais e amar as suas presas.”

“Irmão... Isso sou eu e tu... Eu sou um predador natural teu, mas consigo controlar os meus instintos naturais e amar-te como uma presa minha.”

“Eu sei Dário. Sempre tiveste cara de predador.” respondi-lhe.

“Tu és a minha gazela, Jaime. Eu sou o teu leão...”

“De facto, consegues mesmo fazer-me sentir uma gazela. Talvez tenha sido uma gazela na vida passada e talvez tenha sido comida por ti, Dário.”

“Ah...! É por isso que não comes gazelas? Porque te sentes uma gazela...?” perguntou Lúcio.

“Ainda não percebi essa tua filosofia dos animais...” zoou-me o Dário.

“Que filosofia dos animais?” perguntei cínicamente.

“Sim, essa tua filosofia dos animais... Não comes uns animais, mas depois comes outros... Nem sei se lhe hei de chamar filosofia dos animais ou filosofia de dieta ou filosofia dos nutrientes... Ou filosofia da incoerência...” intrometeu-se Lúcio num sutil complô com Dário contra mim.

“Podes chamar-lhe o que quiseres. Eu chamo-lhe filosofia de inteligência sócio-afetiva.”

“Sim... Mais uma vez, lá estás tu a ser incoerente e a inventar... Ou não comes nenhum animal ou, então, comes todos os animais... Não há animais mais fofinhos que outros... Aliás!... Quem és tu para ditares as regras do jogo? Quem és tu para dizeres que há animais mais fofinhos que outros?” provocou-me Dário.

“Não fui eu que inventei as leis da Ecologia nem da Biologia. Nunca me ouviste dizer que não como animais por eles serem “fofinhos”, seja lá o que isso signifique no teu dicionário, que duvido que incluas a palavra “fofinhos” no teu dicionário. Mas há animais mais inteligentes que outros. E não sou eu nem *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que dizemos isto. É a própria Natureza. É a Biologia. Talvez, se perderes menos tempo de volta da *dark net*, dos *Facebooks* e dos *Instagrams* e dos *WhatsApps* que é tudo o mesmo mercado de dados e investires esse tempo a observares e a reparares um pouco mais na Natureza, comeces a ver os dados que a Natureza te deixou e talvez, numa Internet própria da tua natureza, comeces a querer ligar aquilo que vês, que é a realidade que tens à tua frente. Há animais que possuem uma extrema inteligência emocional sócio-afetiva. É essa a minha filosofia! E acho que é lícita e perfeitamente legítima e moral... Não percebo, porque é que se têm que opor... Não percebo, porque é que as minhas escolhas mexem tanto convosco...”

“Agora deu-te para isso...” zoolu Lúcio.

“Ninguém aqui se está a opor, mas queremos explorar o que vai aí nessa tua cabecinha...” retorquime Dário num desafiador tom.

“Mas quem tem que explorar o que vai na minha cabecinha sou eu... Não é nenhum de vocês, porque vocês não são nenhuns exploradores para andarem a explorar cabecinhas...”

“Quem disse? Somos exploradores de dados... Gostamos de explorar e extrair todos os dados...” continuou Dário no mesmo tom.

“Então, vão fazer essa vossa exploração para outro lado, que eu vim para aqui para estar na praia completamente sossegado. Já vos disse: não predo nenhum animal que eu saiba que tenha inteligência sócio-afetiva com os da sua espécie ou com a espécie humana. E eu sou livre de filosofar e defender esta minha filosofia.”

“Então e tiraste essa tua filosofia de onde? Do *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, d’*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy ou do *Jupiter* de Gabriel Garibaldi?” perguntou-me Dário.

“Importei da minha cabeça e vi que a minha filosofia estava também escarrapachada em todos esses

livros e que o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala tinha sido o primeiro autor a defender esta inteligência sócio-afetiva das espécies n’*O Algoritmo do Amor*.”

“E diz-nos lá... Não ficaste com uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari por teres visto essa tua filosofia espelhada nesses livros como se te tivesse sido extraída tecnologicamente da mente e clonada ali numa outra filosofia mais tecnológica, por esses novos autores mais tecnológicos nos seus livros tecnológicos?”

“Claro que não.”

“Então, se não ficaste com a sensação de uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, com que sentimento ficaste?”

“Com o sentimento que estava sintonizado ao sistema. E vocês também deviam, de uma vez por todas, sintonizarem-se connosco ao sistema e ao universo.”

“Tu dantes, não eras assim... Tu dantes, comias porco; eu lembro-me muito bem! Até te cortaste a cortar o presunto na Feira do Cavalo na Golegã. Não largavas a perna do presunto. Quase que ias cortando o dedo com aquele facalhão.” contou Lúcio.

“Quase que ia cortando? Cortou mesmo... Ficou com o dedo indicador pendurado preso por um fio de tendão... Foi uma sorte não ter ficado sem o dedo.” adicionou detalhadamente Dário.

“Foi uma sorte eu ter cortado o dedo e ter visto o sangue vivo que sai dentro de nós, quando cortamos a nossa carne. E vocês parecem uns agarrados à história. Não são capazes de se libertarem da tecnologia dela. Não se libertam, nem deixam os outros libertarem-se. Não deixam os outros evoluir. Há histórias mais bonitas que podes contar sobre mim. Eu quando conto histórias sobre ti, não vou buscar as tuas piores histórias. Vou buscar sempre as tuas melhores histórias. Se queres fazer rir os outros com histórias minhas, tens que ir buscar histórias minhas que não me denigram, que não me mal me reputeem, que não me tirem o crédito daquilo que vês que eu estou a dizer ou daquilo que vês que eu estou a fazer e quero fazer. É que é sempre isso que fazes, já reparaste? Tu e o Dário só sabem fazer isso! E depois vão buscar o passado como se isso vingasse alguma coisa para o presente. Parece que não sabem ir buscar passados. Podem ir buscar passados meus e nossos. Se viveram esses passados comigo, podem ir buscá-los. Mas têm que saber trazer como deve ser os passados. Sim, comia carne de porco e então? Deixei

agora de comer carne de porco. O importante aqui não é “que eu comia”, mas que deixei de comer. Também fumava! Mas assim que apareceu o Afonsinho na minha vida deixei de fumar, porque quero ter uma longa vida com ele e não quero que ele me veja a ser entubado, nem eu quero ser entubado. Houve uma mudança, houve uma evolução. Comia porco até ter sido informado que há quem tenha porcos como animais de estimação, que há porcos que fazem parte da família de humanos, que há porcos que brincam o dia todo com cães, que há porcos que adoram crianças e as defendem como se fossem cães. Evolui o meu pensamento. Não tenho que ser massacrado, só porque nasci numa família que comia carne de porco e não sabíamos que o porco tinha uma inteligência sócio-afetiva. Soubemos, tivemos essa informação e reagimos a essa informação. Cada um reage à informação como quer. Eu reajo assim. É a minha evolução.” respondi-lhes.

“Eu já te tinha dito que odeio que as pessoas digam que “é a evolução”, que “evoluíram” e que os outros “têm que evoluir”.”

“Podes odiar, Lúcio. Mas não é o teu ódio, que é mais um grémio do que outra coisa, porque é um grémio mental que tens aí no teu cérebro que não te

deixa ouvir os outros dizerem que evoluíram, que vai fazer com que eu pare de dizer que evoluí, quando eu sinto verdadeiramente que há uma evolução em mim! Ontem, comia carne de porco; hoje, não como carne de porco. Evoluí, em relação aos outros que continuam a comer carne de porco. Antes fumava. Agora já não fumo, porque amo o Afonsinho. Ele nunca me pediu para eu deixar de fumar, eu próprio quis deixar de fumar. Quando alguém nos ama e nos quer para sempre e nós amamos e queremos para sempre ficar com quem nos ama, para nós ficarmos para sempre com quem amamos, temos que ter uma boa saúde. Senão, a pessoa que nos ama é que vai ficar cá a ver a sermos entubados, é que vai sofrer muito mais do que nós que vamos ser entubados. E o Afonsinho conheceu-me a fumar. E mesmo assim, escolheu ficar comigo, mesmo comigo a fumar, quando ele nunca fumou, odeia o tabaco e não percebe porque é que as pessoas fumam quando sabem que faz mal, que os cigarros são radioativos, que estão associados a quase todos os cancros e que encurtam a esperança de vida. Quando eu amo, eu não quero encurtar a minha esperança de vida. Eu só quero é alongá-la. Eu só quero é ter uma longa vida com o Afonso. A saúde está francamente relacionada com a felicidade. Se eu quero continuar tão feliz como sou hoje, talvez tenha que começar a zelar pela minha saúde

e a pensar já na minha reforma. Eu evoluí nisto. Antes embebedava-me, hoje já não me embebedo. Evolui em relação aos copos de vinho. Já lá vai o tempo em que andava nos copos, a comer carne de porco e a deitar-me com lobos. Os lobos que cacem os porcos e as ovelhas. Eu não sou nenhum lobo. Não tenho o instinto de predação deles. Tenho uma outra intuição. E a minha intuição, dá-me uma outra filosofia de predação.”

“Já percebemos que gostas é de comer sardinhas. Opa, deem-lhe sardinhas que o gajo come! Se o gajo não quer comer porco deixem-no estar, comemos nós, sobra mais carne para nós!... Não foste um lobo, mas deves achar que foste um golfinho e por isso, se os golfinhos não comem porcos tu também não comes porcos, não é Jaime?” [risos]

“Vês como até consegues ter piada, Dário?”
assinalei-lhe.

“Vai um peixinho-aranha frito ou um chouricinho assado Jaime?” perguntou-me Dário.

“Já marchava um peixe-aranha.” respondi-lhe.

“E um peixinho-aranha frito ou um cavalo-marinho grelhado?”

“Eu protejo os cavalos-marinhos. É um crime os humanos comerem cavalos-marinhos.” respondi-lhe.

“É um crime? Essa é boa! Estás a ver? Tu para mim, és a incoerência em pessoa... Quer dizer, não comes cavalo-marinho, porque dizes que é um crime, nós humanos comeremos cavalos-marinhos, mas peixes-aranhas já podes comer e se tu podes comer, então, já todos podemos comer, só porque tu comes, e por isso, já não é crime nenhum...”

“Um peixe-aranha em nada tem que ver com um cavalo-marinho, Lúcio.”

“Ó Jaime, desculpa lá, mas, então, se até os golfinhos comem cavalos-marinhos, porque é que nós não podemos comer também cavalos-marinhos, sendo que os golfinhos são extremamente inteligentes e sociais????” perguntou-me Lúcio indignadíssimo.

“Os golfinhos não comem cavalos-marinhos.” respondi-lhe.

“Se os golfinhos comem peixes-aranhas também comem cavalos-marinhos.”

“Os golfinhos não comem cavalos-marinhos!”

“Mas comem peixes-aranhas...”

“Sim, comem!”

“E tu comes peixes-aranhas?”

“Sim, como.”

“Então, e não tens pena dos peixes-aranhas?”

“Eles são solitários e não têm vida social nem afetiva com nenhum outro peixe-aranha.”

“E os cavalos-marinhos não são solitários?”

“Não!...”

“Então, quando o macho morre a fêmea não fica para ali solitária só a pensar “no marido” que morreu, à espera de morrer?”

“Sim...”

“Então, é solitária! Aí, já podíamos comer... Ou não concordas?”

“Claro, que não concordo!”

“Então, mas vá... Imagina que os golfinhos comem cavalos-marinhos...”

“Mas os golfinhos não comem...”

“Mas imagina...”

“Mas eu já sei o que tu vais perguntar...”

“O que é que eu vou perguntar?”

“Se os golfinhos comessem cavalos-marinhos hipoteticamente se eu também os iria comer, pelos golfinhos comerem...”

“E então?”

“E então o quê, Lúcio? Esta conversa já me está a saturar, confesso-te...”

“Eu quero que imagines!”

“Tu não tens de querer que eu imagine nada! Eu imagino o que eu quiser...”

“Está difícil, hoje, de te extrair dados...! Porque é que te estás a fazer assim de tão difícil? Responde lá ao Lúcio... Isto é uma conversa intelectual... Não és tu que gostas de conversas intelectuais?... Estamos a dar-te uma de bandeja...!” intrometeu-se Dário num complô com Lúcio, cada vez menos sutil.

“Eu, às vezes, acho-vos uma piada... Isto de intelectual não tem nada... Para mim é uma conversa idiota.” respondi-lhe.

“O que vale é que para ti, tudo o que dizemos é idiota.” retorquiu Dário num tom cinicamente *vitimioso*.

“Se imaginarmos que os golfinhos comiam cavalos-marinhos, aí tu também já comias cavalos-marinhos, não era Jaime?” insistiu Lúcio.

“Claro, que não!” Não é por os golfinhos comerem um animal que eu vou também comer esse animal.”

“Então, mas eles são superinteligentes...”

“Pois, são... Mas não é por um golfinho, que é superinteligente, não ver inteligente um animal, que eu vou esquivar-me de reconhecer a inteligência de um animal. Um golfinho pode não comer um cavalo-marinho por mil e uma razões. Ou porque é muito ossudo e não gosta, ou porque sabe mal, ou porque o acha engraçado, ou porque comunica com ele, ou seja, lá pelo que for. O golfinho pode não conseguir ver a inteligência de um animal. Mas nós conseguimos. No nosso mundo há biólogos, laboratórios, escolas, Internet... No mundo dos golfinhos não há nada disso! Talvez, os golfinhos não saibam que os cavalos-marinhos ficam juntos para sempre... Mas sabem outras coisas, que nós não sabemos. Parafraseando Gil de Sales Giotto, nós “não percebemos muitas coisas que os animais fazem que são inteligentes, porque usamos a

inteligência humana como padrão. Mas há muitas mais inteligências para além da inteligência humana.” E isto está inscrito no meu coração e está escrito no *À Velocidade da Luz*. Talvez, os golfinhos até saibam que os cavalos-marinhos ficam juntos para sempre e talvez até possa ser, por isso mesmo, exatamente por isso, que os golfinhos não predam os cavalos-marinhos e “os defendam”, capturando peixes maiores e caranguejos que predam os cavalos marinhos. Ou talvez, os golfinhos não saibam que os cavalos-marinhos ficam juntos para sempre. Mas nós sabemos! E isso, muda tudo! Essa informação tem que fazer mudar tudo! É assim, que o homem deve evoluir! Reagindo à informação! Processando uma nova informação! Geri-la e depois, atuar com a nova informação! É isso, que se chama evolução! É esse o verdadeiro significado de evolução! Reagir à informação!

IV

***“AS RAPOSAS HUMANAS É QUE SÃO
PERIGOSAS, SOBRETUDO AS MAIS
TECNOLÓGICAS”***

**

Assim que entrámos em casa eu e o Afonsinho subimos as escadas para o nosso quarto. Enquanto trocávamos os calções de banho por uma calça de fato treino e os chinelos por uns ténis para irmos dar um passeio pelo monte, trocávamos mil beijinhos na boca e no corpo um do outro a saber a sal da praia. Levámos uma garrafa de vinho, o gargaleiro e duas taças de vinho para o nosso passeio. Tinha escondido a garrafa, as taças e o gargaleiro no meu quarto, para quando descêssemos as escadas, conseguíssemos logo pôr-nos porta-fora da casa, sem termos que ir à cozinha.

“Eh! Onde é que vão os pombinhos?” apanhou-nos Mauro Bruno ao colo com a Silvinha que se perdia em gargalhadas no caminho deles para o banho.

“Shiuuuu!” mandou Afonsinho calar Mauro Bruno e calar as gargalhadas da Silvinha que nos denunciariam.

“Eh! Nem convidam!” exclamou Dário, aparecendo ali em cena em tronco nu, descalço, de luvas de boxe calçadas e uns calções larguíssimos encarnados.

“Tu não podes ser convidado, porque quem está a treinar não pode beber vinho.” interveio Mário.

“Vês...? Eu até te convidava para vires connosco num passeio romântico, só que o nosso passeio mete vinho e o teu *boyfriend*, barra, *personal trainer* não te autoriza...” aproveitei a deixa de Mário, para responder a Dário.

“O meu querido namorado, autoriza-me a ir beber um copo com os meus queridos amigos Jaime e Afonsinho?” perguntou Dário.

“Não. Eles vão namorar que ainda não namoraram, porque ao contrário de nós, eles não são uns javardos e não se comem fortemente na praia como nós o fizemos, que até os deixámos com vergonha alheia, e não vale a pena dizer que não, Jaime, porque bem senti o teu olhar julgador... Além de que não te convidaram e tu, meu querido Dário, tens um treino para fazer comigo, agora.” Respondeu Mário.

“O meu querido *personal trainer*, autoriza-me a ir beber um copo com os meus queridos amigos Jaime e Afonsinho?” voltou a insistir noutra versão.

“Nem vale a pena...” respondeu-lhe Mário, “Já estamos atrasados e o Lúcio e o Álvaro estão à nossa

espera para começarmos o treino... Jaime, espero que não te importes mas vou fazer da tua cozinha, que mais parece um salão de baile, um ginásio para dar umas aulas de boxe aos meus novos clientes, apresento-tos: Lúcio e Álvaro.”

“Vais enriquecer à custa da minha cozinha, que é minha propriedade?” perguntei.

“Vou. Se me deixares...”

“Isso é enriquecimento sem causa. Está no artigo 473º do Código Civil!” assinalou Dário com o dedo indicador a apontar para Mário, zombando com uma mão à cintura.

“O que é isso?” perguntou Lúcio.

“É um regime que o Direito se lembrou “de abrir” no Código Civil e que diz que o dinheiro que o Mário fizer por ser vosso *personal trainer* aqui na minha cozinha reverterá para mim, porque ele está a usar a minha cozinha, que é minha propriedade, ou seja, está a ganhar a vida injustamente à minha custa. No entanto, a natureza da obrigação do enriquecimento sem causa é subsidiária, ou seja, só se aplica se nenhum outro regime se aplicar. O Dário invocou o artigo 473º, mas no artigo logo a seguir a esse, no 474º, está qualquer coisa escrito

como, “quando a lei preveja outro meio de restituir ou indemnizar o empobrecido”, que sou eu, ou “negue o direito à restituição”, que aqui não se nega coisa nenhuma, ou “atribua outros efeitos ao enriquecimento”, então “não haverá lugar à restituição por enriquecimento” e vai-se restituir através de outro regime... Que é isso que quer dizer, ter natureza subsidiária. Ou seja, só se aplica se não se aplicar outro regime ou se a lei não me disser que tenho que aplicar outro regime.”

“Mas tu não ficaste mais pobre... Simplesmente não vais é ficar mais rico... E para te ser algo restituído, é porque tinhas que ter esse algo e tu não tinhas nada...” contestou Lúcio.

“Certo! Mas aqui neste regime, alguém ficar mais rico à minha custa, é juridicamente igual a eu empobrecer. E quando se diz que se vai restituir, é restituir-me aquilo que era meu por direito. Alguém chegar aqui e fazer dinheiro com a minha cozinha ou na minha cozinha...”

“Salão de baile...” corrigiu-me subtilmente Mário.

“Isso... Faz o Direito dizer que esse dinheiro é para mim. Neste caso, haverá uma gestão de negócios em que o Mário vai assumir a direção do negócio do ginásio que é um negócio alheio ao Mário, porque a cozinha é minha e ele vai montar o negócio na minha cozinha, logo o negócio é meu e sou eu que sou o dono do negócio, num negócio em que o Mário vai assumir a direção no meu interesse... Neste caso, não se iria aplicar o enriquecimento sem causa, por causa da sua natureza subsidiária, por haver um outro regime que resolveria aqui o meu caso, que seria o regime da gestão de negócios. Portanto, isto seria uma gestão de negócios.”

“Base legal?” perguntou-me Dário.

“Artigo 464º do Código Civil.”

“Divirtam-se!” exclamámos em coro eu e Afonsinho, despedindo-nos deles...

“Vocês vão onde?” perguntou Dário.

“Vamos dar um passeio...”

“Sim, mas vão onde? Ao poço, ao miradoiro, ao clarão, à fonte?... Vão para que lado?”

“Vai ser um passeio-surpresa para o Afonsinho...
Por isso, não posso dizer... Divirtam-se!”

“Vocês não vão levar os telefones?”

“Não...”

“Porquê?!”

“Nós nunca levamos os telefones quando vamos
os dois passear...”

“Porquê?!”

“Porque haveríamos de levar?”

“Pode acontecer alguma coisa...”

“O mais perigoso que pode aqui acontecer é
aparecer uma mãe javali com os seus javalis pequenos e
querer-nos atacar... Mas eu e o Afonsinho somos
peritos em subir às árvores e estamos sempre a subi-las.
Se aparecerem javalis ficamos a namorar em cima de
uma árvore.”

“E se aparecer uma raposa? É melhor levarem os
telefones, para caso aconteça algo nós irmos a correr ter
convosco... Olha só se aparece uma raposa!”

“As raposas animais não nos fazem mal nenhum. As raposas humanas é que são bastante perigosas... Sobretudo as mais tecnológicas... Tu é que me saíste uma grande raposa! Nós não precisamos dos telefones para nada, só precisamos da garrafa, do gargaleiro e destas duas taças de vinho. Até logo! Bom treino!”

[— Acham que o Jaime sabe alguma coisa da
Aplicação?

— Claro que não sabe! Se ele soubesse não estávamos agora aqui em casa dele como convidados...

— Não, necessariamente... Ele é inteligente...

— Eu acho que ele desconfia de alguma coisa...

Não ouviram o que ele me disse?

— Sim... Que as raposas animais não faziam mal nenhum, mas que perigosas eram as raposas humanas e sobretudo as mais tecnológicas... Ou seja, isto foi uma dica dele para mim...

— Sim... Mas ele persente as coisas... Ele tem uma sofisticada tecnologia que ganhou no nascimento dele, que é a intuição... Ele é extremamente intuitivo...

Pode só estar a tentar tirar nabos da púcara com a intuição dele... Para além de que, tu estavas a insistir imenso, não podes insistir assim tanto... Ele quando anda com o Afonso, anda sempre sem telefone. Já sabemos.

— E por falar em telefones, onde é que estão os telefones deles? Sempre podíamos entreter-nos um bocado a *hackear-lhes* umas mensagens, umas fotografias... Podem ter *nudes* no telefone...

— Eles não trocam *nudes*.

— Como é que sabes?

— Porque sigo o *Target* dele no *Messenger* e no *WhatsApp*. E não há nada de novo. Tudo o que ele tem no telefone dele está na *Aplicação*. Eles têm estado connosco, o dia todo, ele nem sequer mexeu no telefone, por isso, não vale a pena vermos nada no telefone dele...

— Mas pode haver algo no telefone dele que não esteja na *Aplicação*...

— Nós instalámos-lhe o programa no telefone dele em que temos acesso a tudo do telefone dele e sabemos o que ele está a fazer no telefone. Não há nada no telefone dele que não esteja na *Aplicação*...

— Podíamos era também instalar um programa desses no telefone do Afonso... Eu sei o padrão dele para desbloquear o teclado do telefone...

— Não podemos...

— Porquê?

— Porque o Afonso está connosco...

— O quê???? Eu sabia!!!! Juro-te! Eu sabia! Eu sabia que ele estava connosco! Ele não é estúpido nenhum! Era óbvio... Eu vou fazer-me a ele, não quero saber... Se ele está connosco, posso saltar-lhe para cima... O gajo dá-me uma *tusa!*...

— Estava a gozar... Só queria ver a tua reação...

— Então, já não estou a perceber nada... Está ou não está connosco?

— Não está puto! Eu estava só a gozar contigo, só queria ver a tua reação...

— Não podes brincar com o meu coração dessa maneira!... Já me estava a imaginar a bater umas com o gajo...

— Não encontro os telefones deles...

— Ratos como eles são, devem ter guardado no porta-luvas do carro... Procurem a chave!

— Eles devem ter levado a chave, de certeza! Se eles guardaram os telefones no porta-luvas do carro, então levaram as chaves do carro com eles...

— Não está ninguém nas imediações?

— Há 20 pessoas nas imediações. Este monte está minado!

— Devem ser os betos todos que estavam na praia. Na praia estavam umas 200 pessoas na *Aplicação*...

— Já estão dois casais gays a seguir-lhes o *Target* e está também um grupo de 5 pessoas com duas raparigas.

— Mas se eles não levam os telefones, não dá para *hackear-lhes* as conversas... Assim parece que eles estão mesmo a namorar na vida real... Que seca!

— Não dá para *hackear-lhes* as conversas, mas dá para interagir com eles... Já dá para pôr alguma coisa na *Aplicação*, para pormos gota no carro para voltarmos para casa, comprarmos umas roupinhas novas...

— Mas tu só vais ver na *Aplicação* as interações dos betos com eles. Vão ser os betos a enviarem as interações para a *Aplicação*, não vais ser tu, tu só vais ver na *Aplicação* o que os betos enviarem.

— Exato! Ou seja, quem vai receber o dinheiro são eles e não nós, como é que dizes que vai dar para

pôr combustível no carro e para comprar roupas se nós vamos receber népia?

— Porque nós não vamos receber népia... Eu abri uma parceria com eles na *Aplicação*, porque fui eu que lhes cedi o *GPS* exato deles, para eles poderem seguir o *Target*...

— Que percentagem é que vamos receber dos lucros?

— Fiz parceria 50:50. Eles vão dividir irmãmente connosco. Eles são todos um grupo, mas vão separar-se em 3. Nos dois casais gays e no grupo de 5 com duas raparigas.

— Também vai dar para uns maços de tabaco e uma viagensita *low-cost*...

— Que é isto que a vida dele vale ou rende...
Uma viagem *low-cost*...]

V

**

“MAS VOCÊS ESTAM A FILMAR OU QUÊ”

Tínhamos acabado de chegar ao miradoiro, que não era miradoiro, mas que eu chamava àquilo miradoiro, porque tinha vista e eu queria mostrar ao Afonsinho. Ficava à beira da estrada que atravessava o monte alentejano minado de sobreiros. Enquanto o Afonsinho abria com jeito a garrafa de vinho com o gargaleiro, eu avistava a vir do lado direito, mas do outro lado da estrada o anormal da bujarda que tinha vindo para cima de mim aos berros a fazer peito, mais o amigo dele que o Dário dizia que se estava a fazer a mim, quando veio “acalmar os ânimos” do amigo. O Afonsinho entorna o vinho nos nossos copos e naquele entornar, avisto a vir do lado esquerdo também do outro lado, os meninos do rugby, os dois, que me queriam pagar um copo por se terem metido entre mim e o Afonsinho com a bola deles. Aparentemente os meninos do futebol e os meninos do rugby, no passe em que vinham, iriam cruzar-se ali à nossa frente, mas do outro lado da estrada. Os meninos do futebol atravessaram a estrada como se viessem dirigindo-se a nós. Veio-me logo o cheiro a suor dele que o meu cérebro tinha gravado naquela cena de estar a vir para

cima de mim com o corpo todo suado. Os meninos do rugby imitam os meninos do futebol e atravessavam também a estrada num passe mais demorado.

“Afonso, são os que estavam lá na praia... O tal da bujarda e o amigo que veio falar comigo... E do outro lado, estão aqueles do rugby que insistiram pagar-me um copo como pedido de desculpas...”

“Que coincidência tão estranha, não achas?”

“Eles vêm falar connosco...”

“O que é que eles quererão? Que seca! Estamos aqui tão bem...”

“Ouve... Tu achaste que o amigo do anormal da bujarda que veio falar comigo se estava a fazer a mim?”

“Não... Porquê? Tu sentiste alguma coisa?”

“Foi o Dário que disse que o amigo dele se fez a mim à cara podre, que falava comigo mesmo em cima de mim e punha-me a mão por cima, a encostar-se todo e que ele tinha olhado para ti e tu “já estavas em brasa”.”

“Eu nem reparei em nada disso. Isso é um filme do Diário.”

“Desculpa lá aquela cena na praia, mas foi do calor do momento... Dá para abancar convosco?”

“Para abancar connosco não dá...”

“Sou o Salvador. Desculpa, eu “passei-me dos carretes”, quando jogo à bola fico assim, fico cego, não é por mal... Nem foi nada pessoal!”

“Eu sou o Sebastião. Vocês têm aqui casa?”

“Sim.”

“Os dois?”

“Sim.”

“Vocês não têm nome?”

“Sou o Jaime e é o Afonso.”

“Prazer, Jaime!” disse o Sebastião.

“Prazer, Afonso!” disse o Salvador.

Nós só sorrimos para eles, tentando demonstrar-lhes simpaticamente que não eram bem-vindos.

Avistei um outro grupo constituído por 3 rapazes e duas raparigas que vinham do lado direito. Olhei para o lado esquerdo e os meninos do rugby tinham parado uns poucos metros ao nosso lado e comecei a sentir o cheiro a erva. Estavam a fazer um charro.

“Dá para abancar aqui uma beca convosco ou estão na vossa cena? Nós respeitamos se estiverem na vossa cena...” disse isto, mas sentou-se “Vocês têm casa aqui, mas são mesmo de onde? Tu és de onde?” perguntou Sebastião já tão-só dirigindo-se a mim, sentado do meu lado direito.

“Tu és de onde? Tu também estavas lá na praia, não estavas? Eu lembro-me de ti...” perguntou Salvador ao Afonsinho sentado do lado esquerdo do Afonsinho, querendo fazer conversa com ele, tentando separar-nos assim.

“Nós estamos juntos! Estamos aqui os dois... E o Jaime já vos dito que não dava para abancarem connosco...” disse Afonso para eles.

“Agora estamos aqui os 4, já os 4 abancados.”
respondeu Sebastião.

“Vocês vão ficar então aqui?” perguntei.

“Ya. Mas porquê? Não podemos?” perguntou
Sebastião.

“Claro que podem.... Por favor, estamos à beira
da estrada... É só para saber se nos levantamos nós, eu
e ele, e vamos procurar outro spot ou não ...”

“Mas, porquê? Estamos a incomodar-vos? Ainda
agora chegámos... Não somos boa companhia? Só
queremos estar a socializar e isso... Somos humanos...
Os humanos são animais sociais, ou não concordas?
Nós temos que socializar uns com os outros... Temos
que conhecer pessoas... Querer conhecer pessoas
novas... Mas se é por causa do atrofio na praia...
Epá... A sério, desculpa!... Já te pedi desculpa, mas
peço-te outra vez... Não foi mesmo por mal, acredita!
Eu nem sou de armar brigas nem nada...”

“Nós saímos de ao pé dos nossos amigos que
estão em nossa casa, justamente para estarmos os dois a
sós. Se quiséssemos socializar, tínhamos ficado com eles
ou tínhamos convidado para virem connosco. E eu
socializo é com os meus amigos. Não temos que

conhecer pessoas novas e eu não quero conhecer pessoas novas, porque já tenho o meu namorado e os nossos amigos.”

“Vocês são gays? Nós também somos!”

“Somos namorados...”

“São gays, então...”

“Não somos gays. Somos namorados.”

“Então, são gays...”

“Somos namorados...”

“Se são namorados um do outro e se são dois homens é porque são gays...”

“Ser gay é sentir-se atraído por homens... Eu não me sinto atraído por homens. Só me sinto atraído pelo meu namorado.”

“O teu namorado é loiro, eu também sou loiro e acho-te muito giro, vocês não curtem cenas a 3 ou a 4?”

“Isso nem merece resposta!”

“Baby levanta-te, vamos embora!... Não lhes respondas! Continua só a andar comigo, ignora-os...”

“Vais deixar-me sem resposta? Isso é rude da tua parte e eu odeio que me ignorem...”

“E eu odeio ter que me cruzar com cérebros como o teu e não te estou a ignorar, porque não te estou a deixar sem resposta...”

“Mas vocês não confiam bué um no outro?”

““Ya”... Nós confiamos “bué” um no outro...”

“Baby... Vá lá!... Não lhes respondas!... Isso é o que eles querem...”

“E vocês não se amam bué um ao outro? E eu consegui sentir o sarcasmo na tua voz...”

““Ya”... Nós amamo-nos “bué” um ao outro... Conseguiste voltar a sentir o sarcasmo na minha voz? Então, é porque percebes imenso de recursos estilísticos... Sabes ao menos qual é este que acabei de usar?”

“É impressão minha ou estás a ser irónico?”

“Baby! Não lhes respondas!... Continua só a andar comigo...”

“Baby... Não vês que eles estão a vir atrás de nós... Eles não nos vão largar... Parece que estão a

gravar com os telefones... Olha para eles, como eles vêm...”

“Baby, então se estás com essa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, aproveita-a e não fales... Não lhes digas nada!... Porque se eles estiverem a filmar, eles vão querer dados de voz e dados de imagem nossos... Se não dissermos nada e não olharmos para eles não ficam com dados nossos...”

“Se vocês confiam tanto um no outro, se vocês se amam tanto, porque é que não experimentam estar com um de nós, só para ver se gostam tanto assim um do outro como dizem?” voltou Salvador à cena.

“Por gostarmos tanto um do outro é que vocês não nos dão tusa, mas nojo! E só nos apetece é esbofetear-vos a cara toda por vocês terem o descaramento e a naturalidade de nos dizerem isso! Vocês metem-nos nojo, por isso, saiam-nos da frente, por favor! Ou então, vou chamar a polícia! E baixem os vossos telefones!! Mas vocês estão a filmar ou quê?! Eu vou chamar a polícia!!!” disse isto em alto e bom som à frente do grupo de 5 que nos engoliu.

Metemo-nos por dentro de uns sobreiros e conseguimos despistar-lhes. Avistámos um sobreiro

centenário altíssimo, que do frondoso tronco que segurava de pé a árvore projetavam-se em “W” mais outros troncos e cada tronco projetavam mais outros troncos em “W”, estendendo-se finalmente cada tronco em ramos em “W”. O primeiro “W” parecia um colo. Um colo que nos convidava a subir e a ficarmos lá a namorar até o sol se pôr. Aproximámo-nos daquele monstro-vivo e o Afonsinho tentou fazer “pé de ladrão” comigo para subir à árvore. Não consegui subir. Trocámos de pé de ladrão e fiz eu ao Afonsinho, que mais alto do que eu, poderia conseguir chegar ao colo da árvore e depois de lá puxar-me. Mas o Afonsinho também não conseguiu subir. Começamos a olhar à nossa volta e encontrámos um tronco mais alto que o Afonsinho e fizemo-lo rolar até à nossa árvore. Erguemo-lo e conseguimos subir. Esperámos para ver o pôr do sol naquele nosso novo primeiro andar.

[— Perdemo-los de vista.

— Devia ter sido ao contrário. Primeiro deviam
era terem chegado os do rugby e só depois os do
futebol...

— O Jaime tinha era que fumar aquela erva com eles, para ficar logo todo doido varrido das ideias e deixar-se ir pelo momento...

— Acham mesmo que com um charro e à frente do Afonso, o Jaime ia, o quê? Começar aos beijos com um deles?

— Se fosse com os do rugby ia... E mesmo com o loiro do futebol... Esses 3 são os algoritmos dele, eu conheço todos os algoritmos dele...

— Mas o loiro começou foi a falar com o Afonso e não com o Jaime...

— Eu percebi a cena dos gajos... Como o outro é que já se tinha feito ao gajo na praia, era para ver se espoletava alguma coisa agora, por já haver uma química antes e tal, mas o Jaime nem reparou nisso, eu disse isso na *Aplicação*...

— O que eu sei é que isto não foi nada bem jogado...

— Eu acho que se tivessem sido primeiro os do rugby a interagirem com eles a coisa corria melhor...

— Pois, corria... O Jaime estava super tenso com o loiro, por causa da cena toda na praia...

— Super tenso? Estava era super *teso*...

— São eles! Chegaram!]

VII

“A VOZ DO FUTURO”

**

Chegámos a casa esfomeados e entrámos logo na cozinha que estava transformada num autêntico ginásio. O Dário tinha passado o testemunho ao Lúcio e ao Álvaro que estavam os dois de volta do saco de boxe. Tinham ali pendurado um saco de boxe na minha cozinha. O Mário estava deitado num colchão estendido no chão, com o telefone no chão ao lado da cabeça, que ligado, através do *Bluetooth*, à poderosa coluna de som portátil dele, saía um *tic-tac*, de uma aplicação qualquer de treino que lhe dava as instruções, fazendo tremer a casa toda. O Mário estava em cima da bicicleta a pedalar sem sair dali da frente do Dário. Guardámos a garrafa com metade do vinho que deixámos sobrar e pegámos em duas mãos cheias, cada um, de frutos secos. Antes de nos pirarmos para o quarto, para irmos namorando e roendo as amêndoas, avelãs e nozes até há hora do jantar, pus-me de pé juntinho ao Dário, numa presença intimidatória e provocatória, com ele deitado a fazer os exercícios ao som da voz robotizada da aplicação de treino.

“O que foi Jaime?” perguntou-me Dário.

“Eu prefiro mil vezes pagar a um *personal trainer*, aqui como o Mário, do que “baixar” essa aplicação para o meu telefone e ter que ouvir essa *Voz-do-Além*.” [risos]

“A voz do futuro!” respondeu imponentemente Mário.

“Pois, a voz do futuro...” respondi.

Eu e o Afonsinho lá subimos as escadas aos risos com as mãos cheias de frutos secos, entrámos no quarto aos risos e quando íamos para fechar a porta do quarto, ouvi o Mário a dar a instrução ao Dário “Não tires a lombar do chão!”. Para mim foi delicioso. Foi tecnologicamente delicioso! Tive que descer as escadas aos risos.

“O que é que disseste, Mário?”

“Para o Dário não tirar a lombar do chão”

“Toma esta Dário! Vês?” [risos]

“Onde é que já se viu trocar o namorado *personal trainer* por um *download* de uma aplicação de treino?...” troçou Álvaro dando dois murros no saco de boxe, deixando a punhada final para Lúcio.

“Pois... Instruções destas a *Voz-do-Além* não te dá... Vês? É por isso, que sabe bem pagar a um *personal trainer*... Sabe bem à nossa lombar... O que é que disseste Mário, por causa da lombar? Repete, por favor!”

“Para ele não tirar a lombar do chão...”

“Ouve, esta *Voz-do-Além* Dário... A *Voz-do-Além* está aqui! E esta, é que é a tua voz! A voz do teu namorado!... Esta é que devia ser a voz do futuro! Esta, Dário, é que devia ser a voz do teu futuro! Não é desse robot incorporado no *software* dessa aplicação... A voz viva de quem estuda! O Mário está no Mestrado de Especialização de *Personal Trainer*... Ainda dá uns toques de Medicina... Sabes para quê? Para ir parar a uma empresa que acabou de comprar uma *machine learning* e monitorizar os treinos dele para depois dizer-lhe que já não precisa mais dele... Como fazem agora também aos psicólogos, uma empresas que “os obrigam” a inserir num sistema informático as técnicas que usaram com os seus pacientes num subtil relatório de hétero-monitorização, para depois descarregarem os dados informáticos, enfiarem a informação toda, para os circuitos neuronais e artificiais dos robots psicólogos, dos robots médicos de família, dos robots *PT's*, e viva

os robots, viva! Para quê namorados? Se já há robots! Para quê *PT's*? Se já há robots? Para quê namorados *PT's* se já há robots que são um 2 em 1, um 3 em 1, um 4 em 1, um 5 em 1, um 6 em 1, um 7 em 1, um 8 em 1, um 9 em 1...? Viva os robots! Viva as aplicações! Viva os algoritmos! Viva a estupidez humana! Viva! Viva os namorados que trocam os namorados por robots e aplicações! Viva!” [risos]

Saí dali aos risos e voltei a subir as escadas até lá acima. Só tinha descido para gozar com aquela cena tecnológica. Já outra vez no quarto com o Afonsinho, ouvíamos ainda o Mário a dar instruções ao Dário e ouvíamos o *tic-tac* da aplicação que tlintava em eco pela casa toda...

“Aquela aplicação monitoriza o coração dele? Está a monitorizar? Será que está a partilhar o treino dele em direto na *Rede*? E na *Aplicação*?”

“Que *Rede* e *Aplicação* estás a falar?” perguntou-me Afonsinho.

“A *Rede* em que toda a gente partilha tudo. Na *Rede Gay*, “agora” para os encontros conta muito a tua pontuação na *Aplicação* ou na *Rede*... Agora o lema é

outro. Agora o lema é “Mostra-me o teu treino e eu dir-te-ei se contigo vou para a cama””.

“E que *Aplicação* estavas a falar?”

“Da *Aplicação* em que imensas pessoas estão lá metidas, porque a mesquinha e ruim sociedade de informação tecnológica as meteu criminosamente lá sem pedir autorização. Eu conto-te uma coisa e tu metes a coisa que eu te contei na *Aplicação*. A seguir vou ter não sei com quem, e esse meu amigo diz-me exatamente aquilo que eu te disse ou faz uma conversa parecida. Para pessoas mais espirituais ou mais emocionais, a sociedade de informação consegue mexer com as suas emoções e fazer achar que estamos todos ligados divinamente e não tecnologicamente ou fazer achar que os amigos são *Anjos Tecnológicos* caídos do céu d’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Outras pessoas podem achar que estão metidas dentro de um filme ou dentro de um jogo ou que as suas vidas não são reais, levando-as a cometer suicídio. Se monitorizares uma pessoa ativamente numa aplicação, em que sabes onde ele vai, com quem ela está e houver uma massiva troca de informação tecnológica sobre essa pessoa, para além de isso ser um crime que devia ir parar direitinho ao *Tribunal Tecnológico* do 2080 e ser punido com “prisão

perpétua” pelo *Direito Penal Tecnológico* do 2080 de Antoine Canary-Wharf, pode tornar-se um jogo da vida real muito perigoso. Até pode haver um registo tecnológico ou uma informação tecnológica tua com fotografias ou vídeos teus numa *deep* qualquer coisa. Numa *deep web*. Numa *deep* aplicação. Ou simplesmente num *WhatsApp* secreto. Mas o importante é que as pessoas que estejam metidas nessa *Aplicação* tenham sempre presente que o que existe será “só” a informação que tenha sido lá depositada. É importante as pessoas que passam por essas experiências tecnológicas criminosas, saberem que a sociedade ou os amigos ou os colegas ou lá quem esteja na *Aplicação* não sabem tudo sobre a pessoa que está lá metida. Que ninguém lê mentes. Que isso não existe! E que se alguém disser algo que não era suposto saber, é porque teve uma informação de fora sobre nós. É porque foi informada dos algoritmos do nosso cérebro. Sabe como nos comportamos perante determinada situação, porque teve ilegitimamente e ilegalmente acesso a registos tecnológicos nossos, onde viu o nosso comportamento perante situações semelhantes. E por isso, vai conseguir manipular. Vai conseguir mexer com a nossa mente. Não existe à nossa realidade, nenhum bicho de sete cabeças. Tudo se explica tecnologicamente. E tudo o que existir mais para além dessa *Aplicação*, é tudo aquilo

que tu deres. Vão querer fazer espremer(-te) o fruto que há em ti. Vão te colocar em situações de stress. Vão te querer ver stressado. Vão te irritar. Vão dizer coisas à toa, para ver se despertam em ti sentimentos e intelectualidades. Porque tu stressado, se calhar vales mais na *Aplicação*. É como o limoeiro em que para ele te dar limões melhores, e por isso frutos, melhores, tens que lhe dar umas quantas pancadas e a árvore, coitada, em stress, lá de dá os limões. E querem-te como sumo. Porque para circulares lá “naquele canal”, têm que te espremer como sumo. O que vendem de ti é o sumo que espremem do fruto que há em ti.”

“Então, qualquer um pode estar metido nessa aplicação?”

“Sim. Qualquer um.”

“Achas que estás metido nessa aplicação?”

“Acho que o *Direito Tecnológico* de 2080 de Antoine de Canary-Wharf e o *Red Code* de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e os Códigos d’*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy vão chegar mais rápidos a Portugal do que a sociedade de informação tecnológica pensa. Sabes que, “eu” “agora”, *Direito Tecnológico*, consigo “ver tudo” e consigo ver em que sites e que

aplicações foram baixadas por um determinado utilizador... E a fábrica das leis está a fabricar novos regimes de crimes tecnológicos e a encomendar novas prisões tecnológicas. “Eu” hoje, “Direito”, já consigo ver quem anda a assistir vídeos de pessoas a morrer em direto fomentando essa economia e já as posso, por isso, puni-las severamente num tribunal tecnológico. Do mesmo modo que já consigo ver quem anda nos sites de pedofilia e a ver quem anda a fomentar essa economia. Já tenho uma ferramenta chamada “*detect porn*” que basta eu introduzir uma *pen* ou uma micro *pen* num PC ou num telefone e ver toda a pornografia que uma pessoa viu desde que comprou aquele PC ou aquele telefone, independentemente que tenha navegado na Internet em modo privado, que tenho apagado o histórico ou que tenha formatado o PC ou o telefone. Quando os crimes evoluem, o Direito também evolui. Quando os crimes se tornam tecnológicos, o Direito também se torna tecnológico. É só uma questão de ir tudo parar ao *Tribunal Tecnológico*. Se eu descobrir que estou metido numa coisa dessas, levo todos ao *Tribunal Tecnológico*.”

“E se descobrisses que os teus amigos também enviavam dados teus para a *Aplicação*?”

“É porque não eram meus amigos.”

“E se tu já estivesses nessa aplicação há muito tempo, os teus amigos tinham descoberto, mas como só havia registos negativos que denegriam a tua imagem eles não tinham tido coragem para te dizer e então começaram a enviar dados positivos teus de forma a limpar os teus maus registos, aumentando a tua reputação na *Aplicação?*”

“Eu não te deixaria seres o advogado de defesa deles!”

“Sabes... Eu adoro o teu cérebro Jaime! Acho mesmo que és muito inteligente... Tens uma inteligência social acima da média, porque sabes sobreviver na sociedade. Acho que pensas sempre muito bem. Eu amo-te!”

E continuámos naquele proíbo, a ouvir o *tic-tac* e novas instruções do Mário “abre bem os braços... Quando vais atrás... Isso... E agora junta-os...”.

“Já viste Afonso? Que grande afronta, ter ali uma aplicação de treino ligada à frente do PT e ainda com o PT a melhorar a *machine learning* com os dados que a aplicação depois envia em relatório às empresas que detêm as *machines learnings*. Não percebem o que é a

Internet? Se não sentem a afronta não sentem a tecnologia. Por isso, parece que não sabem o que é a Internet. Nasceram com a Internet, mas não sabem o que é a Internet? Como ela se processa? Como se conduz a informação? Como passa a informação? Onde é que eu já ouvi isto? Estar num lugar, usar algo, mas não fazer ideia onde estou e o que estou a usar...? Não fazer ideia do que estou a comer? Mas eu estou a falar do mundo? Do mundo da Internet? E nem sequer ouvi isto na Internet... Nem vi... Também não procurei na Internet... Sou franco, não sei se isto que estou a dizer está ou não na Internet... Se calhar, está... Se calhar, já está... Mas se eu não vi isto na Internet, então vi onde? Na minha cabeça? O quê? Há mundos fora da Internet? Há um mundo dentro de nós?” [risos]

“E continuamos a ouvir aqui em cima o *tic-tac*... Neste nosso coito, neste príbo... Eu amo-te Jaime!”

“Eu amo-te Afonso! Ainda bem que a voz do Mário se sobrepõe ao *tic-tac* da aplicação...”

“Gostas da voz do Mário?”

“Só gosto da tua...”

“A Silvinha e a Bruninha dizem que as nossas vozes são iguais. Que são vozes extremamente masculinas, roucas e sexys, com um travo beto.”

“Elas estão sempre a chamar-vos betos por vocês serem os dois de Cascais.”

“A Bruninha também vem jantar?”

“Sim. E vem também o Luís Carlos.”

“Ah! Achava que o Luís Carlos estava no Algarve.”

“Já voltou.”

“Boa! Assim vamos estar todos em casal. Vamos ser 5 casais. Onde é que estão o Mauro Bruno e a Silvinha, viste-os quando desceste as escadas?”

“Não os vi, mas a porta no quarto deles está fechada, por isso devem estar a namorar, como nós.”

“Nunca te passou pela cabeça que o Mauro Bruno pudesse ser bi?”

“Já. Mas não gosto de pensar sequer nisso.”

“Eu acho que ele gosta de ti. E tem um plano para ficar contigo.”

“O que vale é que tu achas que todos gostam de mim. Olha... O Dário gosta de ti... Está sempre a dizer que tu és todo bonzão à minha frente e do Mário... Achas normal?”

“Eu não gosto do Dário! Odeio-o! Só o suporto porque ele é teu amigo, mas ele diz coisas sem jeito nenhum, não percebo como é que és amigo dele... Vocês não têm nada que ver um com o outro! Aliás, o Dário não tem nada que ver com nenhum de vocês. Nem sequer com o Mário, não percebo também como é que eles namoram.”

“Eu acho que o Mário merecia mil vezes melhor... Sabes aquele cantor que toda a gente diz que é parecido contigo?”

“Sim...”

“Sabes que o Dário tem sempre a sua TV com microfone e câmara de mil polegadas ligada o tempo todo em casa, não é?”

“Sim... Eu tenho um medo daquela TV sempre ligada à Internet e ao *Big Data*... Nem sei como é que tu ainda te metes na casa deles com eles...”

“Esse cantor “aparece” lá muitas vezes em casa e quando “aparece lá” em casa, o Dário mete-se com o comando a fazer de microfone e a dançar com ele em grande plano. Ele faz sempre isto. E durante a dança e também no final, dizia sempre que “trocava fácil” o cantor pelo Mário. Mas logo a seguir, salienta que era “só” por aquele cantor, para “não parecer tão grave”... Eu no início pensei que aquilo era da “boca para fora”. Mas não. Aquela repetição começou a tornar-se séria... Mas enfim... Eu “era”, era amigo do Dário... Tinha que ficar caladinho... E mesmo que fosse tão amigo do Mário como sou do Dário, eu não me ia meter nisso... Era a relação deles... Agora, tu acreditas que neste último café que fui tomar com eles à noite, que até tive que vir embora de táxi porque estavam todos agarrados ao telefone, ele fez o favor de dizer isso à frente do namorado?”

“Esse gajo não bate bem!”

“Isso foi o que eu lhe disse, Afonso. Disse que ele não batia bem da cabeça! E sabes o que ele começou a querer fazer comigo, para além de “medir forças”? Começou a dizer que eu também te trocava fácil para o cantor e se não o admitisse, era porque estava a ser

hipócrita. Não me chamou hipócrita, mas foi como se me tivesse chamado...”

“Que espetáculo horrível... Se eu fosse o namorado dele, tinha me levantado dali e acabado com ele e tinha ido de táxi contigo embora dali para fora!”

“E depois no táxi pedias-me em namoro?”

“Sim. Pedia ao taxista para te deixar no meu quarto... E o Mário o que é que fez?”

“O Mário, coitado... É um banana que está ali ao pé dele... O Mário só tem olhos para ele...”

“Pois... Mas o Dário tem olhos para ele e para mais uns quantos que estão na *Rede Gay*... Aposto mesmo, que ele partilha o treino nessa *Rede* só para informar a sociedade que está em forma e está a ficar com o corpo musculado... Que está a ganhar músculos e catarro... Ele fuma imenso... Parece que quer que lhe enfiem tubos pela boca, faringe, laringe e traqueia.”

“Começo a odiar este *tic-tac*...”

“Será que o Dário e o Mário sabem que a *Aplicação* pediu autorização ao microfone para ouvir as instruções do Mário e roubar-lhe os clientes, otimizando-se?”

““*A Nova Aplicação de Treino Agora Melhorada Com Instruções do PT Virtual Mário*”.”

“Podíamos criar assim uma aplicação e ficarmos milionários e montarmos um ginásio patrocinado pelo *Big Data* cheio de câmaras e cheio de PT’s robots e assistentes virtuais...” [risos]

“Mas, espera lá!... E o teatro que eu fiz lá em baixo? E a minha voz? O que é que aquela aplicação do Dário, ali, me processou?”

VIII

***“VIM PARA CAPTURAR A TUA
TECNOLOGIA”***

“Bom proveito, malta!”

“Obrigado Dário!” respondemos todos em coro.

“1000 € por uma camisa???? 100 € por um perfume???? 100 € por uma garrafa de vinho???? 1000 € por um prato de comida???? Eu nunca, mas nunca, como é lógico, compraria alguma dessas coisas por esses valores. O meu plafond para camisas é 100 €. Não dou mais do que 100 € por uma camisa!” disse.

“Dizes isso agora, mas quando fores milionário a tua conversa muda, como toda a gente muda a conversa!”

“Não, Lúcio. A minha conversa é a mesma desde que eu toquei nas coisas e lhes dei um valor. Desde que eu, sem economia nenhuma, de olhos vendados, atribuí um preço às coisas. E depois, olhei para o mercado e vi que estava em sintonia com o mercado. Mas há

mercados que fazem disparar os preços no mercado e eu não vou atrás desses mercados. Independentemente de ganhar 1000 € ou 1 milhão eu nunca, mas nunca, compraria uma camisa por mais que 100 €, como é lógico!”

“Mas como é lógico, o quê? Dizes isso porque não tens agora 1 milhão!”

“Estás absolutamente errado! Se eu encontro camisas giríssimas por 20, 30... Vá... 40 €... Porque raio vou pagar 120 €, quando ando mais um bocado e encontro a mesma camisa por 20 €? O mesmo bocado de tecido? Eu não sou estúpido e não tenho grémios mentais! Olho para as coisas, sei ver as coisas!”

“Então estás a chamar-me estúpido?”

“Não estou a chamar-te nada! Eu disse é que eu não era estúpido, e por isso, não vou gastar mais do que 100 € numa camisa, como não vou gastar mais do que 200 € num casaco...”

“Ah! Lá estás tu a contradizer-te... Estás a dizer que não dás mais que 100 € por uma camisa, mas depois dás 200 € por um casaco...”

“Eu não estou a dizer que dou 200 € por um casaco. Estou a dizer que não dou mais do que 200 € por um casaco. Eu não quero gastar 200 € num casaco. Não saio de casa à procura de um casaco de 200 €! Mas se encontrar um casaco por 200 €, eu vestir, eu gostar, constatar que o material é bom, de materiais sustentáveis, se não for de pele de animal, mas se for por exemplo de imitação de pele, sou capaz de o comprar, mas estou no meu limite, não vou dar mais do que esse valor por um casaco. Se eu vejo que há um casaco feito de pele de animal por 150 €, mas ao lado um mesmo casaco mas feito de imitação de pele de animal por 200 €, eu, nesse caso, não me importo de pagar mais 50 € para comprar a imitação e saber que não estou a vestir um casaco que custou o sangue do animal e que custa todos os dias sangue de animal. Não alimento mercados perversos! Não contrato com inimigos do ambiente e da natureza! Só contrato com os amigos do ambiente e da natureza! Tu dás à vontade 1000 € como 10000 € por um casaco, não dás?”

“Se eu tivesse dinheiro, claro! E tu também Jaime! Não digas que não, porque eu sei que tu davas!”

“Lá está: como tu dizes “claro”, eu posso dizer “como é lógico” ou “como é óbvio que eu não dava”. E economicamente, afinal não me conheces!”

“Eu acho-te uma piada!... Tens esse relógio no pulso que tens, mas depois dizes que não davas mais que 100 € por uma camisa. Quanto é que te custou esse relógio, afinal?”

“Não te vou dizer porque foi um presente. O Afonsinho tem um igual.”

“Se calhar esse relógio custou-te mais do que 100 ou 200 € e compraste-o, hoje, por 100 ou 200 €, porque hoje não tens 1 milhão. Mas amanhã quando tiveres na mão 1 milhão, vais dizer que não vais comprar um relógio por 40 mil euros????”

“Eu era incapaz, como é óbvio, de comprar um relógio por 40 mil euros!”

“Como é óbvio?”

“Sim, como é óbvio para mim!”

“Mas tu não podes dizer como é óbvio!”

“Porquê?”

“Porque aquilo que é óbvio para ti, pode não ser para os outros. E toda a gente que tem milhões, compra relógios de 40 mil euros.”

“Mas eu falo por mim, não falo pelos outros! A minha boca está ligada ao meu cérebro, não é ao cérebro dos outros! E é assim, que eu me expresso! Dizendo, como é óbvio e como é lógico que nunca iria gastar 40 mil euros num relógio, quando há carros, bons carros, muito bons carros, por 40 mil euros! Carros para durarem uma vida inteira! E tu não conheces toda a gente que ganha milhões, por isso, por favor, não digas que “toda a gente” que ganha milhões compra relógios de 40 mil euros, porque isso ofende quem tem ouve e ganha milhões. Ofende a inteligência!”

“Mas ninguém compra um carro para durar uma vida inteira! E além disso, se os carros podem durar uma vida inteira, que não duram, também podes comprar um relógio que isso, sim, é que te pode durar a vida inteira. Mas ofende a inteligência, porquê? O que vale, é que só aquilo que tu dizes é que é inteligente...”

“Já te disse, são tudo grémios mentais! É tudo uma questão mental e por isso, ofende a inteligência das pessoas que interagem com o mercado e veem a economia das coisas. Estás a comparar algo

incomparável. Como é que tu podes estar a comparar um relógio com um carro????”

“É a mesma coisa!”

“Não é nada a mesma coisa! Um carro leva-te a viajar, facilita-te a vida em tudo, permite-te ir trabalhar, permite-te ir onde quiseses, estás a pagar conforto, segurança, tecnologia... Mas é preciso eu estar a descrever-te a função e o uso e o usufruto e o gozo que um carro te pode dar???? Estou só a sentir-me ridículo!... Desculpa lá!...”

“Também há relógios mais tecnológicos que outros e também pagas 40 mil euros por essa tecnologia. E não tens que ir trabalhar de carro, podes ir trabalhar de transporte público. O carro não te leva onde tu quiseses, podes ter que apanhar um avião ou um barco...”

“Isto está-se a tornar ridículo, e eu não acredito que vou ter que continuar a discutir isto contigo... O relógio até podia ter inteligência artificial para dizer que estás a comparar alhos com bugalhos e que não podes comparar alhos com bugalhos, até podia medir e pontuar a estupidez desta discussão e a seguir tocar uma música a gozar connosco que eu nunca, mas nunca iria

dar 40 mil euros por um relógio. Já que tinha dinheiro para gastar, então preferia criar um fundo de investimento e investir 40 mil euros em solidariedade ou se não me apetecesse ou não tivesse paciência para montar fundos de investimento, poderia doar o dinheiro a um amigo que ainda não tivesse um carro ou não tivesse uma casa, ou doar o meu dinheiro a um parente de quem gostasse muito que não tivesse um barco ou precisasse de capital social para abrir a sua empresa de responsabilidade limitada ou se não tivesse parentes ou amigos doar a uma instituição de solidariedade ou ajudar um pobre a sair da miséria. Agora nunca, mas nunca, o meu dinheiro iria para uma empresa que vende relógios a 40 mil euros, só porque sim ou só porque há pessoas a comprar relógios desses e não veem nem os salários médios nem o ordenado mínimo, ou porque se estão nas tintas para a economia das coisas e querem é comprar, adquirir, gastar, consumir e pronto. Do mesmo modo, que o máximo que eu dou por um telefone é 100 € e tu dás quase um ordenado médio em Portugal, porque dás à vontade 1000 €. Para mim, um telefone não vale mais do que 100 €. No entanto, tens um mercado de telefones que te diz que o telefone custa 1000 € e tu, ou aceitas esse preço e compras ou não concordas e não compras. Eu vejo esses preços absurdos e insuportáveis! Não dava 40 mil euros por um

relógio, mas dava 40 mil euros por uma viagem e levava-te a ti, aos teus pais, ao teu namorado e aos pais do teu namorado, comigo, com o meu namorado e com os nossos pais, durante uma ou duas semanas, se 40 mil euros chegassem para 12 pessoas, pronto! E se tivesse mais outros 40 mil euros fazíamos outra viagem, não ia a correr gastar os 40 mil euros que me sobraram para comprar um relógio, como é lógico e como é óbvio!”

“Sabiam que anda por aí a circular um estudo qualquer que incidiu sobretudo em Londres, em que um especialista qualquer veio dizer que um dos fatores que mais mexe com as pessoas é a pilha do telefone? O ícone da pilha do telefone?” lançou assim o tema Afonsinho, para reiniciar a conversa do jantar.

“A sério?” perguntaram todos em coro Mauro Bruno, Silvinha, Luís Carlos, Bruninha, Dário, Lúcio e Álvaro, menos eu e o Mário.

“Sim. Tive a ver esse estudo com o Afonsinho...” continuei, “E quando o estudo diz que mexe com as pessoas, o estudo está a querer dizer que é determinante para o stress, para o estado de espírito, para o entusiasmo e para a predisposição das pessoas para as coisas...”. [risos]

“Eu também vi esse estudo...” disse Mário, “O que achei mais escandaloso nesse estudo, foi a maior parte das pessoas perderem a noção do que são 10 km ou 2 km, porque se seguiam era mais pela percentagem da bateria...”

“Como assim?” perguntou Bruninha.

“As pessoas sabem que em 6 estações do underground vão ter um carregador para carregar o telefone. Assim, ao invés de pensarem que estão a 10 km, pensam que estão a 50% de bateria de distância.” respondeu Afonso.

“Como assim?” voltou a perguntar Bruninha, “Continuo sem perceber... Ainda não consegui imaginar...”

“Ao invés de olhares para o relógio, olhas para a tua bateria. Imagina que até as 13h tens coisas para fazer. Se acordares às 11h, sabes que tens tempo para ir ao supermercado, ir tomar um café com um amigo e deixar uma carta aos correios. Mas acordaste às 12h e ao invés de olhares para o relógio, como olhavas, agora olhas para a bateria e vêes que só tens 40%. E como só tens 40%, só vais ter tempo de ir ao supermercado e deixar a carta e já não podes ir tomar o café com o teu

amigo, porque às 13h vais ter um almoço e vais precisar de tempo para pôr o telefone a carregar. Ou seja, olhas para a tua bateria e é a tua bateria que vai “ditar” se vais ter tempo para fazeres as coisas que tens ou tinhas para fazer, porque depois vais ter “que ter tempo” para pôr o telefone a carregar.” explicou Afonsinho.

“Como se as pessoas precisassem de bateria para um almoço ou para um jantar... Como é que é possível???? Os jantares e os almoços tornaram-se todos almoços e jantares tecnológicos, porque as pessoas levam agora os telefones para os almoços e para os jantares... Por isso, é que precisam da bateria... Que horror! A mim é que não me apanhavam num almoço ou num jantar tecnológico desses! Em que está tudo com os telefones... Que horror! Como é que as pessoas deixam de ir ter com os amigos, deixam de ir aos cafés, passear, porque estão sem bateria ou a ficar sem bateria???? Mas quem é que precisa de bateria para estar com os amigos ou passear???? Eu ando sempre sem bateria! Ando sempre sem telefone! E consigo encontrar-me com toda a gente! Eu fico insurreto quando oiço isto, desculpem lá!... Isto não é normal! 40% de bateria dá-me para 3 dias!!!” indignei-me.

“Ou seja, as pessoas que dizem que não podem ir ter com o amigo, porque não têm bateria “suficiente” e têm que carregar primeiro o telefone, começaram a usar a bateria como uma unidade de medida para substituir o tempo ou a distância.” acabou Afonsinho.

“Isso é muito fixe!” exclamou Dário.

“Isso é muito estúpido!” rematou Silvinha.

“Eu vou começar a dizer as distâncias em percentagem de bateria...” [risos]

“Vais só começar a ser estúpido, portanto...” rematou outra vez Silvinha.

“Convém frisar que isto foi um estudo feito com 22 pessoas em Londres à classe de fato e gravata...” avisou Afonsinho.

“Sim... Mas que eu aposto que não são só 22 pessoas de fato e gravata em Londres que estão a pensar assim... Aquelas 22 pessoas que foram perguntadas estão a pensar assim, como mais um universo de 1 milhão de pessoas em Londres que não foram perguntadas estão a pensar assim, como mais um universo de 1 milhão de pessoas em Lisboa está a pensar assim, como mais um universo de 1 milhão de

peças em Madrid está a pensar assim, como mais um universo de 1 milhão de peças em Barcelona estão a pensar assim, como mais um universo de 1 milhão de peças em São Paulo estão a pensar assim, como mais 1 milhão de peças em Rio de Janeiro estão a pensar assim...” palpitei.

“E 1 milhão de peças em cada uma dessas cidades que disseste é pouco...” palpitou Silvinha.

“Nesse estudo que fizeram, as peças disseram que, se saíssem com 100% ou quase 100% de bateria, o dia ia ser “um dia em cheio” e estariam cheios de vontade e energia de sei lá... De irem ver o dia através daquele ecrã como o costumam fazer...” [risos]

“Tão triste...” interrompeu-me Silvinha, “Já viram? As peças deixarem os telefones ditarem e governarem assim as suas vidas...” [risos]

“Se saíssem com 50%, já saíam um pouco stressadas... Já não iam estar assim muito motivadas para tudo aquilo que viesse a acontecer no dia...” continuei.

“Isso é exatamente como eu me sinto quando saio com 50% de bateria!” afirmou Dário.

“Viram? O Dário faz parte do milhão de estudantes de Lisboa que sente stressado ou pouco motivado, quando sai de casa só com 50% de bateria... Afinal, os vossos palpites, Jaime e Silvinha, não estão assim tão longe da realidade...” gozou Afonsinho.

“Isto é real Mário? O teu namorado está a brincar ou está a falar a sério????” perguntei chocadíssimo.

“É verdade... Eu quando vi o estudo, tive que o esconder dele. Senão, já sabia que o Dário ia ver o estudo, ia-se identificar com o estudo e só por haver um estudo com 22 pessoas de fato e gravata e ele andar sempre de fato e gravata para todo o lado, iria achar normal...” respondeu Mário.

“Não me digas que tu achas isto normal, só porque há 22 pessoas em Londres de fato e gravata com este pensamento doente, que por acaso é o mesmo pensamento que a tua mente fabrica...?” [risos]

“Sim, Silvinha. Eu acho que é um pensamento perfeitamente válido e normal. Tanto que é normal que há 22 pessoas em Londres de fato e gravata, de classe média alta, talvez até da alta finança que pensam exatamente como eu...” [risos]

“Uh!... Espera lá!... Então, se são da alta finança, muda tudo... Surreal! Parece-me que temos aqui mais um caso real nesta mesa para adicionarmos aos 22 londrinos de fato e gravata...” [risos]

“Mas se achas que é um pensamento doente, já que és psicóloga, podes me levar a mim e aos outros 22 londrinos de fato e gravata para dentro do teu consultório...” [risos]

“Já que falas nisso e se não te importares, vou mesmo querer levar-te a ti e aos outros 22 londrinos, para a minha clínica de psicologia para caso de estudo... Que eu estou a precisar de clientes... E já que são da alta finança... Clientes da alta finança é outro nível...!” [risos]

“Eu estava a ler *O Algoritmo do Amor* do Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala e como vocês sabem o Fred e o Jaime d’*O Algoritmo do Amor*, costumam ir namorar para um spot no Jardim da Gulbenkian... Fiquei cheio de vontade de ir para lá também com o Dário... Mas adivinhem... Não fomos, porque o Dário disse que tinha 20% de bateria e que lá não havia tomadas para ele carregar o telefone...” [risos]

“Surreal, Dário! E para que é que ias precisar de mais do que 20% de bateria, se ias com o teu namorado para a Gulbenkian? Estou mesmo curioso...” provoquei-o.

“Eu conheço esse tem tom de cobra... Ia ter um jantar muito importante e ia mesmo precisar de ter bateria no telefone para o jantar...”

“Mas 20%, dá perfeitamente. Ou quando estás com o teu namorado, estás com o telefone? Ora, se estavas com o teu namorado e fossem para a Gulbenkian, independentemente de demorarem 15 minutos ou uma hora, até à Gulbenkian, calculo que não fosses ao telefone no caminho, por estares com o teu namorado, logo, continuarias com os 20% de bateria. Na Gulbenkian, também calculo que não estivesses ao telefone, não só por estares num maravilhoso jardim, mas sobretudo, por estares com o teu namorado, logo continuarias com os 20% de bateria. Nos jantares e nos jantares muito importantes, é importante não estarmos ao telefone, pelo que ainda que mexesses, mesmo assim, no telefone uma ou outra vez, ficarias com 19 ou 18 ou 17% de bateria... Ainda que ficasses com 16 ou 14 ou 12 ou 8% de bateria, porque o jantar estava a ser uma seca e telefonaste ao Mário, ainda terias 8% de bateria

para falares com o Mário ao telefone na volta do caminho para casa.” [risos]

“Esse teu tom de cobrinha... Não te fica nada bem... Parece que torces para que o Mário acabe tudo comigo.”

“Pois, torço! Porque não o mereces! Acho que o Mário devia arranjar um namorado melhor do que tu! Se o meu namorado não quisesse ir namorar ou passear comigo para o Jardim da Gulbenkian, só porque não há tomadas no jardim para carregar o telefone, eu acabava logo com ele... Ainda por cima, depois de estar a ler *O Algoritmo do Amor* do Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala, que o que mais apetece a seguir, é mesmo ir para a Gulbenkian com o nosso namorado.”

“Eu até já descobri qual é o spot do Jaime e do Fred d’*O Algoritmo do Amor...*”

“Como é que descobriste, Mário?” perguntei-lhe.

“Por causa de uma descrição que está lá no livro, muito subtil do spot...”

“Mas tu já leste *O Algoritmo do Amor*, quantas vezes?”

“Umas cinco... Enquanto não sai o segundo... Vou lendo o primeiro... Nunca me canso de ler!...”

“Quando é que vai sair o segundo?”

“Não sei, mas acho que está quase a sair...”

“E no segundo já é a viagem deles em São Miguel?”

“Não sei se a viagem deles em São Miguel vai ser já no segundo ou se só vai sair depois no terceiro. Ou se já há uma parte da viagem já no segundo...”

“E para o ano vai sair o filme do livro.”

“O quê??? Eu não sabia disso...”

“E não é só o filme... Vai também sair em telenovela e em teatro...”

“Mas acho que a telenovela e o teatro não vão sair já para o ano, ou vão?” perguntou-me Silvinha.

“A telenovela não sei... Mas a peça de teatro se não sair este ano, vai sair de certeza para o próximo ano...”

“Mas o filme vai ser só com o primeiro livro ou com os outros que irão também sair entretanto?”

“Isso já não sei...”

“O *Algoritmo do Amor* é o melhor romance de sempre alguma vez escrito!” exclamou Luís Carlos.

“E O *Algoritmo do Amor* não é um qualquer romance. É um romance político, jurídico, científico, tecnológico...” disse Dário.

“Ah! Esperem lá! Parou tudo! Parou tudo, que o Dário afinal também lê romances...” zombou Bruninha.

“Eu não leio romances... Eu li o *Algoritmo do Amor* porque, para além de ser um livro e um romance obrigatório, não é um romance como os outros. Além de que, não é um livro sobre o amor.”

“Desculpa, mas o *Algoritmo do Amor* é um livro sobre o amor.” contradisse Bruninha.

“Não é! Não podes dizer isso, porque não é verdade. É verdade que tem lá uma história de amor, mas aquilo não é um livro sobre o amor. Aquilo é um livro sobre o Direito, sobre a Medicina, sobre a Economia, sobre a Psicologia, sobre a Tecnologia, sobre a Política, sobre a Ecologia, sobre o Ambiente, sobre a Biologia, sobre a Botânica, enfim... Sobre tudo! Tu

naquele livro aprendes tudo. Não aprendes sobre o amor. Por isso, não é um livro sobre o amor. Está considerado um romance, porque há a história do Jaime e do Fred...”

“Aquilo é um livro, sim, sobre o amor! Como é que dizes que não aprendes ali sobre o amor? Tu não deves ter lido o mesmo livro que eu, de certeza absoluta! O amor do Fred e do Jaime é uma grande lição de amor! É uma inspiração! É um modelo! E é uma esperança! Tu ao entrares na relação deles, consegues ver o quão a relação deles é perfeita e o quão possível é tu teres uma relação perfeita, se souberes gerir o meio e as outras relações que tens à tua volta!” continuou Bruninha a disputar com Dário.

“Para mim, *O Algoritmo do Amor* é um romance psicológico. Tem lá imensa psicologia! Eu digo mesmo, aquilo é um autêntico manual de psicologia das relações!” exclamou Silvinha.

“Claro que a psicóloga aqui do grupo tinha que adotar *O Algoritmo do Amor* como manual de psicologia...” zombou Dário.

“Vocês já viram? Como está tudo a ficar doente com os telefones? Parece que toda a humanidade virou

mesmo um caso de estudo... É que isto é um fenómeno mundial... Eu entrei no outro dia com o Mauro Bruno no metro na Cidade Universitária, vocês têm noção o que é verem toda a gente nos telefones? Não havia uma única pessoa, uma única pessoa, para além de nós, que não estivesse a mexer no telefone. Ninguém nos viu. Ninguém deu pela nossa presença. Eu senti-me um fantasma... 'Tu não te sentiste um fantasma?' perguntou Silvinha dirigindo-se finalmente a Mauro Bruno.

“Senti-me...” respondeu Mauro Bruno.

“Ora, sejam bem-vindos ao meu mundo dos fantasmas! É assim que me tenho sentido todos os dias nesta Era tecnológica... Sinto-me um fantasma tecnológico!” exclamei.

“Que tu és um fantasma tecnológico, já todos nós sabemos... E és uma alma que o sistema tecnológico quer caçar...” zombou Dário.

“E tu, meu querido amigo Dário, tens mesmo cara de caçador tecnológico de almas... E por falar em caçador tecnológico de almas... Na minha mesa de jantar, eu não quero ver telefones em cima da mesa... Já

o tinha dito! Há um lugar para os telefones durante os jantares na minha casa, Dário!” repreendi Dário.

“Desculpa, meu querido amigo Jaime! Vou já guardá-lo... Nem reparei que o tinha em cima da mesa...”

“O bolso não é sítio para guardares o telefone. Se não te importas, Dário, levantas-te da mesa, saís da sala de jantar, viras à direita e guardas o telefone na primeira gaveta da cómoda do *hall*, como todos nós que estamos aqui sentados à mesa o fizemos, não o fizemos?” perguntei dirigindo-me a todos.

“Sim, claro!” responderam todos em coro.

“Vês, querido Dário? A distância aqui da mesa à gaveta julgo ser 1% de bateria.”

“Já estou a ir, querido Jaime. E por acaso, são 2% de bateria. Não pode ser na segunda gaveta?”

“NÃO, DÁRIO! TEM QUE SER NA PRIMEIRA GAVETA!”

“MAS PORQUÊ NA PRIMEIRA GAVETA E NÃO NA SEGUNDA?”

“PORQUE SÓ ISOLEI COM CORTIÇA A PRIMEIRA GAVETA. O SOM ATRAVESSA E PENETRA AS OUTRAS GAVETAS E ENTRA PELOS TELEFONES.”

“E PORQUE É QUE ESTAMOS A GRITAR?”

“PORQUE ESTAMOS A 2% DE BATERIA. VOLTA PARA A MESA!”

“É por estas e por outras, que gosto mais de jantar contigo lá fora... Os jantares em tua casa, parecem os jantares em casa dos meus pais... Tudo cheio de regras, tudo cheio de etiquetas e preceitos... Mas tu ainda consegues ser pior que os meus pais, porque os meus pais não me obrigam a deixar o telefone numa gaveta fechada a 2% de bateria da mesa do jantar...”

“Foram os teus pais que me contrataram para manter as regras, as etiquetas e os preceitos tecnológicos. Os nossos pais pertencem a uma outra Era menos tecnológica. Com a evolução da tecnologia temos que saber acompanhar o *Status Quo Tecnológico*. E o *Status Quo Tecnológico*, é não andar com telefones e não

os trazer para a mesa e deixá-los sim a 2% de bateria da mesa do jantar, numa gaveta fechada.”

“Mas tu nunca foste assim...” disse Lúcio.

“Mas tudo isso é por causa dos algoritmos? perguntou-me Dário.

“Deve ser por causa do *Big Data*...” palpitou Lúcio.

“De certeza, que deve ser do *Big Data*, ó Lúcio... Que ele veio lá do Curso de Inteligência Artificial com novas regras, etiquetas e preceitos tecnológicos...” zombou Dário.

“É também, mas não só...”

“Então, é também por causa do quê? Podemos saber?” perguntou Silvinha.

“Por causa dos hackers...”

“Dos hackers?” [risos]

“Tu deves pensar que estás nos *Cavaleiros Tecnológicos* do Barac Bielke, ó Jaime...” zombou Lúcio.

“Não... Mas quando nós sentimos a tecnologia, nós protegemo-nos da tecnologia...”

“E tu sentes sempre?” perguntou Dário.

“Se calhar, sinto...”

“Mas proteges-te sempre?”

“Se calhar, até me protejo. E mesmo que eu não me aperceba, ou porque esteja com amigos, ou porque esteja num ambiente confortável ou num ambiente que me é íntimo, e que, portanto, eu deveria poder estar à vontade, se calhar, até tenho um *terceiro olho* mais tecnológico do que qualquer outra tecnologia que se encarrega de comunicar com esse sistema tecnológico...”

“Vês...? É por causa desse teu esoterismo tecnológico e dessa tua *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que és um fantasma tecnológico... Cuidado!... Com os caçadores dos fantasmas e das almas... “Eles andam aí”... É por isso, que és um fantasma tecnológico...!”

“E deixa-me adivinhar... Tu és o meu caçador tecnológico... Vieste aqui para capturar a minha tecnologia...”

“Vês...? Como és um gajo inteligente...? Tu és o gajo mais inteligente que eu conheço, juro-te! Nunca te

esqueças disso! E nunca te esqueças que eu te amo, meu irmão! E se vim para capturar a tua tecnologia, é porque sou um dos teus *Anjos Tecnológicos* enviado pel’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom.”

“O quê???” Já leste o livro? Falei-te dele no dia do café...”

“Sabes que, *Anjo Tecnológico* como sou, tive que fazer o meu trabalho de casa e ver até onde é que vai a tecnologia do teu cérebro... Ordens d’O *Deus Tecnológico*... Tu percebes...”

“Vocês sabiam que *O Algoritmo do Amor* foi um dos livros mais odiados pela indústria do tabaco?” perguntou Afonsinho.

“A sério?”

“Sim... Porque 1 em cada 3 fumadores que leram *O Algoritmo do Amor* deixaram de fumar... Mas eu não sei se isto que eu vi não era uma *fake new*, porque a fonte não era muito confiável...”

“Ah!... O que eu vi foi que 8 em cada 10 pessoas que leram o *Algoritmo do Amor* deixaram de comer carnes vermelhas e... 4 desses 8 foram adotar um porquinho como animal de estimação...” disse Lúcio.

“Opa, isso é peta! O quê? Não acredito!” disse Mauro Bruno.

“Mas quem me dera que isso fosse verdade...!” disse Luís Carlos.

“Sim... Quem me dera!” concordei.

“Quem me dera, era que fôssemos parar ao *Jupiter* de Gabriel Garibaldi.” disse Luís Carlos.

“Oh! Isso... Quem nos dera a todos...!” disse Mauro Bruno.

“Mas, enquanto o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi não chega, quem nos dera que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy tomassem o poder! Assaltassem, ou pelo menos, *hackeassem*, interferissem tecnologicamente com o nosso parlamento!” exclamou Dário.

“O quê? Também já o leste????” perguntei-lhe.

“Fui logo comprar o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e *Os Autores do Sistema* no dia a seguir quando falaste neles. O *Jupiter* já li. *Os Autores do Sistema* ainda estou a ler, mas assim que acabar, vou também comprar os outros de que falaste.”

“Quais outros?” perguntou-me Afonsinho.

“O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, que pelos vistos ele já comprou e já leu, e *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto.”

“Ah! Eu adorei todos!”

“Eu também adorei! E *O Deus Tecnológico* vai sair também em peça de teatro.” disse Silvinha.

“E também tinhas falado do 2080...” lembrou-me Dário.

“Ah, sim!... Do Antoine Canary-Wharf.”

“Esse também está brutal! É super futurista! Adoro!” exclamou Silvinha.

“Sim... Mas é aquele futurismo super real... Que só é futurismo porque ainda não vês na nossa realidade, mas porque não vês, só porque ainda não calhou...” disse Bruninha.

“Achas que é uma questão de tempo?...” perguntou-lhe Silvinha.

“Acho...”

“Achas que o Direito e a Tecnologia vão estar assim em 2080?”

“Muito antes até...”

“A sério? Acreditas mesmo nisso?”

“Acredito! Tu não?”

“Não sei... Tu és *triângulo*, *trapézio* ou *pentágono*?”

“O quê? O que é que vocês estão para aí a falar?” perguntou Dário “à nora”.

“Quem é que daqui já leu o *2080*?” perguntou Silvinha.

“Nós.” respondi incluindo Afonsinho.

“Eu.” declarou Luís Carlos.

“E eu.” declarou Mauro Bruno.

“Tu, eu sei meu querido namorado.”

“Eu sou *trapézio*...” respondeu Bruninha à pergunta de Silvinha.

“Pois, tu és como o Mauro Bruno... Estão sempre no seu mundo paralelo... Eu sou *triângulo*. E tu, Luís Carlos?”

“Eu também sou *triângulo*, Silvinha.”

“E vocês os dois? Eu aposto que são os dois *pentágonos*...” perguntou-nos Silvinha.

“Sim... Somos... *Pentágonos*...” respondeu Afonsinho.

“Claro... Vocês são os mais transcendentos e esotéricos... Tinham que ser *pentágonos*!”

“A sério, que nos vão deixar assim ao papel?” ripostou Lúcio.

“Também estou à nora, puto!” disse Dário.

“Não é muito justo ficarmos à parte, só porque ainda não lemos o *2080* de Antoine Canary-Wharf... Ao menos podiam explicar-nos essa vossa conversa dos triângulos, trapézios e pentágonos...” contestou Dário.

“Nunca ouviste dizer que informação é poder, Dário? E que a justiça é relativa? Se tivesses já a informação tecnológica sobre teu poder, talvez achasses justo o Jaime, o Afonsinho, o Luís Carlos e o Mauro Bruno, fiquem de fora da tua tecnologia...”

“Não percebi, Bruninha.”

“Não faz mal. Depois de leres o *2080* de Antoine Canary-Wharf, conversamos...” [risos]

“Só para concluir o nosso estudo, que as pessoas que deixam as suas baterias ir a baixo são percecionadas pelos outros como *out off touch with the social norm of being connected* e, portanto, não estão aptos de serem membros competentes da sociedade. Eu que saio de casa com 20, 10 ou 5% de bateria sou visto pelos 22 londrinos e pelo Dário como um membro inapto e incompetente da sociedade tecnológica deles, por estar fora da norma social de estar conectado...”

“Mas mais vale estares conectado a nós, Jaime, que não precisas de telefone, do que estares conectado à sociedade tecnológica do Dário e companhia limitada em que é preciso um telefone...”

“Tu hoje estás imparável comigo... Tu e a Silvinha... Não me param de me atacar... Até parece que vos fiz algum mal...! E já agora, quem é que é essa companhia limitada, Bruninha?”

“Mas estás a sentir-te atacado? Não sabes quem é a tua companhia limitada? Devias saber...”

“Diz lá qual é a minha companhia limitada? Agora quero saber...”

“Então são os teus 22 novos amigos londrinos, Dário!” respondi-lhe inocentemente.

“Não... A Bruninha está a querer dizer-me alguma coisa e eu quero saber... Isto de repente instalou-se aqui uma conversa paralela, não foi Bruninha? Diz lá, qual é que é a minha companhia limitada?”

“Por acaso, nem sei se a tua companhia é limitada, por acaso, tem mais cara de ser anónima... Mas é uma companhia que está lá sediada em Londres... Arranjaste uma boa companhia...”

“Eu não sei se estou bem a perceber a tua conversa...”

“A Bruninha está a falar dos teus 22 novos amigos londrinos, anónimos, porque não sabes quem são, e “companhia sediada” em Londres, porque eles são londrinos... Não é Bruninha?” insisti inocentemente.

“Não, Dário! A Bruninha agora decidiu ficar contra mim e está a falar comigo em código jurídico e eu percebo muito bem a conversa paralela que ela quis trazer agora aqui à mesa...”

“Eu achava que tu eras um pouco mais inteligente, Dário... Confesso! Tu é que estás a ver conversas paralelas... Eu não trouxe conversa paralela nenhuma para aqui ... Mas ainda bem que estás a ver códigos jurídicos... É importante que os vejas!”

“Bom! Eu acho que já ninguém está a perceber a vossa conversa, já entornámos 3 garrafas de vinho...”

“Também somos 10 à mesa, calhou dois copos e pouco a cada um...” interrompeu-me Mário.

“Mas já calhou estarmos fora da recomendação da OMS. A recomendação é um copo de vinho tinto à refeição, e não é cheio, nem é sequer metade, é um copo de vinho, para termos os benefícios cardiovasculares... Mais que esse copo de vinho, já não estamos a tirar benefício nenhum do vinho, e nós servimos bem os copos... Bem demais, até!...” interveio Afonsinho.

“Muito obrigado Afonsinho, pela tua informação médica! Posto isto, quem é que vai querer cafés?”

[—Guardaste mesmo o telefone na gaveta?

— Achas? Claro que não! O jantar foi todo gravado...

O teatro e o jantar enriqueceram-nos... Vocês viram aquela minha picardia com a Bruninha?? Sobre companhias, empresas e anónimas... ..

— Mas sabes... Teve piada o Jaime ali todo inocente...

— E tu não podes ir tão assim profundo nessas conversas com ele, ele pode descobrir-nos...

- Porque é que elas estavam sempre a falar do *2080* de Antoine Canary-Wharf????
- É que houve pessoal que saiu da *Aplicação*, por causa dessa vossa picardia...
- Será que há algum problema jurídico disto que estamos a fazer??
- Sei lá...! Até dar um *traque* no meio da rua é proibido...
- Até entrar com a música a dar alta num transporte público é proibido...
- Até comer carne de porco é proibido...
- Até fazermo-nos aos namorados dos outros é proibido...
- Até gravarmos alguém, quem quer que seja, sem a sua expressa autorização é proibido...
- Até tirarmos uma fotografia a alguém sem a sua autorização é proibido...
- Até entrarmos de drone na casa de alguém é proibido...

— Qualquer dia não se pode fazer nada...

— Pois, não se pode e tu não podes ser assim tão profundo com ele... Estás a ouvir????

— Sim, não podes... Isso dá cana...

— Não dá cana nenhuma...

— Dá cana sim...

— Não dá... Oiçam lá malta, nós somos os melhores amigos do gajo... Ele nunca iria pensar algo sobre nós... Vocês não ouviram isto que ele disse sobre os hackers?... Se, por acaso, ele descobrir a *Aplicação* ou alguém perto dele lhe disser que ele está na *Aplicação*, o que seria quase impossível, ele deu-nos a desculpa perfeita... Fomos hackeados...

— Ohhhh! Que pena!... Fomos todos hackeados!...

— E depois não se esqueçam, que nós precisamos da cabecinha dele um pouco baralhada para a “experiência”...

— E onde é que vamos fazer a experiência?

— Na minha casa, claro...

— Porquê, na tua casa?

— Porque eu é que tenho a TV ideal para vermos o filme...

— Porque é que a tua é a TV ideal para a experiência...?

— Porque a minha tem câmara e microfone... Dá para gravarmos a experiência e metermos na *Aplicação*...

— Mas vamos drogar o Jaime antes ou depois do filme?

— Antes, claro! Que é para aquilo bater...

— Para o gajo ficar todo atrofiado...

— Nesse dia vamos ser 5, a contar com o Jaime... Fazemos logo uns 5 canhões de erva a girar pela malta toda...

— Ainda não percebi, porque é que ele tem uma predisposição genética para esquizofrenia se fumar cannabis...?

— Na prática é preciso a existência do gene, da vulnerabilidade e de um fator do ambiente para o

espoletar de esquizofrenia pelo consumo de canábis. E ele tem uma mutação no gene COMT do tipo Val/Val que vai dar a transcrição de proteínas erradas. O gene COMT codifica a proteína COMT, e esta proteína está envolvida no metabolismo de dopamina, norepinefrina, epinefrina e serotonina. Mas ele tem lá um erro neste Gene COMT que o vai pôr em risco de desenvolver esquizofrenia muito maior se ele fumar cannabis, do que num cenário em que não fumasse.

— Mas como é tu descobriste isto?

— O meu pai tem um amigo que tem um laboratório...
Foi só levar um cabelinho dele ao laboratório...

— Arrancaste-lhe um cabelo?

— Não. Convidei-o para vir dormir a minha casa.

— E se ele ficar esquizofrénico quem é que vai depois seguir o *target* dele?

— O meu pai é psiquiatra.

— O teu pai também está na *Aplicação*?

— Estamos todos na *Aplicação*... O COMT supostamente devia degradar a dopamina, mas se o COMT tiver erro não vai degradar...

— Logo vai haver dopamina em excesso...

— E qual é o mal de haver dopamina em excesso?

— O mal é justamente a esquizofrenia... A fisiopatologia da esquizofrenia envolve um excesso de dopamina em determinadas vias neuronais. O modelo mais aceite é o de vulnerabilidade-stress que traduz uma interação entre a genética e o ambiente, e nós vamos ser o ambiente que vai interagir com a genética dele...

— Vamos ser o stress dele... Vamos stressá-lo com o nosso filme.»

IX

***“DÁ-LHE OS BONS NUTRIENTES,
EMBEBEDA-O DE ÁGUA”***

“Ah! Eu amo-te Jaime!” veio abraçar-se Mauro Bruno a mim assim que me viu.

“Eu amo-te Mauro!”

“És o melhor irmão de todos! Eu amo-te!”

“Tu é que és o melhor irmão de todos, Mauro! Eu amo-te!”

“Ah! Era capaz de ficar assim a ti abraçado o resto do dia, Jaime!”

“Eu também Mauro!”

“Isto faz-me lembrar quando éramos mais novos e escapávamo-nos sempre de tudo e de todos para nos abraçarmos infinitamente...”

[—Malta! RÁPIDO!! Venham rápido ouvir isto! Temos de pôr isto na *Aplicação*! Vocês nem vão acreditar! É desta que vamos ficar ricos!

— O quê? Afinal é mesmo verdade isto do Mauro Bruno ser bi?

— Mas qual é o espanto? Já vos tinha dito que também tinham metido o gajo na *Aplicação* e que andava a sacar bicos ao Jordão...

— Mas eu não vi o Mauro Bruno a fazer bicos nenhuns ao Jordão, nem tu... Ouviste falar...

— Mas foi por fontes seguras... O Mauro Bruno está noutro campeonato da *Aplicação*...

— Não vimos bicos nenhuns entre o Mauro Bruno e o Jordão, mas vamos ouvir as bicaças que estes dois vão fazer um ao outro... Estão os dois famintos um pelo outro... Até parece que consigo ouvir o bater do coração na voz deles...]

“Os nossos abraços pareciam que não tinham fim... Afinal, ainda te lembras?”

[— Oh putos, isto é lindo! Vocês estão a ouvir o mesmo que eu?

— Sim, estamos todos a ouvir...]

“Claro que me lembro! Achas que eu me esqueceria disso?”

“Sei lá!... Nunca mais nos abraçámo-nos como nos abraçávamo-nos...”

“Mas estamos agora a abraçar-nos... Como nos abraçávamo-nos...”

“Ainda tínhamos que estar mais uns vinte minutos nisto, para nos abraçarmo-nos como nos abraçávamo-nos...”

“Mas por mim, podemos estar até uma hora assim... Por mim era o resto do dia assim contigo... Por ti não?”

[— O que é que vocês acham que vai acontecer?

— Eles vão se comer, não vão??

— Vão! E nós vamos ficar ricos...

— Vamos ficar ricos depende... Se isto não for parar ao *Big Data*... Temos que ser mais rápidos que os algoritmos do *Big Data*...

— Eles não estão ligados à Internet...

— Então, como é que estamos a ouvi-los?

— Pelo software que eu instalei no telefone do Jaime, estamos a ouvir o microfone do telefone do Jaime sem precisarmos de correr mais rápido que os algoritmos do *Big Data*, porque o *Big Data* ainda não sabe que este dois se vão comer à grande como nunca se comeram...

— Acham que eles já se comeram?

— Ou melhor... Acham que eles se andam a comer às escondidas...?

— Isto era só a melhor revelação de sempre... Façam figas! Porque os vamos apanhar em flagrante delito...]

“Por mim também...”

“Ah! Pensava que estavas com pressa para te escapares de mim... Outra vez...”

“Outra vez? Eu nunca me escapei de ti...”

“Escapaste, escapaste...”

“Claro que não me escapei... Estou aqui contigo...”

“Escapaste para as mãos do Afonsinho... Eu deixei-te escapar para as mãos dele... Mas não te vou deixar voltar a escapar... Não vais voltar a escapar!”

[— Estou confuso! Afinal eles já tiveram um caso?]

“O quê?”

“É o que ouviste... Eu amo-te! Chega-te mais... Encosta-te mais... Ah! É tão bom sentir-te... Poder tocar-te...”

“Mauro! Já não me podes tocar assim dessa maneira no rabo...”

“Porquê? Pensei que éramos irmãos...”

“E somos... Mas não me apalpes assim... Estás a deixar-me desconfortável...”

[— Sou o único aqui que estou excitado? Esta cena está-me a dar uma tusa descomunal...

— Acho que és o único...

— Vocês não gostavam de estar neste momento na pele do Jaime?

— Eu preferia estar na pele do Mauro Bruno...

— Isto é uma história linda de amor...

— De amor ou de traição?]

“Porquê? Pensei que gostavas... Sempre te apalpei assim e sempre gostaste...”

“Nós éramos mais novos Mauro... Mauro, para... A sério, para... O que estás a fazer?”

“Só estava a ver como estava o teu rabinho... Já tinha saudades disto... Eu amo-te!”

“Eu também te amo, mas se o Afonsinho te apanhasse a apalpares-me assim, dava-te uma sova...”

“Achas mesmo que o teu namorado me dava uma sova? Eu é que lhe dava a ele!... Gostavas de me ver a dar uma sova ao teu namorado?”

“Eu gostava era de ver o meu namorado a dar-te uma sova...” [risos]

“Por falar nele, onde é que ele está?”

“Também foi com eles...”

“Foram todos apanhar ondas? E deixaram-nos em casa aqui sozinhos... Eu não me responsabilizo por nada...”

“Não te responsabilizas...?”

“Eu não... E tu?”

“Eu também não, então...”

“Ah! És tão lindo, Jaime! Eu amo-te!... Ias tomar duche?”

“Ia...”

“Podíamos tomar os dois...”

“Não sei, se é boa ideia...”

“Não sabes, se é boa ideia?”

“Sim...”

“Mas, porquê?”

“Estás muito estranho Mauro...”

“Estranho? Sé estou excitado como tu...”

“O quê?”

“Ah! Estou tão excitado puto... Excitas-me tanto...”

“Mauro?! O que é que estás a fazer??? Tira a mão!!! O que é que estavas a fazer???!! Mauro?????!!”

“Não estás também com tesão? Eu estou todo tesoso...”

“Claro que não!!! O que é que tu estás a dizer????? Porque é que tu estás tesoso, Mauro???”

[— Ah, sim! Claro! Agora faz-te de inocente, ó burro...]

“Porque te estive a abraçar...”

“Mas desde quando é que os nossos abraços te dão tusa, Mauro????”

“Desde sempre, Jaime! Como a ti te dão!”

“Não... Como a mim me deram... Quando éramos mais novos e quando eu não namorava com o Afonsinho, nem tu com a Silvinha... E eu não sabia que tu eras bi...”

“Não sabias como? Vais dizer que nunca sentiste a minha tusa nos nossos abraços? Nós os dois fervemos quando nos abraçamos... Sempre fervilhámos... Os nossos corações batem a um ritmo descomunal que parece que nos vão sair pelo peito... Nunca sentiste o meu coração a sair-me pelo peito em cada nosso abraço, queres ver?”

“Sentia o meu. E achava que sentia também o teu... Mas não tinha a certeza disso... Tu agora é que me estás a dizer tudo...”

[— Este Jaime tem uma sorte!... Consegue estar sempre metido nas maiores *merdas*, e depois ficar sempre bem na fotografia! Começo a odiá-lo...

— É que tem sempre a mesma sorte!

— Faz as mesmas coisas que nós, as mesmas *merdas* que nós, aproveita-se enquanto está a fazer *merda* e depois consegue ficar sempre bem... É sempre a mesma *merda!*... Isto assim nem tem piada!...

— E ele aproveitou-se muitíssimo bem...

— Por acaso, acho que ele estava mesmo a ser sincero...

— Claro, que não estava!

— Eu acho que ele estava e acho que ele não fazia ideia que a cena ia chegar onde chegou... Acho que ele foi apanhado de surpresa...]

“Mas não sentias a minha ereção? Eu sempre senti a tua, como é que nunca sentiste a minha?”

“Eu achava que sentia a tua... Achava que também ficavas ereto, mas não tinha a certeza... E os nossos abraços nunca passavam de abraços... Depois apareceu a Silvinha na tua vida e o Afonsinho na minha vida e achei que fossem coisas da minha cabeça...”

“Mas não são coisas da tua cabeça! São coisas do nosso coração! Eu sinto exatamente o mesmo por ti! Eu amo-te! Ninguém tem que saber de nada! Podemos continuar com as nossas vidas... Eu com a Silvinha, tu com o Afonsinho... Eles amam-nos e nós amamo-los! Mas também nos amamos! Mas podemos curtir os dois sempre às escondidas... Podemos ter este nosso amor às escondidas... Ninguém tem que saber...”

“Porque é que te estás a despir?”

“Vamos tomar duche...”

“Eu não vou entrar aí contigo assim... Larga-me a mão Mauro! Mauro!! Não me puxes!!! Não vou entrar!!!! Tu não estás a perceber nada!... Eu não acredito que estou a passar por isto contigo!... Estás a fazer uma confusão disto tudo!.. Veste-te, por favor! Vamos conversar!”

“Eu não quero conversar... Eu só te quero beijar! Quero o nosso primeiro beijo!”

“Mauro eu amo-te! Amo-te como um irmão, como um melhor amigo! Estás a confundir tudo! Toda a intimidade que tive contigo neste abraço, só o tive porque achava que eras hétero. Eu não sabia que eras bi ou gay... Já nem sei se quer se és bi... Eu amo-te, mas é

como um irmão! É do Afonsinho que eu gosto por amor. É ele que eu amo!”

“E eu amo-te a ti, Jaime! Não consigo parar de pensar em ti! Não sou gay. Sou bi. Penso em ti como penso na Silvinha. A Silvinha para mim é tudo...! Mas tu também és tudo para mim!... Só penso em ti e na Silvinha! Eu juro, que não penso em mais ninguém! É só em vocês os dois... Mas eu preciso dos dois na minha vida...”

“Tu já me tens na tua vida, como teu irmão. É da Silvinha que tu gostas por amor. Não é de mim! Estás a confundir todos os teus sentimentos. Não podes pensar em mim dessa maneira! É tudo uma questão mental, Mauro. O amor está também no cérebro... Veste-te! Não quero mais olhar para ti assim e ver-te nu. Veste-te! Mete pelo menos uns boxers e uma t-shirt... Também não quero ver-te agora de tronco nu. Veste imediatamente a t-shirt!”

[— Pronto... Estragou tudo... Lá se vai a nossa sorte milionária...

— Olha que não sei se não ficamos também milionários com isto...

— Claro, que não! Achas mesmo? Isto não vale nada...
Hoje, uma história sem sexo, não vale nada...

— Tu és tão sexualmente redutor! Às vezes assusta-me ouvir-te...

— O que te assusta é a verdade que sai da minha boca...]

“Desculpa, Jaime! Não sei onde tinha a cabeça! Posso voltar a abraçar-te? Não queria deixar-te desconfortável... Mas achava mesmo que também querias, como eu...”

“Claro, que me podes abraçar!”

“Disseste que o amor está no cérebro? Eu não concordo...”

“Disse que o amor está também no cérebro, sim...”

“Desculpa Jaime, mas não concordo... Para mim o amor só está no coração...”

“Compreendo a tua resposta... Mas deverás saber que isso foi o que se inventou... Para nos baralhar... Para nos verem a trair... Para nos verem a sofrer...”

“Como assim?”

“Assim como o amor está no cérebro, a inteligência está no cérebro... E, é por isso que se fala em inteligência emocional... A inteligência do amor é simplesmente a confirmação do autorreconhecimento que o amor nos foi e nos é e nos foi e nos está inscrito no cérebro.”

“Então e o coração?”

“O coração como tu bem sabes, Mauro, simplesmente mantém-nos vivos, bombeia-nos o sangue ao cérebro e ao amor... Enfim, é um veículo do alimento para o amor... O sangue alimenta-nos o amor...”

“Como é que sabes isso?”

“O nosso cérebro é uma das maiores engenharias inventadas e ele assistiu a toda essa invenção. Assistiu à sua própria invenção. Assistiu ao seu próprio nascimento. É por isso, que se fala em intuição...”

Enfim, a intuição é a associação que o cérebro faz do presente com aquilo que viu ou sabe do passado. Esse passado, que é a herança dos nossos genes. Dessa maravilhosa passagem de informação genética!... O cérebro não adivinha. O cérebro não é nenhum bruxo, mas sabe representar várias possibilidades de mercados e outras várias possibilidades de perversidade... Um amor entre nós, só teria lugar num mercado perverso de dados. Porque esse mercado que nos vê, escuta e nos olha para os algoritmos que temos nos cérebros queria era ver-nos sempre a traír o Afonsinho e a Silvinha. É isso que temos para oferecer ao mercado com tantos quadros bonitos que pintamos e que sabemos pintar? Porque o cérebro também é um grandíssimo pintor! O cérebro sabe pintar uma data de quadros bonitos... E quando ele te mostra um quadro, deves saber interpretá-lo. E para interpretar, basta escutá-lo. E agora sim, com um coração mais inteligente, mais tecnológico, já o poderás escutar. Porque esse quadro que te apareceu no cérebro, se o quiseres verdadeiramente, o cérebro vai transferir-te o quadro para o coração, para o poderes guardar para sempre, para o poderes andar com ele ao peito, como uma cruz, para todo o lado. É assim, que eu ando com o Afonsinho. Ando com o Afonsinho sempre ao meu peito. Mas só ando com ele ao meu peito, porque o tenho primeiro sempre no meu cérebro e na

minha mente. O cérebro é como um avô que já viu tudo, já viveu tudo e já sabe como as coisas vão acabar. É um avô que tem muitas histórias para contar. E para sabermos ou ficarmos a saber a história, basta ouvir... Basta ficar a ouvir o cérebro... Por isso, só tens que te sintonizar com o teu cérebro!”

“E como é que eu me posso sintonizar?”

“Quando dizes que gostas de mim, na verdade não gostas de mim... Talvez gostes da ideia, de uma certa expectativa que elaboras à minha volta... Essa elaboração é motivada pela atração... Eu diria que aquilo que sentes por mim é tão-só físico, é tão-só corporal... És humano e por isso, não te condeno... Mas se te sentes atraído por mim, liberta-te dessa atração, porque sabes que essa atração não te vai levar a lado nenhum, senão a uma mentira que vives com a Silvinha. Eu já estive atraído por ti, mas já não estou mais. Liberta-te dessa atração! Eu já me libertei, Mauro... Liberta-te, também!”

“E como é que eu faço para me libertar, se não consigo parar de pensar em ti?”

“Enfim... Masturba-te! Masturba-te como quiseres. Masturba-te 4 vezes seguidas. Masturba-te um

dia sem parar. Imagina-me das formas que quiseres contigo. Masturba-te, a pensar em mim, todos os dias numa semana, se for preciso... Mas depois esquece-me! Esquece-me, nesses preceitos, para sempre! Esquece que tive contigo nesses preceitos! Apaga-me do teu cérebro! O nosso cérebro, Mauro, consegue apagar tudo o que quisermos! E arruma-me assim numa gaveta e pronto! E depois sim, vem abraçar-me verdadeiramente e vem dizer-me que me amas como um irmão! Porque eu quero dar-te as mãos, Mauro! Eu sempre quis dar-te as mãos. Quero andar contigo de mãos dadas. Sempre quis andar de mãos dadas contigo para todo o lado. Sempre te quis gingar, por isso ginga-me também. Eu vou gingar-te como o irmão mais bonito e mais forte do mundo! Mas tens que ser forte! Tens que ter o teu cérebro forte! Dá-lhe os bons nutrientes e ele será forte. Embedada-o de água e ele estará sempre lúcido. Desprende a tua mente do vício. Não podes ter vícios nenhuns, senão o vício de querer ver a realidade. E se conseguires ver a realidade, verás que sou teu irmão. Só tens que me ver como um irmão. Quando me vires, então eu dispo-me. Despir-me-ei nesse momento para ti. E aí sim, já poderemos recriar inocentemente as fantasias do nosso cérebro: já poderemos tomar duche juntos, já poderemos tomar banhos de emersão e passar o sabão nas pernas um do outro numa infinita conversa

balneatória de almas. Até poderemos atrevidamente dar um íntimo beijinho de respeito se chamarmos *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom para ver e testemunhar o carinho, a amizade, a irmandade, a inocência e a gratuidade.

X

**

“ABRA O CÓDIGO E LEIA PARA TODOS”

**

“Vocês nunca nos contaram isso! Isso é real?”

“É real, é Silvinha... Afonso queres contar tu ou conto eu?”

“Tu queres contar...?”

“Tu queres contar...”

“Eu posso contar...”

“Então conta tu, Afonso...”

“Tínhamos acabado de cortar o cabelo no Saldanha e íamos, entusiasmados, em direção ao Campo Mártires da Pátria, para almoçarmos. Quando chagámos a Picoas, o Jaime queria optar pelo caminho clássico e contornar o edifício da antiga PT pela direita, a opção mais longa. Pois eu, conhecendo um atalho, convenci o Jaime a tomarmos o caminho que contorna o edifício

pela esquerda – foi esse o momento decisivo de toda a história, depois irão entender o porquê. Estávamos a contornar o edifício da PT, com um sol quente que me fez tirar a camisola. O Jaime segurava-me pelo braço, à minha direita. Por baixo da última árvore do percurso, onde a última sombra repousava sobre a relva, havia um grupo de homens, em vestimentas de quem faz trabalhos pesados na construção, numa obra mesmo ali do lado, que usufruía daquela árvore e da sua sombra. Não teria reparado neles, não fosse uma voz pacóvia a emanar por entre os capacetes e coletes verdes: “liberdade de expressão! Viva a *paneleirage!* Deem um linguado! Faz-lhe um bico! Põe-te de 4 para ele, ó tu que vais aí agarradinho ao bracinho dele, epá deem um linguado!”

“Vocês estão a gozar... Que horror! Que horror! Que horror!!!!” estorcegou-se Silvinha.

“O meu cérebro levou alguns segundos a processar a informação, e quando finalmente me apercebi de que o discurso rudimentar se dirigia a nós, já nos encontrávamos no meio da estrada e já o Jaime se virava, a fazer um gesto de que ia telefonar para a polícia, mas que o ofensor viu naquele gesto um pirete. Parecendo ser um pirete, dificilmente a coisa ficar-se-ia

por aí e, confirmando as expectativas, a mesma voz parola, que interpretou aquele gesto como um piteite e como convite para diálogo, começou a dizer que o Jaime era mesmo burro, que ele não tinha ofendido, mas sim elogiado...”

“Ah! Claro... “Faz-lhe um bico”... “Põe-te de 4...” Ele é perito a elogiar, digo já... Eu acho que sim... Eu acho que o que mais queria era estar com o meu namorado a passear na rua e uma besta dessas virar-se para mim e dizer para fazer um bico ao meu namorado ou para lhe espetar um linguado ali na rua... Acho que sim... Oiçam... A sociedade está toda doente!” disse Silvinha.

“Doente e decadente!” exclamou Bruninha.

“Começou também só a chamar nomes, a fazer ameaças físicas, enfim... Estão a imaginar... E é nesse preciso momento que "o caldo entorna"... Para o ofensor, claro está, porque para nós foi o momento de nos sentarmos confortavelmente no sofá e começarmos a comer da gigante caixa de pipocas. "Eu vou chamar a polícia imediatamente", dizia o Jaime, após tendo conseguido escapar dos meus braços, estando já a milhas de mim e a uns poucos nanómetros daquele feio e barrigudo trabalhador. Já com o telefone nas mãos

para contactar a polícia, e já o barrigudo em pé, ouvia-se a mesma voz básica a gritar "Eu vou-te espancar caralho! Chama a polícia à vontade." Eu decido retirar imediatamente dali o nosso Jaimezinho, para mantermos um certo diâmetro de segurança. Penso que terá sido por isso que avistámos um agente da PSP, apelidado de Azinheira que regulava ali, em óculos de sol, o trânsito, por causa da obra. O mesmo dirigiu-se para a zona da confusão, e uns segundos depois, não sei como nem de onde, surge mais um agente da PSP."

"Não, amor... Esse apareceu depois com o Azinheira..."

"Ah... Esse Azinheira foi o agente que tomou a iniciativa de gerir aquela situação toda. Repetiu várias vezes, num discurso viciado e algo robótico na sua expressão, que "Nós queremos ser a solução do problema", e questionei, cada vez que o "Nós" se soltava da boca do agente Azinheira a que partes essa primeira pessoa do plural se referia. Seria um "nós" de população civilizada? Seria um "nós" de partes de um sistema organizado? Seria um simples "nós" de agentes da PSP? Fica a dúvida... Mas, tendo em conta o desenrolar dos acontecimentos, apostaria sempre no mais básico dos "nós". Mal avistou que o Jaime

carregava ao colo um livro de Direito, o agente Azinheira disse: "O senhor traz aqui o código civil, por isso abra no artigo 6º e leia para todos nós".

“Vocês estão a gozar, não estão?” perguntou aos risos lucidamente Silvinha, seguindo-se as gargalhadas de todos.

“Nesse momento só me apetecia rir, mas por respeito ao autor que escreveu o drama ao qual estávamos ali a assistir em primeira mão e em primeira pessoa, continuei, simplesmente, a comer as pipocas – para risos incontrolláveis já nos bastou a Rosinha.”

“A Rosinha, Afonsinho? Quem é que é a Rosinha? Já não estou a perceber nada desta história...” perguntou Mauro Bruno.

“É a nossa cabeleireira...”

“Mas o que é que tu não estás a perceber? O Jaime e o Afonsinho foram cortar o cabelo à Rosinha, antes disto tudo...” explicou Silvinha a Mauro Bruno.

“Sim... Agora já percebi... Mas aparece assim de repente a Rosinha na história... Sabia lá quem era a Rosinha... Agora já sei... Pronto...” respondeu Mauro Bruno.

“O Jaime lá explicou que o que trazia não era o Código Civil, mas o Código Penal e mesmo que tivesse trazido o Código Civil nunca iria ler ali o artigo em voz alta como o polícia estava a pedir. No mínimo poderia era emprestar o código, para o polícia ler se ele quisesse. Lá o barrigudo trabalhador gritou as suas indignações, porque não percebia como nos poderia ter ofendido com a sua imprudente e repugnável intervenção, lá um segundo colete verde tentou conversar com o Jaime para por fim à situação sem nenhum registo oficial, lá um grupo de alunos do Liceu de Camões assistiam à cena na plateia do jardim, lá uma carrinha da polícia estava algures a caminho. A uma determinada altura, em que quase todos os intervenientes da ação se encontravam em roda, surge mais um momento de sabedoria de elevada qualidade, em que o agente abre mais um diálogo a dizer que segundo “o que dizia” a experiência dele, e “andava nisto há 30 anos”, aquilo não iria dar em nada. Às tantas, ele diz que o Jaime estava a estudar Direito... E o Azinheira é inesperadamente interrompido por um *plot twist* do Jaime: “Já acabei”. E adivinhem o que é que o Azinheira responde... *Tcharam*: “Ah! Já acabou... Então, nem devia ter começado...”

“Ah, não! Vocês estão a gozar! Isso não pode ser verdade! Vocês estão a gozar, não estão?”

“Não, Silvinha...” respondi.

“Ouve, nenhum polícia diz isso... Isso é impossível... Quem é o polícia que se vira e diz “Ah, já acabou Direito? Pois, olhe, nem devia sequer ter começado...” Não há palavras para isso... Eu não as tenho.” disse Silvinha.

““O senhor sabe que isto não vai levar a lado nenhum, sabe ou devia saber” disse o nosso Azinheira” continuo Afonsinho a contar, ““portanto eu acho que isto mais valia ser resolvido com um pedido de desculpas” E nisto, mal acaba o Azinheira esta frase, e estende-se a mão do barrigudo ofensor, para dar um Passabém ao Jaime. O Jaime agradeceu a sugestão do agente Azinheira ignorando por completo, sem nunca olhar para o barrigudo de mão estendida. Pusemos o filme em pausa algumas vezes, e o Jaime comentava comigo em como tudo aquilo era ridículo e anticonstitucional.””

“Não, Afonso... Eu nunca disse que aquilo era “inconstitucional”, mas que aquilo era ridículo, era...”

“Mais algum tempo passou, ouvia-se o barrigudo ansioso por ter de voltar para a obra, porque já se tinham passado 40 minutos e “nesta brincadeira”, se ele fosse despedido aí é que ele iria para o tribunal para ser indemnizado. Ouvi também o Azinheira a dizer que já devia de ter ido embora, mas que também estava ali para que as coisas “não corressem mal para o lado dele”. De repente, temos um intruso em cena, um sem-abrigo a tentar agredir uma rapariga e que por momentos desvia a atenção da cena principal para ele, mas que rapidamente foi aniquilado. “Isto hoje está mau... Deve ser do sol”, dizia Azinheira, partilhando prazeres de gargalhadas com o barrigudo ofensor. Finalmente chegou o carro da PSP, e nesse ato excluíram-me da cena, tirando a parte em que um novo agente, loiro, veio perguntar-me se comigo estava tudo bem, ao que respondi que obviamente também me senti ofendido. E quando lhe contei a minha versão da história e a brutalidade das palavras do barrigudo ofensor, o polícia respondeu com “Pois... pois...” associado a um olhar de compreensão. “Já vamos resolver isto”, disse ele, e fui de novo excluído da cena. Quando as identificações foram recolhidas e o filme parecia que já tinha dado tudo o que tinha a dar, surgiu a cereja no topo do bolo: para fechar em grande, o agente Azinheira aproximou-se de nós com o seu desadequado discurso, desta vez

para citar grandes autores do século XVI. E entre Gil Vicente e Fernão Magalhães, a mensagem que quis passar foi de que somos um povo de marinheiros e que ainda vamos passar por muitas situações iguais ou piores a esta, que não valia a pena acionar os meios por isso, porque na sociedade em que vivemos para ele tudo aquilo era normal e que quem tem esse tipo de atitude – o tipo de atitude de quem quer fazer as coisas bem – só está a perder o seu tempo. Enquanto ele proferia tamanha sabedoria, da minha parte apenas se ouvia o barulho das pipocas e da parte do Jaime a resposta: “há quem diga que estamos a perder tempo e há quem diga que estamos a ganhar tempo.” A parte mais engraçada no meio disto tudo, é que não tivéssemos vindo pela esquerda do edifício da PT, nada disto teria acontecido. Talvez tivéssemos no sítio errado, na hora errada... Eu acho que não – nós sempre gostámos muito de ir ao teatro.”

“Fogo! Vocês ganham sempre bilhetes à borla para irem ao teatro... Também quero!” rematou Dário.

XI

“FIZESTE-ME COM AS TUAS PALAVRAS UMA ESPÉCIE DE OPTOGENÉTICA”

“Mas fizeste-lhe ou não lhe fizeste um pirete, amor?”

“Claro que lhe fiz um pirete, amor!”

“Amor! Tens noção que eu andei este tempo todo a achar que não lhe tinhas feito nenhum pirete? É que quando ele disse que tu lhe fizeste um pirete, tu negaste sempre à frente dos polícias e disseste que fizeste foi o gesto de telefonar a dizer que ias telefonar à polícia...”

“Sim, amor... Mas isso foi o que eu disse aos polícias...”

“Tu és tão lindo amor! Foste mesmo convincente... Eu acreditei mesmo que não tinhas feito o pirete e o mais engraçado, é que eu vi tu a fazeres o pirete, mas depois a dizeres que tinhas feito o gesto de

telefonar, o gesto que irias telefonar, foi como se tivesses apagado o pirete da minha memória... Fizeste-me com as tuas palavras uma espécie de optogenética...”

“Não é só o Fred d’O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala, que sabe fazer optogenética ao seu namoradinho... Eu também sei fazer optogenética ao meu namoradinho...”

“Sabes mesmo, Jaime!...”

“Se ele tivesse dito aquilo em alemão, sueco ou dinamarquês eu não teria feito aquele pirete, porque ainda não percebo alemão, sueco, nem dinamarquês. Se eu estivesse em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e um alien me ofendesse em alienês eu não teria feito aquele pirete, porque não percebo alienês. Mas aquele parolo, que não tem outro nome, não é nenhum alien! E eu não estou em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, estou na Terra. E ele não disse aquilo nem em alemão, nem em sueco, nem em dinamarquês! Disse em português, em Lisboa, à uma da tarde, claro que tinha que lhe fazer um pirete! Não me podia ficar! Tive mesmo que lhe mandar aquele pirete! E mandava-lhe outro!”

FIM

RALF KLEBA-KODAK TODOS OS DIREITOS RESERVADOS©

Agradecimentos

**Jupiter Editions
Konica Minolta**